

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	1
A PROPOSITO DE UMA IMPOR- TANTE DESCOBERTA AR- CHEOLOGICA BRASILEIRA	Arthur Neiva	4
RECORDAÇÕES DE DONA QUI- TERIA	João Ribeiro	8
CONSENTIMENTO AO MATRI- MONIO	Heitor Maurano	14
UMA FARÇA	Julio Cesar da Silva	18
A VELHICE E O CONCEITO DE VORONOFF	F. Mendes da Rocha F.º .	26
UMA CARTA INEDITA DE AN- CHIETA.	Gentil Moura.	28
FAIRY-LAND	A. C. Couto de Barros. .	30
A REIVINDICAÇÃO FEMININA EM NEW-YORK	Orlando Machado	35
A SANTOS DUMONT.	Pethion de Villar	38
ANSIA ETERNA	Gentil de Camargo	41
A VIDA	Rodrigues de Abreu.	42
O LIVRO DE GOLDBERG	Gilberto Freyre.	43
CRÔNICA DE ARTE	Mario de Andrade	50
O GUIZO.	José Mesquita.	54

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DE-
BATES E PESQUIZAS — CURIOSIDADES
— AS CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL — RUA DOS GUSMÔES, 70 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000 NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA

Auto-Sport

ANTUNES DOS SANTOS & C. IA

Rua Barão de Itapetininga, 30 e 32 — Telephone Cidade, 3594 — S. PAULO

Representantes de Automoveis

DODGE BROTHERS

S. SMITH & SONS de Londres — “Accessorios para automoveis”

THE SHERWIN WILLIAMS Co. — Newark N. J. U/S/A

“TINTAS E VERNIZES PARA AUTOMOVEIS”

Stockistas dos Pneumaticos MICHELIN

Accessorios em geral para automoveis, gazolina, oleos e graxas,

Posto de Serviço para Accumuladores, Cargas, concerto e reforma.

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma bôa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

**Papel, materiaes para
construcçāo, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.**

COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e vitoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILV e THÉO-FILHO
Secretario: AGRIPPINO CRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a rese-
nha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar
de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

LOTERIA DE S. PAULO

Para S. Pedro - Quinta-feira, 28 de Junho

2 0 0 : 0 0 0 \$ 0 0 0

dividido em tres grandes premios, sendo um
de 100:000\$000 e dois de 50:000\$000.

Bilhete inteiro 9\$000
Fracções \$900

Os bilhetes já estão á venda em toda a parte.

O maior Successo Esportivo

“DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

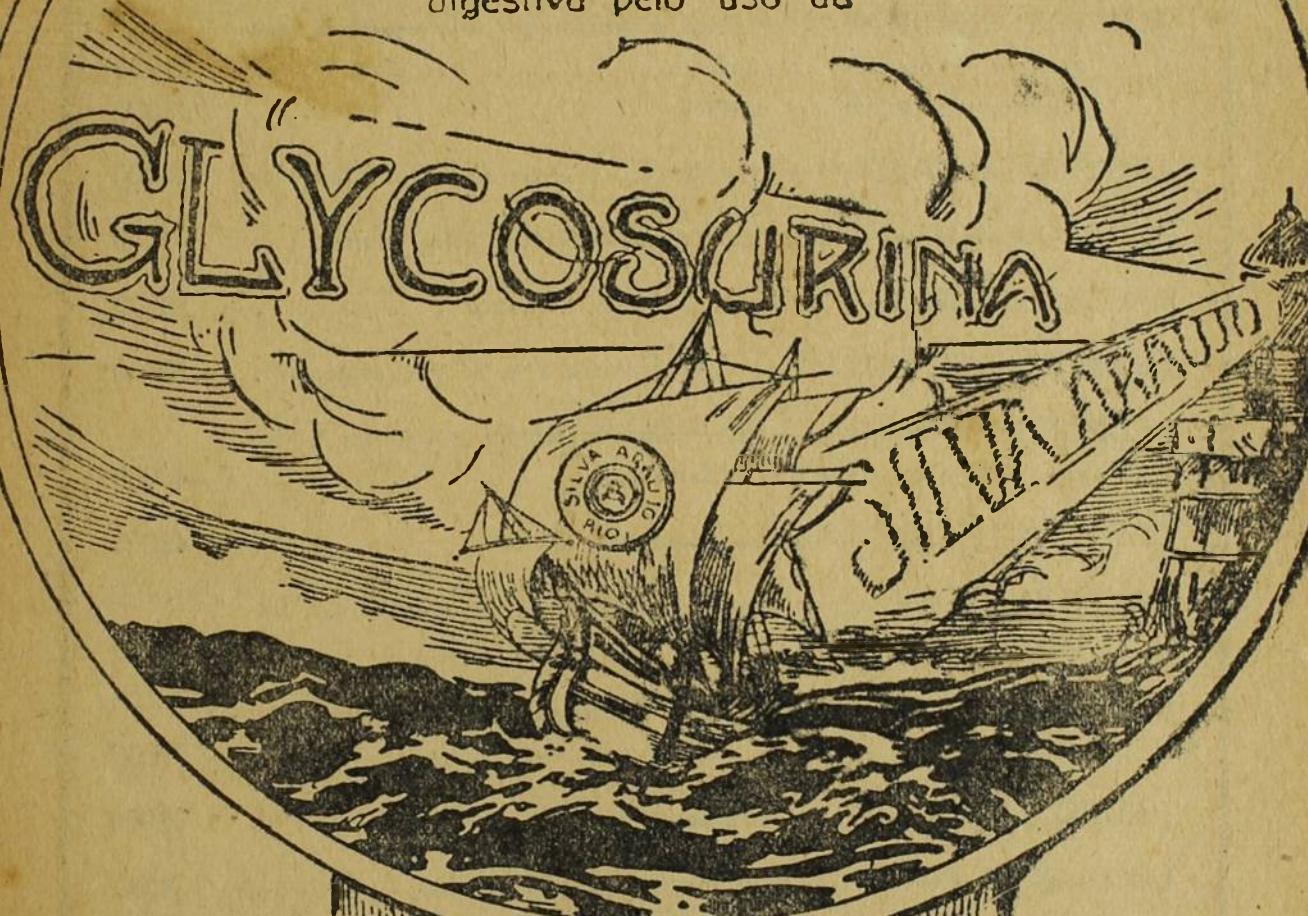
diz “O ESTADO DE S. PAULO: “Cremos que não existe outro melhor trabalho
no genero em lingua portugueza: está destinado a ser o companheiro
indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua dos Gusmões, 70 — São Paulo

DIABETICO'S

é preciso combater a perda de açucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos órgãos internos essenciais a vida e restabelecer o apetite e a função digestiva pelo uso da



heroico medicamento composto de plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

— III —

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2.ª edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2.ª edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1.ª edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathic das doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro, allocuções</i>	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILLO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradução da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÉME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos homens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros, versos</i>	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras, versos</i>	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjuncções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco falecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

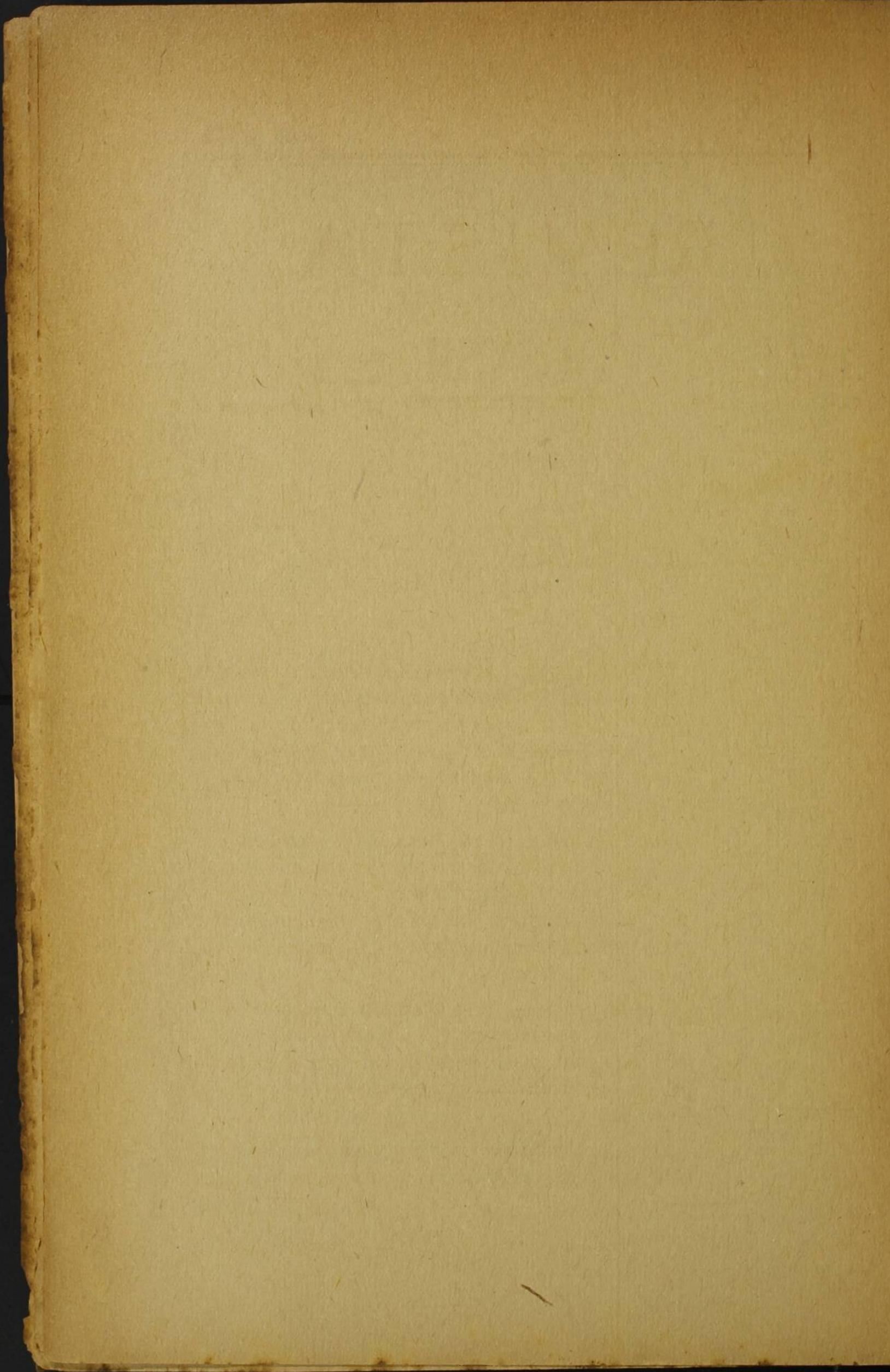
VOLUME XXIII

MAIO — AGOSTO DE 1923

ANNO VIII



SÃO PAULO — RIO
BRASIL



N. 89

Maio 1923

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:
PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDATOR
SECRETARIO:
JULIO CESAR DA SILVA

O MOMENTO

FOI de novo prorrogado o estado de sitio, na Capital da Republica e no Estado do Rio, até 31 de dezembro deste anno.

A imprensa — salvo as exceções vibrantes de dois vespertinos — não a commentou.

Nas reuniões da rua, nos clubs, em todos os centros de nossa actividade social, não mereceu ella mais attenção do que a derrota de um "team" de foot-ball, ou a partida, solemne e concorrida como um enterro, de algum morubixaba da situação.

Nesta terra — que a rhetorica chrismou de terra dos bandeirantes — a populaçao, em questões publicas, divide-se em tres grandes grupos: os politicos, os fazendeiros, os indiferentes.

Para os politicos não se poderia sonhar com mais delicioso torrão para governar e

mandar. "Terra da unanimidade", já disse com o seu sarcasmo andradino um illustre mestre. A familia politica em São Paulo é sem duvida a que offerece a mais tocante união e harmonia, de todas que povoam e felicitam o vastissimo territorio brasileiro. As vagas oposições que ao longe se formam, atrevidas e incontinentes, vêm morrer submissas e arrependidas deante da escadaria do Palacio do Governo. Para essa gente, que importa a continuação do estado de sitio na capital do paiz? não é esse decreto mais uma garantia para o goso suave das delicias do mando, ou a tranquillidade assegurada nas posições que ocupam?

Para os lavradores... deveremos perturbar o sonho enganoso dos fazendeiros paulistas? Cambio a cinco, café a trinta mil réis a arroba. A esse preço, a vida é um encanto. Os cafezaes curvam os galhos pesados da safra abundante; em meio dos altos eucaliptos branqueja, senhorial e acolhedora, a casa do fazendeiro; pelos campos rescententes do cheiro oleoso do capim gordura pastam os graves Hereford de cara branca... A vida é um encanto! Para além da linha azul clara das serras do horizonte, ha, é verdade, outros homens em luta, ha a desgraça dos que não ganham o pão duro de cada dia, ha as prisões cheias de gente, de quem até os nomes ignoramos, ha toda a miseria humana, infinita e muda... Que importa? O café está caro, e quem o sustenta é o governo paternal e omnipotente. Votemos no governo.

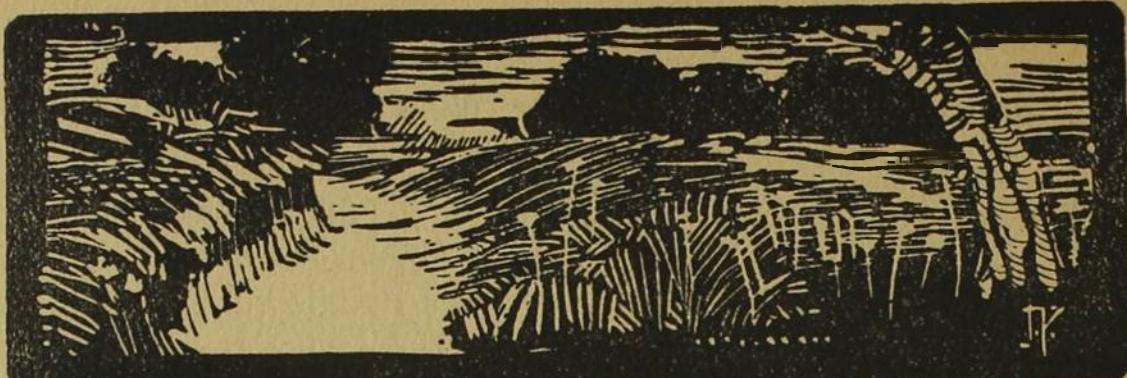
Para o grupo dos indiferentes, ha outras preoccupações que enchem a vida. Essa é a massa gregaria, é "o rebanho sem aprisco e

sem pastor”, de que fala o poeta. São os ávenas, os recem-chegados, os cosmopolitas, os enriquecidos de pressa — todo o bando de gerifaltes do soneto herediano — mescla desultoria que attrahe a terra rica, o clima ameno, a riqueza facil. E’ a gente rica, brasileira e estrangeira — servos do dinheiro feudal e sem patria — que aqui vivem como no Alaska ou no Labrador, tirando o ouro do solo milagroso, e no mais completo alheamento dos interesses sagrados da collectividade. São tambem os epigonos da grandeza passada, fructos anemicos da decadencia da raça, amorphos e gelatinosos, que tudo acceitam, tudo toleram, tudo applaudem e só se agitam para correr atrás dos poderosos do dia.

Taine dizia que na realidade só duas unicas cousas separam o Homem do animal e o Grego do barbaro: o estudo da philosophia e o cuidado dos negocios publicos.

Talvez assim se explique por que passou sem commentarios, em São Paulo — terra dos bandeirantes — a sensacional noticia da prorogação até 31 de dezembro do estado de sitio na capital da Republica.

P. P.



A PROPOSITO DE UMA IMPORTANTE DESCOBERTA ARCHEOLOGICA BRASILEIRA.

AGORA que todo mundo scientifico se agita em torno das pesquisas archeologicas emprehendidas pelo inditoso Lord Carnavon e dos descobrimentos realizados no territorio ocupado pela antiga Chaldéa, não é inteiramente inopportuno chamar attenção para a importante descoberta archeologica effectuada entre nós no Municipio de Penalva, Estado do Maranhão.

No Brasil não é diffcil encontrar nas revistas dos Institutos Historicos referencias ligeiras ou estudos pormenorizados sobre cidades e ruinas de extintas civilisações ou inscripções reveladoras de suppostas migrações phenicias.

Certa vez, viajando entre os *geraes* que ficam entre a Bahia e o Estado de Goyaz, depararam-se-me umas rochas de tal forma gastas pela acção do vento e das areias que continuamente as attritavam, que não foi sem esforço que abandonei a idéa de ter descoberto ruinas ciclopicas atestando uma exticta e maravilhosa civilisação. Encontrava-me, talvez, sob o influxo de leituras antigas quando, adolescente ainda, me deixara transportar por um artigo, escripto creio, no primeiro volume da "Revista do Instituto Historico do Brasil" e no qual alguém descrevia uma cidade prehistorica existente nos sertões da Bahia. Muitos annos depois, li referencias a taes ruinas em noticia dada por um diario a proposito das explorações feitas por um senhor de nome Bach, se me não engano.

Mais tarde, já com mais experencia da vida e das coisas, fui refugando toda essa historia de cidades em ruinas e de inscripções e tudo quanto de maravilhoso apparecia em jornaes e revistas brasileiras. Provavelmente, para tal scepticismo, muito concorreram as decepções que experimentara ao saber das historias e dos erros commettidos por homens de valor como, por exemplo, Ladisláu Netto, que se deixou embrulhar na questão das inscripções phenicias, cuja traducção chegou a tentar, travando a esse respeito discussão com Renan; ficando comprovado não passar tudo de uma pilheria arranjada pelos amigos, á qual não fôra estranho o proprio Pedro II.

Nos maravilhosos arredores da cidade do Rio de Janeiro existe um suburbio de todos conhecido: refiro-me á Gavea. O bizarro da fórmula das montanhas dessa região, a dificuldade que antigamente havia de accesso a essa parte do Rio, o delirio de querer ver inscripções em toda a parte e a grande imaginação que, graças a Deus, nós brasileiros possuimos, levaram alguns individuos, com pendores archeologicos, a descobrirem nas pedras da Gavea desenhos e inscripções mysteriosas, que desafiavam qualquer decifração. Em um dos volumes da "Revista do Instituto Historico do Brasil" existe um artigo a esse respeito e, não ha muito tempo, a proposito da questão, alguem realizou uma conferencia na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Quando era rapaz, recordo-me de ter lido em artigo ilustrado e que reproduzia as ruinas do solar de Avila Pires, no reconcavo bahiano, o qualificativo "medievaes", que o autor lhes applicara, e durante muito tempo eu repetia a cincada e não foi sem tristeza que abandonei o erro que cercava de tanto prestigio o velho solar arruinado. Em compensação, porém, um engenheiro bahiano, cujo nome não me lembra, procurou demonstrar que todos os nossos petroglyfos e inscripções em arvores e desenhos de qualquer natureza em rochas, não passam talvez de rudimentares processos de determinação dos rumos traçados pelos bandeirantes, quando descobriam o Brasil. E' possivel que haja exagero no modo exclusivista de encarar a questão e, incontestavelmente, existem desenhos realizados pelos indios em varios pontos do Brasil, e a esse proposito pude dar algumas informações sobre o que vi em uns lagedos proximos á villa de Parnaguá, no sul do Piauhy.

As linhas que precedem são indispensaveis para demonstrar que, em materia de archeologia nacional, sou profundamente desconfiado. Espero, porém, que terei de me render á evidencia diante da importante descoberta archeologica realizada em uma lagôa do Maranhão pelo sr. Raymundo Lopes, quando a documentação for ainda maior.

Trata-se de um jovem professor do Lycêu Maranhense e que teve oportunidade de estudar na Lagôa Cajary a 60 kilómetros de São Luiz, os restos de uma habitação lacustre sómente visíveis por occasião de estiagens excepcionaes.

Eu sou um admirador sem limites dessa especie de gente que, desamparada de recursos nas pequenas capitales do Norte, onde a unica cogitação é a politica, conserva uma chamma de ideal e vae com os proprios elementos intellectuaes, mais adivinhando do que estudando, porquanto nem siquer pôde dispor de boas bibliothecas, por um prodigo de intuição procura fazer sciencia e comprehende o valor de tanta coisa que escapa á attenção do meio em que vive.

O brasileiro, em geral, não aprecia investigações scientificas e rapidamente esquece os trabalhos desse genero. Gonçalves Dias só se celebrou no Brasil porque foi um grande poeta; a indifferença que o brasileiro em geral tem pelas coisas da sciencia, lacuna herdada do portuguez, nunca deixou ver o papel de scientist exercido pelo extraordinario bardo e cantor do I-juca-pyrama. Esta evoação me veiu á mente pela circumstancia de ter me ocorrido á lembrança o facto do sr. Raymundo Lopes proceder da mesma região brasileira e, como seu illustre compatriota, dedicar-se aos estudos de ethnographia.

Abordemos porém o assumpto: Existiam no Lago Cajary uns paus fincados que appareciam quando a secca era forte, emergindo das aguas. Mais adiante, bem no centro do lago, viam-se detrictos e restos de objectos quebrados e que tambem só aflogravam á superficie do liquido quando o nível das aguas baixava muito.

Ao Geca da região não tinha escapado o estranho da coisa, tanto assim que já denominara o logar onde os paus fincados eram mais numerosos de *esteiaria* e aquelle onde se accumulavam os restos de uma cerâmica cujo valor não podia apreciar, recebera o baptismo de *cacaria*. Pois foram esses cacos e aquelles esteios que chamaram a attenção do moço maranhense, o qual, investigando mais de perto, poude realisar uma descoberta que, dado o caso de se confirmar, e tudo leva a esperar, será a demonstração da primeira povoação lacustre existente em todo o territorio americano.

Na "Revista do Instituto Historico do Brasil" encontra-se no Itinerario da Provincia do Maranhão, da lavra do coronel Lago que percorreu aquella Provincia nos fins do reinado de D. João VI, a primeira referencia sobre a materia, aliás, condensada apenas em algumas linhas. Cesar Marques, no seu Diccionario Historico do Maranhão, e posteriormente Moreira Pinto, no "Diccionario

Historico Geographico Brasileiro", reproduzem exactamente a laconica referencia do coronel Lago. Era tudo quanto se sabia.

O sr. Raymundo Lopes comprovou que os esteios foram conservados numa condição especial de terreno, tanto assim que a parte que existe ainda fincada está mantida em estado de conservação superior á porção que se põe em contacto com o ar periodicamente. Tal phenomeno já tinha sido registrado nas habitações lacustres da Suissa, algumas contando mais de quatro mil annos de existencia e encontradas em excellente estado de conservação.

O estudo da *cacaria* revelou o encontro de uma ceramica adiantada e que promette fornecer elementos dos mais curiosos e que talvez desperte interesse maior quando confrontada com a de Pacoval, estudada por Ferreira Penna e Ladisláu Netto.

Approximadamente ha quatro annos que o joven investigador maranhense estuda tão curiosas jazidas archeologicas e que tão alto interesse despertaram no illustre ethnologista norteamericano Farabee quando, no Museu Nacional, teve oportunidade de ver as photographias e objectos que lhe foram mostrados pelo seu descobridor.

Creio existir um largo campo scientifico onde o nome do Brasil se possa exaltar, se, porventura, não faltarem os meios e elementos de trabalho. A principio o estudo do pesquisador maranhense apenas despertou curiosidade; felizmente, procurando honrar o nome de Athenas com que os filhos desse Estado baptisaram São Luiz, a noticia do descobrimento interessou os poderes publicos que, na medida das suas forças, procuraram auxiliar o estudosso moço a trazer até a capital do paiz os primeiros resultados das suas investigações, sendo digno de todos os encorios a ajuda que, máo grado a pequena renda de 4 contos annuaes, lhe procuraram prestar os dirigentes municipaes de Penalva.

Oxalá que esse amparo não lhe falte, e que o joven pesquisador possa continuar a realizar seus estudos apenas esboçados e que irão despertar o mais alto interesse scientifico nos centros cultos do mundo onde taes pesquisas são tomadas na devida conta.

ARTHUR NEIVA.



RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

— Oh! por aqui, snr. Matos?

— E' verdade. Venho dar-lhe uma boa noticia. Vou casar-me.

— Sente-se. Parabens.

O Matos sentou-se a meu lado. Interrompi a leitura que fazia de uns versos obscuros de Horacio:

per angustum tenuis vulpecula rimam...

Que absurda essa imagem da *vulpecula* em tão ajuizado poeta!

— Como que você falou em absurdo?...

— Não. Estava a pensar nos versos de Horacio...

— Ah! isso é outra coisa.

O meu velho amigo Matos, contou-me então a sua aventura de um terceiro casamento. Não era um barba-azul; mas, enfim (dizia jovialmente) é coisa triste envelhecer na solidão... Não acha?

Approvei os seus terceiros planos de felicidade e, ao despedir-se, lembrei-me de lhe dar a lér um manuscrito que o acaso de um leilão de livros velhos pozera em minhas mãos.

— Sei que você é grande leitor de antigualhas, e veja se esse manuscrito vale alguma coisa.

Na verdade, como editor, que sou, tinha hesitações a respeito daquelles papeis. O Matos poderia talvez resolver as minhas duvidas que eram mais da falta de tempo que do exame do manuscrito.

Eis que, passados uns quinze dias, recebi esse bilhete do meu amigo:

— *Restituo o manuscripto. Se não acreditasse na sua velha amizade, teria cortado as relações.*

Coisa grave! Perdi um amigo. Mas já agora o livro será uma compensação. Vou editá-lo.

Puz-lhe o título de — *Recordações de Dona Quiteria*. Nada sei a respeito da mulher que o escreveu, a não ser esse inexplicável incidente do velho amigo Matos, que parece estar ligado a qualquer sentido equívoco do manuscripto. Será assim?

São estes os papeis revoltos que ordenei, como pude, em capítulos. Conto que haverá por ahi muita insomnio a reclamar esse toxico literario.

I

Nasci na estação da Piedade, a cem passos da Estrada de Ferro. Meus paes eram pobres e a pobreza os havia tangido para os confins da cidade, como cidadãos fronteiriços, incommunicaveis e quasi selvagens.

A casinha alvejava collada á floresta; ainda outro dia fui vel-a só para conhecer o torrão onde germei e onde abri os olhos á luz da vida. Sinto em mim aquellas arvores e creio que ainda hoje só vejo por aquellas janellas: Ficaram-me nálma.

Todos nós temos as nossas paizagens ingénitas, como se foram as sombras perpetuas do espirito.

Quando nasci, houve em casa uma pequena decepção. Esperavam que eu fosse macho.

O commendador Torresão, que havia de ser meu padrinho, costumava dizer á mamãe:

— Este ha de ser o presidente da Republica!

Todos sorriam contentes das possibilidades infinitas da democracia.

Que esperança!

Nasci mulher e mulher eu sou desconsoladamente.

Meu marido, o desembargador Cantidiano, acostumado ás subtilezas do fôro, não tem opinião muito segura acerca deste ponto.

— Sim, disse-me elle anda hontem, seja como for, tu devias ser macho. O influxo magnetico do commendador Torrezão não te fez homem, mas aleijou-te a vida. Essas tuas literaturas e caraminholas literarias que te consomem o tempo, são proprias de barbados. Pragas de padrinhos são peiores que maldição de pae.

— Então, sou acaso macho?

— Não digo isso, mas...

Taes contendas eram infindaveis. O desembargador só admite duas literaturas domesticas e proprias do sexo: a do rol da roupa e a do caderno da venda.

Quando tenho rusgas pequeninas com o Cantidiano (e graças a Deus nunca as tive grandes), costumo timidamente lembrar as opiniões do "defunto".

Falo do meu primeiro marido, já se entende. O desembargador "dá o desespero" e elle que não crê em almas d'outro mundo tem incoercivel horror ao defunto.

Depois que eu descobri esse argumento baculino, melhorei muito a minha vida literaria. O homem muda de côr, pega do chapeo e desapparece.

Fico só, e então escrevo, e dou largas á phantasia sem estorvo.

Se essas recordações merecerem, algum dia, a doçura de um premio academico, tudo será devido ao defunto providencial e opportuno que é o Deus dos meus ocios e faz milagres depois de morto.

O velho Cantidiano com o ser santo e vivo, jamais os faria...

II

Não poderia eu agora proseguir sem fallar da minha cara metade. Não quero ser vista de perfil, sem o outro lado que me completa.

O desembargador Cantidiano, meu segundo marido, homem grave e edoso, foi em verdade não digo o meu primeiro amor, mas o meu primeiro namorado.

Eu era pequenina e insignificante, e fazia-me elle festas, batia-me nas bochechas e promettia casar mais tarde, tempo adeante, quando me fizesse moça.

Eu não entendia, e nem podia entender cousa alguma, desse antecipado mysterio. Os outros, porém, entendiam por mim: minha santa mãe pensava que um marido deve ser um verdadeiro pae e qualquer homem é sempre mais jovem vinte annos que uma mulher da mesma idade.

De todas essas combinações longinhas o que me vem á memoria neste momento são os confeitos, os *bonbons* e mil coisinhas agradaveis.

Quando cresci, já o Dr. Cantidiano havia migrado para o norte. Sem traição nem infidelidade, amei o meu querido Paulo, tão cedo roubado ao meu amor.

E nunca mais ouvi fallar em Cantidiano. E creio até que lhe esqueci o nome. A vida desenha-se mais com a esponja que com as linhas.

Eis senão quando um acontecimento vulgar veiu avivar-me a memoria.

Dizem que os insectos voejam levando o pollen de uma flor para outra. Que encontros felizes não lhes prepara, ás esquecidas flores, esse instinto mysterioso!

Quando eu emmurchecia na viuvez, desenganada e triste, chegou Cantidiano.

Vinha num transatlantico, como sobre as azas de aço de um coleoptero.

Vinha para mim, sequioso, a cumprir aquella distante e alongada promessa. Quem m'o mandava?

Vinha feito Sr. desembargador, grave, mas elegante e casquinho. Parecia moço, com furtas-cores de juventude; verifiquei mais tarde que esses reflexos fugitivos de mocidade eram de natureza chimica, quando achei no fundo de suas malas uma frascaria numerosa de nitratos e de "Juventude Alexandre."

Casamo-nos.

Pouco me importa agora a sua certidão de idade.

Só lhe censuro uma pequenina fraude; por mera visinhança matrimonial, quando lhe tomo um anno emprestado, este vale dez.

Para o desembargador, eu ando ahi pelos quarenta.

— Não era! — digo eu.

O Dr. Cantidiano estudou em Coimbra, mas veio de lá português ferrenho, de quatro costados, e actualmente é um terrível "approximador".

Elle quer (ou quere, como costuma dizer) a approximação luso-brasileira.

Não estou inteiramente convertida, e por vezes divirto-me a contestal-o suavemente. Emfim, a terra portugueza tem attracções invenciveis; e, por que é que todo o brasileiro, uma vez lá, perde o orgulho de americano?

Talvez o ambiente europeu reconstitua os fragmentos ancestrais apagados pelo tempo, e a alma emigrada do americano volte á consciencia das antigas estirpes.

Não sei. A verdade é que Cantidiano quasi que só é brasileiro por favor, oficialmente.

A minha engommadeira, a Bernardina, beirôa de lingua solta, e que não se compraz em hypotheses atravessadas, disse-me ess'outro dia:

— Não creia nisso, minha senhora. São artes das ciganas de Coimbra.

— Ciganas?

Ella o disse, e com o sotaque embrulhado que tem. Pareceu dizer tziganas, mas eu ouvi claramente tricanas.

Não conheço essa gente, nem os seus feitiços diabolicos.

Seja como for, o Cantidiano é legitimo luso-brasileiro.

Agora mesmo, ahi vem elle trauteando o Fado Robles:

*Na folha da hera em verde
O teu nome eu escrrevi...*

Como é lamentoso, triste e providencial!
Chut! Guardemos o manuscripto.

III

Ciumes, não; mas uma leve pontinha de despeito, levou-me a inquirir do desembargador Cantidiano o sentido daquella exquisita allusão das tricanas.

E desfechei-lhe o golpe:

— Com que então ha tricanas em Coimbra?

Mulher de juiz, estou um tanto familiarizada com os segredos e as tricas da investigação judiciaria.

Expus a questão aos poucos, com indiferença *maieutica* como dizem os philosophos. Bastava allegar a metade, sumariamente. O resto da armadilha viria depois.

— Isso deve ser mentira (disse-me gravemente). Tricanas ha, pois não ha? existem cá também as mulatinhas que enfeitam e explicam desvios de conducta. Mas fui sempre rigido, austamente infenso a derriços baratos.

Entretanto percebi que o homem ficara perturbado. Estava elle a folheiar autos e papeis que enchiam a mesa. Era evidente o enleio que o tornaria perplexo e aturdido.

Quasi me arrependi da provocação. Os meus instintos felinos, entretanto, compraziam-se nesse tormento.

Cantidiano levantou-se e caminhou para uma estante, talvez por buscar um eclipse e me voltar as costas. Mexeu e remexeu ao acaso alguns livros, mas tão desordenadamente que um delles, enorme, e que devia ser a obra de um velho praxista, escapou-lhe das mãos e veio esborrachar-se-lhe aos pés com o fragor de quatro séculos de jurisprudencia.

Juno ciumenta, mas discreta, rompi a nuvem daquella poeira manuelina e colhi o volumoso tratado — “*De noxalibus actionibus*” — que não sei o que é, e o fui repôr na prateleira.

— Obrigado — murmurou o desembargador. Mas rapariga, quem te metteu pelo ouvido essas historias de tricanas? Ora, dá-se... ha coisas...

— Ninguem, respondi. Falei por falar. Sem intenção. Magoei-te com isso?

Houve um pequeno silencio. O desembargador um pouco atarantado, sentou-se á escrevaninha e fingiu ler.

Não lia, entretanto, que não era ler aquelle caracolar do dedo em helice a gesticular obscuros pensamentos.

— Elle é assim! murmurou.

Dahi a pouco tossiu, para encher o silencio; enfim, não se conteve. Voltou-se para mim e perguntou-me de subito:

— Falaram-te alguma coisa, Quiteria?

— Absolutamente. Não tratemos mais disso.

— Não, pelo contrario. Insisto devéras. Tu sabes que a minha vida foi sempre pautada sob o dever. Fui criado dentro de severos e rigidos principios...

Deixei desfalecer e apagar-se aquella conversação incomoda, que lhe vinha estorvar o deleite e a companhia dos velhos praxistas.

Novo silencio.

Simulei uma retirada. Mas Cantidiano embargou-me o passo e, com suave carinho, falou-me, enfim:

— Minha Quité, (é o *nom de caresse* que me dá nas horas mais intimas). Em tudo ha sempre um fundo de verdade. A unica coisa que poderiam dizer-te é que tenho um afilhado ahi pelo Mondego.

— Estás a confessar-te, e, por essa historia de afilhados, parece que o padre confessor és tu.

— Tenho um afilhadinho, (e acentuou o diminutivo como attenuante). Dei-lhe a benção, criei-o. Isso não é crime, é caridade.

Peguei-o. Como é facil pegar um homem consagrado a endireitar os tortos!

Devem estar consolados os coxos e os mentirosos.

Para mim, a consolação maior era a de saber que Cantidiano talvez levasse á pia muita gente christã, á moda camoneana “dilatando a fé e o imperio.”

Eis ahi.

JOÃO RIBEIRO.

(A seguir)



CONSENTIMENTO AO MATRIMONIO

Um ou outro joven tem vindo á nossa consulta com o proposito de saber se, sob o ponto de vista medico, estaria em condições de contrahir nupcias. Um ou outro, dizemos bem, porque, infelizmente, a maioria dos rapazes que, depois de um passado libertino, se dispõem a constituir familia, não é assim que procedem.

Syphiliticos e blenorragicos, por falar sómente em molestias venereas, que são as mais communs, casam-se sem escrupulo, mesmo na phase mais aguda da infecção. Uns, só nas vesperas do matrimonio, lembram-se de pedir ao medico um tratamento radical do seu mal em poucos dias, o que é humanamente impossivel, outros, não devidamente tratados, apressam seu casamento com receio de contrahir uma nova infecção, outros ainda, ignorantes de todo, sem jamais se haverem submettido a therapeutica alguma, apesar de fortemente infectados, não vacillam em consorciar-se, louvando-se na crença absurda de encontrar na saúde flórida das esposas, o supremo remedio aos seus martyrios venereos.

Não ha muitos dias, com grande espanto nosso, em um dos nossos diarios, deparou-se-nos a publicação de um edital de casamento de um moço que nos consultára, duas ou tres semanas antes, por motivo de um erythema syphilitico na garganta e a quem aconselháramos, em virtude da gravidade dessa manifestação mórbida, um tratamento específico intensivo por longo tempo e um isolamento relativo.

Entretanto, esse infeliz cliente, ou por falta de meios pecuniarios, o que não é de crer, ou por deficiencia de senso moral, o que nos parece mais provavel, não nos apareceu mais. "Quem souber de algum impedimento, accuse-o para fins de direito", affirmava o alludido edital, solemnemente, segundo a praxe do estylo. Na perspectiva do grave delicto que esse individuo iria praticar contra a sua inocente esposa e contra si proprio, confessamos sinceramente que tivemos vontade de accusal-o. Não podia haver motivo mais sério de impedimento do seu matrimonio do que a sua syphilis recente e descurada. Mas como accusal-o se, infelizmente, nosso Codigo Civil não cogita em absoluto das condições de saúde dos individuos, no periodo pré-nupcial?

Como é notorio, a Alemanha, já de ha muito levantou esse grande problema hygienico, eugenico e social e em alguns departamentos dos Estados Unidos, já é um facto a prova da idoneidade ao matrimonio. E porque tambem nós não poderemos levar a effeito essa importante medida? E' possivel que a imposição legal da apresentação do attestado medico de auctorisação do casamento, se tornasse inexequivel, em virtude de muitos factores de ordem moral ou social,

Mesmo, porém, nesse caso, a joven sã, por expontaneo e natural desejo de conhecer exactamente as condições de saúde do homem que a pede em casamento, não terá o direito de reclamar seu exame medico, sem que, dessa forma, attente contra o seu orgulho e dignidade? Certo que sim.

Infelizmente, a nossa sociedade admite, ao envez de uma unica, duas moraes sexuaes: uma para o homem e outra para a mulher. Em quanto que é por demais severa para com as mulheres, permitte, entretanto, aos rapazes a maior liberdade sexual.

Ora, não é justo que um moço que, egoisticamente, tenha desfrutado a sua vida pré-matrimonial e nella adquirido todas as molestias venereas possiveis, pretenda que a sua esposa deva forçosamente ser casta e pura. Se assim a quer, se assim o exige, ella, que é casta, ella que só viveu no sanctuario de sua familia, deverá ter o incontestavel direito de exigir tambem as mais solidas garantias a favor de sua saúde e de sua futura prole, sem o que não poderá haver felicidade conjugal.

E' do conhecimento de todos que a nossa mocidade de hoje, cincuenta por cento, no minimo, está em franca decadencia physica e moral, em consequencia das molestias sexuaes adquiridas no decurso de vida. Todo anno, o veneno venereo dá um contingente, cada vez mais assustador, de doentes na flôr da edade, aos hospitaes e manicomios. Esses, porém, são os mais inoffensivos á collectividade, por quanto se uns, os deficientes mentaes, ficam afastados do convivio social, os outros, quando não falecem, procuram, pelo seu tratamento, occasionar-lhe o menor danno possivel. Peiores, muito peiores são os que, indiferentes ao mal, despresando em absoluto a sua cura, andam por ahi a disseminar suas infecções na embriaguez da sua corrida para o prazer, contribuindo com os alcoolatras a augmentar as fileiras daquellas phalanges de degenerados, maniacos, deficientes, nevropathas, epilepticos e delinquentes, de que está infestada a sociedade actual. E quando chega o dia do seu matrimonio, que lhes advém?

E' realmente doloroso verificar-se, a cada passo, como maridos infecionados transmittem ás suas jovens consortes, a quem prometteram uma vida feliz, os seus terriveis microbios adquiridos nas suas bacchanaes, sem sentir por isso o mais leve remorso. E se acaso são censurados ou reprehendidos, revoltam-se contra os que os censuram e reprehendem, ou riem-se com o sorriso estupido dos inconscientes e são capazes, por vezes, de excusar-se lançando as culpas ás prostitutas com quem mantiveram, de caminho, relações sexuaes.

Quantas vezes, no exercicio de nossa profissão, não temos sido chamados a soccorrer jovens esposas, que, logo após seu casamento, foram victimas de uma violenta infecção blenorragica ou syphilitica, transmittida pelo marido, dando em resultado a sua ida á mesa operatoria e o prejuizo irremediavel de dois bens preciosissimos: a sua saúde e a nobre função da maternidade. E', pois, o caso de perguntar-se: Deverá ser permittido ao individuo, portador de molestias venereas não devidamente tratadas o matrimonio?

Torna-se ociosa a resposta.

Ninguem tem o direito de roubar a saúde e a felicidade a quem quer que seja e muito menos á pessoa, que, por amor e por confiança, lhe poz nas mãos o proprio destino, na doce segurança de ser protegida individual

e moralmente. Da mesma sorte, não é lícito a ninguem praticar um verdadeiro crime contra séres a nascer, transmittindo-lhes o virus do seu mal. Uma creança enferma que arrasta a sua dolorosa existencia entre o consultorio do medico e o leito, não é, por ventura, uma admoestação latente e constante a quem, contemplando aquella infancia soffredora, assiste aos tremendos effeitos das suas culpas?

Triste, verdadeiramente triste, o spectaculo que proporcionam essas cohortes de creanças em cujas mascaras se desenham os estygmas da lues e que nada mais fazem senão constituir um peso enorme para as suas familias e para a sociedade.

Faz-se mister, quanto antes, afim de impedir os desastres de uma descendencia doentia por hereditariade, que se incuta no espirito dos doentes venereos a inconveniencia do seu casamento antes da permissão medica.

E' preciso que elles se não esqueçam de que, em materia de molestias venereas, não ha uma mais inocente do que a outra, como geralmente se suppõe. Todas ellas podem ser funestas em determinadas circumstancias. Se a blenorragia, que, em geral, é pouco temida pelo publico profano, não é tão grave como a syphilis, forçoso é considerar, diante dos factos, que ella não é menos perigosa quanto aos danos para a familia e para a sociedade. Com effeito, a blenorragia, attendendo-se ás complicações que pode produzir nos orgãos genitaes de ambos os sexos, é um dos agentes mais activos do aviltamento da familia e o factor mais serio do despoamento. Se, no homem, dá lugar a um sem numero de disturbios do apparelho genito-urinario, na mulher, a sua gravidade sóbe de ponto, porquanto o gonococco resume quasi toda a gynecologia.

Quanto á syphilis, para dar uma idéa da sua gravidade sob o ponto de vista matrimonial, basta attentar nas estatisticas pessoaes que o dr. Hata, de Tokio, recolheu, não ha muito tempo, sobre a fecundidade das mulheres syphiliticas. Mercê da reacção positiva de Wassermann, esse notavel scientista verificou que vinte e oito por cento dellas abortaram, trinta e oito a quarenta e dois por cento deram á luz creanças que vieram a fallecer nos dois primeiros annos de vida, enquanto que as outras nascidas das trinta a quarenta e dois por cento restantes, conseguiram viver alem de dois annos, apresentando, porém, manifestações syphiliticas muito várias mais ou menos tardias, como a cegueira da keratite intersticial, a surdez, accessos epileptiformes, tabes juvenil, alterações cerebro-espinhaes, idiotia, infantilismo, nanismo, craneo natiforme e rachitismo. Não é preciso mais para comprehender, diante desses dados, que a syphilis importa na ruina physica e moral da familia, porque compromette toda a descendencia. Se, por um lado, os heredo-syphiliticos sobreviventes, inhábeis ao trabalho, só poderão viver á custa de suas familias ou nos hospitaes, por outro lado, os menos tarados vão provocar um outro damno social, procreando novos séres em geral mais ou menos degenerados. Se as lesões morbidas dos heredo-syphiliticos fossem provocadas, diz o dr. Hata, por um accidente ou negligencia pessoal, estas victimas poderiam conformar-se melhor com a sua triste sorte, mas frequentemente são codemnados pela negligencia, pela superstição dos progenitores ou talvez mesmo pela ignorancia dos medicos, a uma existencia que, talvez, pôde tornar-se mais terrivel do que a propria morte. De facto, os dois terços mais ou menos dos heredo-syphiliticos são para ser deporados mais do que aquelles que morrem nos primeiros dois annos de vida.

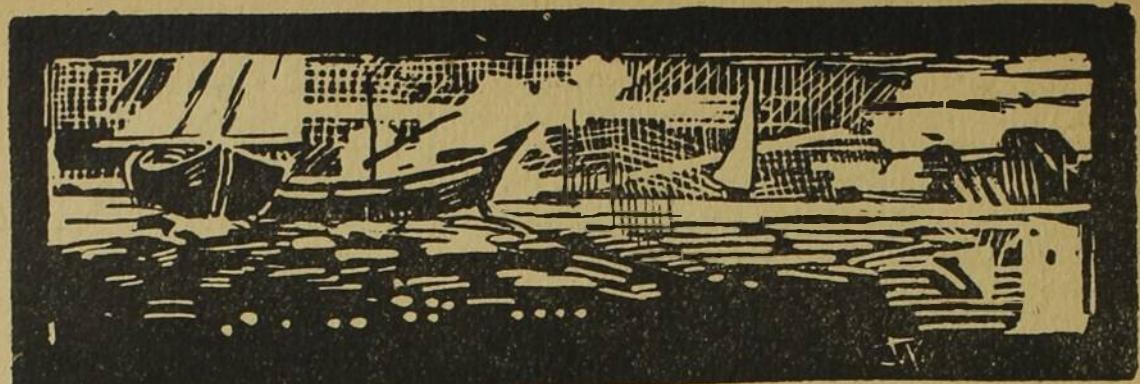
Nesta ordem de considerações, seria de toda a necessidade, em beneficio da raça, da familia e da sociedade que não fosse consentido o matrimônio a todos aquelles que não exhibissem um attestado medico de auctorisação de tão importante acto. E' preciso que a nossa mocidade doente, comprehendendo a alta importancia social e moral do casamento, se compenetre dos perigos a que está exposta, não descuidando do necessario tra-

tamento. Fournier diz que o matrimonio não deve ser contrahido pelos syphiliticos senão após tres annos de tratamento específico, ao passo que Diday, mais rigoroso, aconselha aos mesmos não se casarem, enquanto não haja passado ao menos um anno desde a ultima manifestação da molestia.

Relativamente á blenorragia, é preciso que o doente não se case sem consultar o medico. Este, naturalmente, mandará proceder a minuciosos exames culturaes da gotta muco-purulenta, por acaso existente, afim de não cahir no erro de dar, como curada, uma blenorragia, que o não é de facto. Preferivel será, entretanto, que os moços, conhecendo os desastres presentes e futuros que uma vida licenciosa lhes pôde acarretar, tenham o animo resoluto para realizar, sem hypocrisia, a sua propria redempção physica e moral. Antes prevenir que curar. Uma vez, porém, doentes, lembrem-se ao menos que, se ainda entre nós não existe uma lei que os obrigue ao exame medico ante-nupcial, outra lei mais forte e soberana não pôde e não deve ser desobedecida: é a lei do coração; é o sentimento do altruismo e de humanidade, pelo qual cada um deveria ter horror de fazer aos outros aquillo que não quizera que fosse feito a si proprio.

HEITOR MAURANO.





UMA FARÇA

OS entendidos em beleza da mulher podiam dizer de Clarinha o que de um engenhoso poeta novel costumam dizer os criticos: promette. De facto, toda ella era promessas. Para ser perfeitamente bella bastava que seu corpo anguloso e cheio de arestas se arredondasse suavemente e que as suas graças, que eram excessivamente travessas, ganhassem um pouco de serenidade. Por certo que o tempo, que ás vezes se mostra bom escultor, se incumbiria de dar-lhe os retoques que lhe faltavam. E não eram muitos os que o seu genero de beleza exigia. Coisa de nada, de quasi nada. Tal como era, com seus olhos muito brilhantes como se estivessem nadando em oleo, e grandes, desmesuradamente grandes, com seus dentes bem implantados e de esmalte azulado e com sua carnação branca, de optima qualidade, não havia quem, vendo-a pela primeira vez, não attentasse nella, seduzido; e as suas proprias amigas e conhecidas tinham prazer em demorar os olhos nella, como se lhe descobrissem novos encantos a cada exame.

Podia-se tambem dizer da beleza de Clarinha o que se diz da boa musica, isto é, que não cança nunca e que mais encantos revela quanto mais repetida. A propria d. Marocas, sua tia, dizia a cada passo:

— Toda vez que olho minha sobrinha, acho-lhe uma graça que ainda não tinha notado.

Todos pensavam da mesma maneira e o diziam, menos o Pinto Coelho, que, comquanto o pensasse, não o dizia nunca.

A Clarinha morreram-lhe os paes muito cedo. Ella nem chegou a conhecê-los. D. Marocas, que já era viuva e não tinha filhos, adoptou-a e creou-a ao calor do seu regaço com muitos cuidados e mimos. Geralmente as creanças mimadas crescem caprichosas e voluntárias. Esta é a primeira fórmula da ingratidão humana. Aos carinhos com que são tratadas pagam com a moeda da desobediencia e dos deserviços. Clarinha, porém, tinha indole de contraste. Gostava de ir ao arrepio das coisas. Muito difficilmente se submettia á regra geral ou guiava seus passos por terreno batido.

Aos carinhos da tia, ou da Mãe Marocas, como lhe chamava, pagava com eguaes carinhos.

D. Marocas tinha uma casa de pensão na rua da Gloria. Os pensionistas eram estudantes e rapazes do commercio que moravam no bairro. Os que moravam na pensão, occupando a sala da frente, eramos tres, o Pinto Coelho, o Laurindo e eu. O Pinto Coelho, quint'annista de Direito, e o Laurindo e eu, preparatorianos.

A cozinha de d. Marocas tinha fama no bairro, e era comum, ás horas das refeições, aparecerem moços desconhecidos que lá iam a provar os famosos pitéos. Nem sempre talvez eram os pitéos que os attrahiam, senão os olhos de Clarinha, igualmente famosos. Onde ha mel é certo que andam as moscas em torno. Não é de admirar, pois, que d. Marocas tivesse sempre á sua mesa caras novas.

Muitos eram os moços que lá iam, humildes de condição alguns, altivos e bem apessoados outros, mas mais numerosos eram os varões maduros, conhecedores do bom artigo, desses que encaram as mulheres bonitas com um olhar que as despe, e sabem, sem as provar, a qualidade das doçuras que reservam. E todos elles se exhibiam sob o melhor aspecto que podiam, bem escañhoados e bem postos. Como é sabido que ninguem se adorna só porque vae variar de prato, é claro que demandavam a pensão de d. Marocas para conquistar os favores da sobrinha. A tentativa resultava sempre vã, porque a menina, com ser amavel com todos, não encorajava a corte de ninguem, e os seus cortejadores não davam passo adeante; contentavam-se de marcar passo como os soldados em fileira á espera da ordem de marcha. Essa ordem nunca vinha, nunca veiu.

A velha, toda vez que via dessas caras novas á sua mesa, olhava para nós de um modo malicioso, todo especial, a dizer-nos que havia mouro na costa.

Nem todos seriam mouros; todavia, a prudencia mandava receber-los como taes. Alguns ainda lá voltavam mais algumas vezes; outros não iam além da primeira investida.

Clarinha tinha dezesete annos, mas no espirito parecia ter dez. Se tomava o serviço da casa muito ao serio, tomava tudo o mais como travessura. Tudo para ella eram brincos e pretexto para rir. Eu mesmo, que regulava com ella em edade e tamanho, tratava-a como se fosse uma creança.

D. Marocas tinha os movimentos tardos, que a edade e os rheumatismos permittiam. Quando se sentava numa cadeira era-lhe difficult desintegrar-se della, e d'alli é que lançava as ordens e presidia ao arranjo das coisas. De resto, velha e doente, vivia á sirga da sobrinha, que é quem andava de um lado para outro, a ajudar as creadas, a fiscalisar as tarefas de cada uma, a corrigir as coisas que não achava direitas, a ralhar se era preciso, e sempre com uma solicitude incançavel e uma alegria irrequieta de passaro solto.

A velha, quando a via nessa faina, dizia commumente:

— E' a minha mão direita.

Boazinha e sensivel, doia-se muito com o soffrimento dos outros, principalmente dos bichos. Se via uma mosca a afogar n'agua, apressava-se em salval-a. O pequeno quintal era ás vezes um verdadeiro canil, onde todos os cães errantes das redondezas se reuniam pela manhã para comer os sobejos, e só depois de fartos é que sahiam a cumprir o seu fadario de vagabundos. Se entre uns e outros havia odio velho ou proposito de ajuste de contas, alli pelo menos assignavam armisticio, sob o influxo pacificador dos olhos de Clarinha.

O que a todos parecia extranhavel é que naquelle coração tão bem formado, onde só as bondades pareciam ter-se aninhado, pudesse entre elles o odio medrar e extender raizes. Já ficou dito que Clarinha tinha genio de contraste; assim pois, para que se não supuzesse que ella era só capaz de amar, odiava tambem, odiava com um odio profundo e vigilante. O alvo de seu odio era o quint'annista, o Pinto Coelho.

Ninguem sabia o porque desse ruim sentimento. Apparentemente não havia razão nenhuma que o justificasse. Pinto Coelho era um moço sisudo, de indole de sobrecenho, embora amavel. Falava pouco e só coisas justas e necessarias. Era casado, mas não vivia com a mulher, que, dizia-se, era uma creatura má, intratavel, com quem, ao cabo, se incompatibilisara de todo.

Pinto Coelho não era rico; possuia uma pequena renda que bastava a si e á mulher tambem, a quem enviava regularmente uma mesada. Ella morava numa cidade do interior; lá vivia, desde a ruptura, a sua vida anonyma e ninguem teve mais noticias della. Se as tinha Pinto Coelho, guardava-as para si.

Destas coisas ou pouco mais, vagamente sabiamos por informaçoes de d. Marocas, que nos contou tambem que, tendo-se

elle casado quando ainda era estudante de Direito, fora obrigado a abandonar os estudos por imposição da esposa, e que só agora, liberto della, roçando já os seus trinta annos, é que se resolvera a continuar o curso.

Todos o respeitavamos e lhe queríamos bem. Era muito generoso. Quando a nossa mesada paterna se demorava, era elle que nos adeantava dinheiro, e, não raro, se a quantia era pouca e lh'a íamos devolver, recusava-se a recebel-a.

— Fica para os cigarros, dizia.

E nós exultavamos de pura felicidade.

Era discretissimo. Confiavamos a elle todas as nossas intimidades, as nossas maguas e amores, e elle ouvia-nos com uma benevolencia paternal.

D. Marocas estimava-o muito, e dizia-o sempre, louvando-lhe ao mesmo tempo as boas qualidades e publicando-as com grandes gabos. A' tarde, depois do jantar, os dois iam para um pequeno gabinete, que servia tambem de quarto de vestir de Clarinha, e alli ficavam longo tempo a conversar em voz baixa. A voz della se ouvia ás vezes, sem que se pudesse perceber o sentido das palavras. A delle, nunca. Dessas refertas constantes jamais transpirava nada. Que discutiam assumptos de importancia é o que não punhamos em duvida, e a prova é que, quando se separavam, ficavam casmuscos e mal humorados para o resto do dia.

Laurindo e eu, como é natural, fazíamos conjecturas ácerca dessas discussões secretas a portas cerradas, mas eramos forçados a pôr freio á nossa curiosidade pelo respeito que devíamos a um e a outro.

O rancor confessado e ostensivo que Clarinha nutria pelo quint'annista intrigava-nos mais que tudo.

Logo que me mudei para a pensão puzeram-me ao corrente do caso, e desde que entrei a tratar Clarinha com familiaridade, perguntei-lhe diversas vezes pelo motivo de taes odios tão fóra de proposito e, sobretudo, tão injustos.

A principio ella dava de hombros ou fazia gesto de engulho, significando por essa forma que o trazia atravessado na garganta; depois confessou-me com calor que o odiava.

— Que mal te fez o pobre rapaz, Clarinha?

— Nenhum, mas é como se me fizesse todos os males possíveis. Tenho-lhe um nojo...

— Oh! um moço tão asseiado, tão bonito...

— Sei disso. E' um nojo de outra natureza, é nojo moral.

— Esse ainda menos se justifica. O Pinto Coelho é bom, é generoso, é distinto...

— Tambem sei disso, estou farta de saber disso. Seja como for, tenho-lhe nojo. Se elle algum dia me tocar na mão, me roçar na mão de leve, assim, acho que terei a sensação de um ferro em braza.

E os olhos da menina, habitualmente tão doces, arregalavam-se nesses momentos e adquiriam uma expressão de ferocidade.

O Pinto Coelho, a quem pedi explicação do estranho facto, falou-me com amargura:

— A principio cuidei que era um mero capricho de criança; com o correr do tempo certifiquei-me de que não era capricho e sim odio, odio sincero e profundo. Isso começou no dia em que cá cheguei. Quando fui apertar-lhe a mão ao ser-lhe apresentado, recusou-me a mão e encarou-me de tal geito que desviei os olhos, embaraçado. Nos primeiros dias eram desfeitas, picuinhas, coisas que me aborreciam; depois começou a evitarme, a refugiar-se no quarto quando eu entrava, o que me aborrece ainda mais. Isto dura ha dois annos, ha de crer? E' inexplicável!

— O espiritismo explica isso, falei. Quando duas pessoas foram inimigas na outra existencia, continuam inimigas quando se incarnam na terra.

— Deve ser isso então, disse elle para concordar.

No fundo era um sceptico e lançava á conta de fraude todos os phenomenos espiritas.

— E você? perguntei. Você tambem lhe quer mal?

— Não! Quero-lhe muito bem. E ella bem sabe quanto me sentiria feliz no dia em que quizesse reconciliar-se commigo.

Era, entretanto, impossivel vencer a resistencia de Clarinha. Convenci-me disso quando, certo dia, a sós com ella e em boa camaradagem, tentei esse congraçamento. Não cheguei a dizer-lhe do bem que lhe queria o Pinto Coelho nem da felicidade que sentiria quando ella lhe extendesse a mão. Era uma embalizada que eu propuzera a mim mesmo desempenhar, e da qual nem logrei encetar o preambulo, porque a mocinha levantou-se de um salto e sahiu da sala, nervosa e rilhando os dentes.

O resultado dessa tentativa foi ficar a menina amuada commigo. Durante muitos dias tratou-me com frieza, respondia por monosyllabos ás minhas perguntas e só a muito custo e progressivamente é que consegui reconquistar-lhe as graças.

Desde então nunca mais lhe falei do Pinto Coelho.

D. Marocas, á sua parte, tinha tambem muito cuidado em não contrariar a sobrinha e subia tão de ponto os seus escrúpulos e de tal maneira exagerados, que até nos fazia rir, ao Laurindo e a mim.

Se estavamos reunidos na sala de jantar e era hora do Pinto Coelho voltar da Academia, d. Marocas olhava o relogio e avisava a sobrinha:

— D'aqui a pouco elle ahi está.

Perto della não se pronunciava o nome do rapaz.

Clarinha ainda permanecia entre nós até ouvir na escada os passos do Pinto Coelho. Levantava-se então e buscava refugio no quarto de dormir ou nos aposentos do fundo.

Pela manhã, á hora do café com leite, vinha ella sempre fazer-nos companhia. Era ella que cortava o pão, o barrava de manteiga e nos servia segundo o gosto de cada um de nós. Pinto Coelho, que era o ultimo a levantar-se, para dar tempo á sua inimiga de preparar-se, tomar o seu café e retirar-se, annunciava-se por um pigarro, e ella dava-se pressa em sahir. Se a sua chavena ainda estava em meio, levava-a comsigo, provendo-se precipitadamente de fatias de pão.

Com tal proposito de parte a parte nunca se encontravam.

Era muito gulosa e lambareira. Pinto Coelho, a principio, quando vinha da Academia, trazia sempre frutas, doces e outras guloseimas, que dava a d. Marocas para que esta as repartisse com a sobrinha. Clarinha, porém, nem tocava naquellas coisas, e a parte que lhe era destinada ficava na fruteira para quem quizesse; o rapaz então recorreu ao estratagema de dar-nos as guloseimas ás escondidas para que as offerecessemos á Clarinha da nossa parte. Acceitavamos essa incumbencia com alvoroço. Ella ainda nos encarava com desconfiança, suspeitando da origem... Garantiamos que tinham custado o nosso dinheiro, e ella por fim se decidia a acceital-as.

Nunca eu soubera de um rancor tão vigilante. Afóra isso, boazinha, travessa, brincalhona.

Habituado a vel-a a toda hora, não notei a transformação por que ia passando; e foi uma senhora que, havia muito, não se encontrava com ella, que me despertou a attenção. Logo que a viu, exclamou com surpresa:

— Que diferença que você tem feito, Clarinha! Como está gorda! Agora sim, agora é que está realmente bonita.

Attentei nella então e observei que engordara bastante. Depois de alguns mezes era outra. O rosto ficara quasi redondo e o collo desenvolvera-se-lhe enormemente. Dessa transformação tambem se resentiu o seu espirito. Tornou-se sisuda; á mesa de jantar já se não divertia á nossa custa atirando-nos bolinhas de miolo de pão, ria pouco, falava pouco. Entregou-se á leitura. Sentada numa cadeirinha baixa a um canto da sala, com um livro sobre os joelhos, passava longas horas a ler.

A gordura não lhe trouxe saude. Perdera as lindas cores, tornara-se pallida, de uma pallidez doentia, quasi transparente, e já não tinha nos olhos aquella mobilidade travessa, que lhe dava tanta graça. Soffria de nauseas e vomitava constantemente.

D. Marocas andava afflictta com o estado da sobrinha. Não acreditando nos medicos, tratava-a, ella mesma, com remedios homeopathicos.

A' hora certa, nem mais nem menos um minuto, a velha, com os oculos para a ponta do nariz, sentava-se á ponta da mesa deante de um calix d'agua mal cheio, e pegando no vidrinho com o indicador e o index da mão direita e na rolha com os dedos correspondentes da esquerda, deixava cahir a gotta na rolha para d'ahi pingar no calix. Mexia depois o liquido com um palito. Fazia essa operação com uma seriedade ritual.

Nessa epoca as discussões entre a velha e o Pinto Coelho andavam mais calorosas. Quando se separavam depois de cada colloquio, elle ia para a rua, como a evitar a curiosidade indagadora dos nossos olhos, e ella para o seu quarto, ora zangada, ora com ar de choro.

A tudo Clarinha perecia indiferente, absorvida sempre na leitura dos seus romances e novellas.

No fim do anno, concluidos os nossos preparatorios, fomos para a roça, cada qual para seu lado, a gosar as férias. Pinto Coelho, que recebera o seu gráo de bacharel, disse-nos que ia abrir banca de advogado numa cidade do interior, não sabia onde.

Na despedida, ao abraçar Clarinha, fiquei commovido, e, como de surpreza, me vieram lagrimas aos olhos, fui-me com as mãos a ellas para as esconder, não tão a tempo que as não visse a minha amiguinha. Ella não chorou, mas em compensação teve-me apertado em seus braços longamente. Ainda hoje sinto aquella pressão dos seus braços, tão affectuosa que alcançou a minha alma.

De volta a S. Paulo, no anno seguinte, já não existia a pensão de d. Marocas. Os vizinhos não me souberam informar para onde se mudaram. Foi uma decepção. Habitara-me tanto aquella casa e aquella gente! A figura de Clarinha estava sempre presente em meu espirito, e foi o prazer de revel-a, foi a saudade que me fez apressar a partida para S. Paulo muitos dias antes de se abrirem as aulas.

E foi Laurindo quem, na Academia, logo que nos abraçámos, me contou as novas sensacionaes.

— Grandes coisas! grandes coisas! annuncioi elle. Tenho grandes coisas para te contar.

— A proposito das nossas amigas? inquiri esperançado.

— Pois claro, a proposito dellas, do Pinto Coelho e de mais um sêrzinho que veiu ao mundo.

— Desembucha então, homem!

Laurindo ia desembuchar, mas o lente appareceu. Os estudantes fizeram ala, de chapéo na mão. Era hora da aula.

A' saída, Laurindo, pegando-me do braço, conduziu-me para um canto do saguão, e contou-me tudo:

— Nos ultimos dias das ferias fui visitar uma irmã casada que mora em Casa Branca. A primeira pessoa que encontrei foi o Pinto Coelho, muito grave, de pasta debaixo do braço, em plenas funcções da sua profissão de advogado. Ao ver-me alli ficou muito admirado e pareceu-me que tambem contrariado. Não me disse onde morava, mas eu levei isso á conta de distração. Nesse mesmo dia, tendo-me informado da sua morada, fui visitá-lo. E sabe quem me recebeu?

— Quem?

— A Clarinha.

— Oh!

— Ella mesma. Vinha com o filhinho ao collo.

— Que me diz!

— Pois é verdade. Está vivendo com o Pinto Coelho. Passam como casados. D. Marocas está com elles. Apanhados em flagrante foram obrigados a tirar a mascara e confessar tudo. Elles sempre se amaram, sempre se amaram doidamente.

— Será possivel! E aquella antipathia de Clarinha, aquelle rancor, aquelle odio implacavel?...

— Farça, tudo farça!

JULIO CESAR DA SILVA.



A VELHICE E O CONCEITO DE VORONOFF

O espectaculo tocante do ephemero, que tão evidente se faz entre os seres dotados de Vida, dá, ao observador superficial, a impressão de que as noções de velhice e de morte se extendem a todos os seres vivos sem excepção.

Mas a impressão é erronea, pois que attentando nos seres os menos complexos, da escala animal ou vegetal, vemos que elles não envelhecem, constatamos que não morrem.

"On les voit se reproduire par division et pulluler au but de quelque temps d'une façon extraordinaire, les générations se succèdent avec une grande rapidité sans qu'il se produise un seul cas de mort: on chercherait en vain un seul cadavre parmi la quantité inombrable d'infusories grouillant."

E o que Metchnikoff poude constatar para os infusorios, applica-se com maior razão aos amœblos.

Assim, vêm-se algumas espécies do genero *amœba* reproduzir-se incessantemente por scissiparidade, perpetuando indefinidamente a especie, e, duas são as razões por que não se obtém um numero infinito de individuos.

A primeira dellas refere-se aos factores do meio externo e ás forças exteriores, que elles procuram vencer, e ás quaes elles, não raro, succumbem.

A segunda diz respeito ao cançaço, que se verifica em certos amœblos da nossa geração, os quaes se acham impotentes para realizar as suas tres funcções fundamentaes: trophicas, cinéticas e genéticas.

Diz-se que elles estão depauperados.

Será esta uma phase de velhice que precede á morte do amœbio?

Certo que não. Chegando a este estado, recorrem elles ao processo que a Biologia chamou de regeneração amœbiana: dois ou mais amœblos depauperados fundem-se (se fusionent) para formar um novo individuo, dotado de tanta ou mais energia do que aquelle amœbio primordial, de que elle é descendente do primeiro grau.

Os amœbios pois não morrem; além do que elles desconhecem a velhice. Bem entendido, fallamos aqui de morte e velhice physiologicas.

E foi assim que a idéa de perpetuidade da materia viva nos sérés unicelulares, dominou o mundo scientifico contemporaneo.

Uma questão desde logo foi posta:

Porque a eternidade dos protistas não se extende aos sérés superiores e ao Homem?

A razão é simples e evidente. Pois sabendo que a ruptura de equilibrio de um systema é tanto mais facil quanto mais complicado é esse systema, simples se torna deduzir a razão da estabilidade dos amœbios incomparavelmente superior á do Homem.

A diferença entre os amœbios e os sérés pluricellulares é enorme; d'ahi a razão de ser, d'aquillo que poderíamos chamar *estabilidade vital* dos amœbios — muitissimo maior do que a do Homem que é o ponto mais elevado da escala animal. N'este, causas insignificantes podem produzir efeitos espantosos de perturbação funcional.

Voronoff considera a velhice como um desequilibrio dos nossos actos vitaes e a morte como sendo a québra do rythmo de nossas funcções.

A causa desta desintegração e deste desequilibrio, estão no resultado de suas pesquisas sobre o assumpto:

O elemento conjuntivo, ponto de partida do organismo complexo, conserva os seus predicados de ser independente, no curso da evolução do individuo, e, similar ao amœbio, elle tende a multiplicar-se desordenadamente, invadindo os diferentes orgãos, e incapazes de preencher as suas funcções e tolhendo-lhes ao mesmo tempo a acção, elles acarretam o desequilibrio funcional, isto é a velhice.

E as cellulas conjuntivas não pouham em sua invasão os orgãos de secreção interna que, como é sabido, são os principaes reguladores do nosso organismo.

Eis a causa preponderante da atrophia senil em razão primeira da desharmonia funcional, eis, enfim, o processo da velhice e da morte.

Quando em uma sociedade a plebe se levanta contra o poder constituido os resultados que d'ahi resultam para o conjunto são bem conhecidos; resultados analogos são os que se verificam quando contra os elementos nobres do organismo se insurgem os elementos inferiores.

No primeiro caso é a decadencia, é a perda do prestigio — no segundo é a

Velhice; é a

Morte.

F. MENDES DA ROCHA F.^o



UMA CARTA INEDITA DE ANCHIETA

O fac-simile desta carta vem estampado no catalogo da Livraria Maggs, de Londres.

Foi dirigida por Anchieta a Jeronymo Leitão, que serviu de capitão-mór em S. Vicente de 1573-1580 e de 1583-1592.

DEPOIS que vim até agora andei por estas aldeias negociando gente para a viagem, pouca achei porque toda ella é pouca, e posto que agora, com a canoa de Salvador Correa, se poderão excusar estes trabalhos, porque ella, com a ajuda de N. Sr. bastava para me levar. Todavia bem sei que nem com isso V. M. me ha de deixar ir só, e, por isso, não quiz partir de cá até não aviar a gente e leval-a comigo porque se a deixar a sua discrição não sei quando partirão.

Antonio de Macedo aviou vinte mancebos com seu irmão João Fernandes (1) os quaes partirão terça-feira querendo Deus, mas não pude acabar com elles que fossem pelo senão por o caminho velho, da borda do Campo e lá hão de esperar por canoa. (2)

Domingos Luiz estava acabando a igreja (3) ja lhe dissemos missa nella com muita festa, logo se parte para o Caruguaba; não achei da sua banda gente que tirar porque não vão desapercebidas e comtudo, daqui e dalli me parece que se juntarão alguns quinze ou dezesseis entre os quaes irá Cariobaca porque o achei meio amotinado contra Domingos Luiz e trabalhei para o levar para lá para que não se va pelo caminho do irmão; elle se offereceu para a viagem liberalmente.

Faço conta de partir terça-feira com elles por agua e até sexta-feira cu savado ser no Cuvatão (4) com ajuda de Nossa Senhor.

Mando Domingos de Paiva escoteiro a dar este aviso a V. M. assí para que nos mande canoas boas aos portos para onde irmos como para que lá esteje tudo prestes porque esta gente não levão mais que arcos e flexas como V. M. mandou e será necessario ou partir logo pela barra fora ou buscar-lhes que comão enquanto se detiverem ahi...

Eu todavia, porque me escreveram que os indios de Aririboa se carregavam todos as costas do padre Antonio Gonçalves levar-lhe de cá alguma farinha para ajuda da motolagem do mar e da terra.

Alguns dos Carijós vão, entre elles os Alonso que estava aqui acolhido com medo do Carvoeiro, que ainda me dizem, que o ameaça. V. M. o fará lá desembaraçar entretanto.

Tambem me incomendou Cariobaca que lhe fizesse pagar a Antão Nunes o achadégo de um escravo que lhe cá tomara porque não tem roupa e ainda espera elle de achal-a feita quando de cá for. Não mais ao presente porque o mais ficará para quando eu for com a ajuda de Deus o qual de a V. M. muito do seu amor.

De Piratininga, hoje Domingo, 15 de Novembro de 1579.

De V. M. servo infimo

P. JOSEPH S. S.

(1) João Fernandes foi procurador do Conselho de S. André em 1555 e escrivão da Camara da villa de S. Paulo de 1562 a 1564.

Em 1579 havia um official da Camara com identico nome e que deve ser o que vem referido na carta.

Pelo confronto das assignaturas no livro original das actas se poderá saber se trata-se ou não da mesma pessoa.

(2) De S. Paulo para S. Vicente o primitivo caminho subia pelo valle do Paraiquê ou Perequê, travessando o rio Jurubatuba depois de passar o campo de Ijabapé. Proseguia até S. Paulo, por pontos muito approximados aos da actual estrada de rodagem.

Em 1560, Mem de Sá mandou mudar esse caminho desde o Cubatão até o rio Jurubatuba. Do Cubatão até o Alto da Serra ella seguia por pontos differentes dos que são actualmente ocupados pela estrada Vergueiro e até hoje ainda é ella visivel em algumas passagens.

O traçado desse caminho vem assinalado em um mappa appenso ao vol. XIV pag. 22 da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo

(3) A egreja aqui referida é a capella de N. S. de Guaré, hoje convento da Luz, no arrabalde desse nome.

A respeito da sua fundação ha um erro que é preciso corrigir. A imagem não foi transferida do Ipiranga para aquelle lugar como referem os chronistas modernos. entre outros Azevedo Marques.

Domingos Luiz, o carvoeiro, teve sua fazenda no rio Iriripiranga, affluente do rio M'boy e que nada tem com o conhecido bairro da Independencia. Dahi é que veio a imagem de N. Senhora.

No Ypiranga eram situadas as sesmarias de Antonio Pinto, Salvador Pires e Jorge Moreira.

(4) Essa viagem "por agua" deve ter sido feita pelo Jurubatuba, sendo o embarque realizado na aldeia de Pinheiros que ficava á sua margem. As canoas subiram a corrente até a estrada que ligava S. Paulo a Santos; dahi por terra até • Cubatão donde em canoas prosseguiram até Santos.

GENTIL MOURA.



FAIRY - LAND

METAPHYSICA

MINGO dorme, tendo ao lado a sua boneca hybrida, de panno e porcelana. Toda mutilada, perdidos os braços e uma perna, deformada na physionomia inexpressiva, a boneca é um destroço inutil. Só Mingo não vê, não percebe as devastações do tempo e do atrito continuo com o ambiente. E' que a boneca, existindo mais no seu pensamento que nos seus sentidos, possue essa existencia metaphysica que a colloca acima das contingencias do mundo e a torna perfeita para sempre. Demais, o que lhe importa sobretudo naquelle ser sem articulações são as suas aventuras innumeraveis, os perigos por que passou, os infortunios vencidos, a gloria de que se revestiu... Pois então é brincadeira cahir na rua, de um terceiro andar? Ser triturada quasi, nos dentes brancos e impiedosos de um Loulou da Pomerancia; e ainda por cima naufragar, como Ophelia, no lago artificial do jardim? E é pouco as visitas continuas, insistentes que a boneca recebe das suas vizinhas, de todas as condições sociaes, de louça, massa, celluloide e borracha? E onde ficarão as historias contadas, as theorrias construidas, as festas inventadas? Tudo isso é mais a boneca do que aquella materia informe e heterogenea de que foi feita. E si algum dia, daquelle corpo anatomicamente verosimil, não restar sinão um fragmento imponderavel, a boneca continuará a existir da mesma forma, perfeita, integra, inviolavel...

* * *

INUTILIDADE DAS GENERALISAÇÕES

Com a pequena mutilada nos braços, Mingo parece cantar coisas absolutamente sem sentido. Alguém lhe pede, com insistência, a boneca. "Não posso dar: ella é muito pezada". Dando resposta negativa, acreditou ter apresentado um motivo muito serio, excluindo réplica.

E' que, de uma feita, tendo teimado em carregar a irmã recem-nascida, redarguiram-lhe: "você não pôde supportal-a; é pezada demais". Agora teve occasião de repetir o mesmo argumento. Entretanto, Mingo ignora profundamente que ha formulas uteis e fecundas que se tornam, segundo as circumstâncias, repentinamente, inuteis e estereis. Como é que dizendo "isto é pezado" formula uma ridicularia? Por isso, ficou perplexa, quando, apezar do grande argumento, arrebataram-lhe a boneca dos braços.

* * *

A CAIXA DE BRINQUEDOS

Esta era a minha caixa de brinquedos. Posso reconhecer-a, porque vejo a velha litographia da tampa: uma cidade geométrica, cheia de chaminés de nankim, soprando um fumo tenue para o céo. Hoje, está vazia. Mas, dentro ainda sinto o perfume insistente do verniz e da madeira verde com que foram feitos os meus soldados, os meus bichos, os meus pinheiros da Floresta Negra... Ah! os soldados, as feras, os pinheiros tão verdes começaram a desapparecer desde o dia em que abri, pela primeira vez, a grande caixa de brinquedos. Foram desapparecendo lentamente, para que eu não dêsse por isso... E eu penso naquelle genio que um mercador de outrora aprisionára dentro de uma garrafa de ferro...

Como está leve a minha caixa de brinquedos! Com que facilidade consigo, agora, collocal-a sobre a meza, ou debaixo do braço, para tamborilar com os dedos, distrahidamente, enquanto Mingo me olha muito séria, as mãos cheias de lapis, de folhinhas, de carreteis, de cartões coloridos de réclame. A caixa pertence a Mingo, que a encheu de coisas absurdas e disparatadas.

— Já te devolvo a caixa. Eu quiz apenas ver a figura da tampa. E' uma cidade muito grande, cheia de chaminés...

— Mas, para isso, não precisava esvazial-a e tirar de dentro todos os meus brinquedos!...

— Ah! isto os seus brinquedos? Não sabia. Mas eu tambem queria ver o fundo da caixa...

E Mingo tomou-me das mãos aquella velha caixa de brinquedos e, por sua vez, examinou attenciosamente a litographia.

— Porque estas tres chaminés estão sem fumaça? De facto, contra toda a minha expectativa e a terrivel logica das cousas, tres chaminés não fumegavam. Eu precisava dar uma resposta urgente e concisa. — “Que bôba!... Que bôba!... Pois então você queria fumaça em todas as chaminés? O homem que pintou essa figura fez de proposito: si puzesse fumo em todas as chaminés, ninguem poderia ver o céo que elle, com tanto cuidado, compoz com uma tinta bem azul. E o céo é imprescindivel porque está em toda parte, principalmente por cima das chaminés...”

Mingo acceitou a minha explicação, e, resolutamente, começo a encher a velha caixa com os seus lapis, as suas folhinhos, os seus cartões coloridos de réclame...

— Agora, disse-me ella, vá embora que eu quero conversar. E enxotou-me para a bibliotheca. Ahi, todos os livros me deram as costas em signal de desprezo.

E eu me sentia tão differente, tão differente do que fôra outrora. Mas não havia duvida, era eu mesmo: eu me reconhecia pela velha gravura, pela velha gravura que todos nós temos sobre a tampa da nossa alma...

* * *

VOLUPIA DA UNIFICAÇÃO

De pé, na porta da rua, Mingo observa. A idéa que faz do movimento humano deve de ser tão ingenua como a que tem do céo, que é um grande papel de seda azul, com estrellas de papelão dourado. Ignorando as necessidades que impellem os transeuntes, imagina que se movem mecanicamente, por divertimento, como figuras de um presepio. Por isso, vê o mundo como uma estampa maravilhosa. E, ás vezes, estende as mãos, no intento de tocar um homem, um vehiculo ou prender, entre os dedos finos, a renda imponderavel da poeira que o sol visibilisa e doura. Mingo quer tactear todas as cousas, como que para transfundir em si mesma, voluptuosamente, o misterio e a belleza de que ellas são feitas.

* * *

UMA HORA DESESPERADA

Não sei o que devo fazer para agradar a Mingo. Estou diante de uma tarefa difficilima. Tentei contar-lhe uma historia, inutilmente, porque ella começou a cantar. Estirei-me no chão, de borco.

Este facto a deixou extraordinariamente alegre: pulou sobre mim e percorreu toda a minha extensão, que é 1,75, em quatro segundos. Não ha duvida, é um bom récord. Eu, entretanto, é que não posso servir de pista. Protestei; levantei-me. Os ossos doiam-me. Mingo revoltou-se. Queria repetir a experiencia.

Supponho que pretendesse refazer o seu proprio récord e percorrer outra vez o meu corpo, em 3 segundos e 9/10. Não tive remedio, sinão sujeitar-me. Mingo é uma excellente promessa sportiva, mas o seu sport é detestavel. Volubilidade: principia a aborrecer-se. De meu lado, temia que a sua curiosidade e ancia de exercitar-se, que, nella, é consideravel, a impellisse para o mostruario, onde estão alinhados, segundo a geometria de Euclides, uma infinidade de objectos de arte, irremediavelmente frageis e quebradiços. O meu plano: tirei da estante um grosso volume, o primeiro que o meu braço alcançou. Era um livro pezado, gordo, cheio da resignação dos livros que nunca foram lidos. 1.014 paginas recheiadas de schemas, gravuras, desenhos, photographias... Mingo começou a folheal-o, pagina por pagina, vagarosamente, demorando-se em cada desenho, em cada minucia elucidativa, em cada gravura... Comparava, cotejava e perguntava. O meu supplicio era grande, mas o livro era maior. Nas photographias, o olhar de Mingo illuminava-se. — Aquelle é fulano; — esse é beltrano; — este é você. Eu estava em todas as photographias, sob todas as formas, todas as attitudes, todas as indumentarias, absolutamente proteico: barbado, glabro, gordo, magro... O livro, ante os meus olhos afflictos, parecia inchar, crescer, como um gazometro! As paginas estalavam, como laminas de esmalte, sobre um fogo brando. Forçoso era sahir daquella situação inquisitorial. Aventei um passeio pelo jardim. Creio que fiz a apologia dos jardins, das tatouranas e das minhocas. — "As tatouranas, disse eu, foram visitar as minhocas: si formos ao jardim poderemos ouvir toda a conversa". E Mingo, debruçada no livro: "Deixe ellas conversarem sozinhas, coitadas!" Trabalho perdido. Então, uma idéa surgiu-me no cérebro: arrebathei-lhe de repente o volume, das suas mãos fôfas — "O livro está cançado, precisa dormir." Concordou. Teve até um ar de piedade, como si pedisse desculpas

para aquelle enorme cartapacio de mil folhas. — "Vamos embóra, disse ella, baixinho; não faça barulho"...

Minha alma inquieta de novo: os olhos de Mingo dançavam deante da vitrina dos objectos de arte. Um arrepio de terror percorreu-me a espinha, a pobre espinha que, momentos antes, ella impiedosamente amassára, com todo o peso da sua alegria, da sua saude e, sobretudo, do seu corpo... Ia já formular o terrivel pedido, quanto intervi, violentamente, num ultimo recurso: "Vamos á sala de visitas"? Na verdade, a sala de visitas era um logar sagrado. Sacratissimo! Lá estavam os tapetes raros, as rendas virginæs, que se estraçalhavam, como uma teia, ao mais leve contacto; e os espelhos magneticos que hypnotisam e multiplicam as mulheres e que Mingo, com suas mãos quentes e sumarentes, gosta de embaciar e sujar. Mas entre a arte e a riqueza, não hesitei: preferi o salão. Demais, tinha em mira um expediente decisivo: deante de um dragão de bronze, que vomitava eternamente, pela guela vermelha, um fogo invisivel e frio, eu pretendia contar a Mingo uma historia qualquer, essencialmente magica e capaz de visibilizar o fogo e dar-lhe uma temperatura que não excedesse a temperatura do meu corpo. — "Vamos á sala de visitas", insisti, com sabedoria e prudencia. Mas a criança me olhou muita séria, muito espantada, como que não acreditando no convite. E' que a tinham prohibido terminantemente, sob penas incriveis, de entrar na sala de recepções. Era uma ordem ancestral, primitiva, quasi divina. E recusou o convite, peremptoriamente. Nesse instante, a familia chegava. E Mingo, olhando-me ainda com desconfiança e pasmo — o pasmo e a desconfiança de um asceta que visse pela primeira vez o Diabo — relatou a todos, atabalhoada e afflictæ, o meu convite, a minha alta trahição... Ella ainda não comprehende, não pôde comprehender a antinomia dos conselhos, das regras, dos imperativos categoricos... E o seu criterio de selecção e acolhimento é original. No seu entender, aquella proibiçao era uma regra moral excellente, por ser a primeira, embora restringisse a sua liberdade; a minha, evitada de corrupção, porque posterior. Eu fiz essa reflexão, abyssado numa poltrona, vigiando o meu coração que batia 120 pulsacões por minuto...

A. C. COUTO DE BARROS.



A REIVINDICAÇÃO FEMININA EM NEW YORK

PARECE-ME contrastadora e mesmo alarmante para o futuro de um povo, a atitude assumida pela *mulher reivindicante* em New York. A campanha de reivindicação restringia-se, no seu começo, a coisas e factos de ordem social; hoje esse objectivo está tão ampliado, que o problema mudou inteiramente de feição. A principio, a reivindicante new-yorkina propoz-se demonstrar que era perfeitamente igual ao homem, relativamente aos afazeres antes confiados somente a este. Como consequencia disto, não ha hoje em New York, profissão alguma, excepto a das armas, que não esteja completamente invadida pela mulher. Ella tem se sahido mais ou menos bem da demonstração a que se propoz. No entanto, nós sabemos que a mulher, tal como a natureza a fez, não pode dispor de uma capacidade de trabalho uniforme e continua; a sua capacidade de trabalho varia frequentemente, por uma imposição natural da physiologia do seu proprio organismo. E' uma capacidade de trabalho descontinua, que não pode satisfazer as exigencias de um grande numero de serviços.

Como explicar pois, a coexistencia de coisas que se deviam excluir? E' que está havendo ahí um artificio; é que uma coisa muito importante está sendo sacrificada para alimentar essa harmonia artificial. E essa coisa importante, ao meu ver, é justamente a ordem natural das coisas. A ordem natural das coisas, é que o homem seja homem e que a mulher seja mulher: a reivindicante new-yorkina, para fazer tudo que o homem faz, está deixando de ser mulher, está passando a ser homem. A toda hora ella pode ser pegada nas suas tentativas metabolicas, sem perceber que taes tentativas importam em flagrante delito de desmentir-se a si propria. Pois que, si para ella fazer o que o homem faz, torna-se necessario esse metabolismo, torna-se evidente que quem faz o que o homem faz, não é a mulher, e sim a mulher transformada em homem.

Sei que mulheres fazem homens, mas isso, de acordo com a natureza, seguindo os seus conselhos e com o seu auxilio; mulheres, porém, transfor-

marem-se em homens, e isso como um acto de hostilidade contra a natureza, é coisa que nunca vi, nem creio que seja possivel. Em ultima analyse, o producto assim obtido, apresentar-se-ia com as fraquezas do "pivot" relativamente ao dente natural. O facto porém é que hoje, a reivindicante new-yorkina não esconde mais o seu ressentimento contra a natureza, julgada aliada ao homem, na serie de injustiças que este teima em praticar contra ella, a mais grave das quaes seria talvez, chamar fraco a um sexo que deseja ser chamado forte. Não sei si essa molestia, cujos sintomas julgo estarem perfeitamente caracterisados na enferma de New York, será suficientemente contagiosa para contaminar todo um povo; no caso afirmativo porém, é para encarar-se com aprehensão o futuro do povo que por ella se deixar contaminar.

Tudo indica que, sob o ponto de vista physico, a mulher tivesse estado já mais proxima do homem. Si ella se está afastando delle, é devido ao esforço paulatino, mas seguro, da natureza, no sentido de adaptar cada vez mais a criatura á criação, definindo melhor o papel atribuido a cada criatura, no seu plano geral de construção incessante.

Nesse plano geral, naturalmente o Sol recebeu atribuição diversa da dos mares; os mares naturalmente receberam atribuição diversa da dos rios; os rios naturalmente receberam atribuição diversa da da flora... Si os mares, os rios, a flora... se insurgissem e quizessem ter todos a atribuição do Sol, o nosso pobre planeta mudaria certamente de feição, e transformar-se-ia talvez em fogueira, em que tudo se fundiria para começar de novo.

Afigura-se-me que a insurreição da mulher contra a situação que a natureza lhe deu, seria capaz de transformar a humanidade em enorme fogueira em que tudo quanto ella tem de humano se consumiria para começar de novo. Mas insurgir-se contra leis da natureza, é insurgir-se contra forças invenciveis, é rebelar-se contra um poder intangivel: a rebeldia em taes condições, é uma rebeldia insana.

Si permitissem que eu comparasse a humanidade a uma arvore frondosa, a mulher seria certamente a florescencia dessa arvore, a exhalar perenemente o fluido rejuvenescedor da especie. Esse fluido é o unico capaz de nos inebriar a alma, capaz de anestesial-a para que ella não sinta a dôr indizivel do aniquilamento completo, quando o Cirurgião Mór resolver-se a arrancal-a do nosso corpo. Ninguem cogita de indagar si essa flor pode ou não exercer a função de folha, tronco ou raiz, nem tal cogitação convem ao nosso caso; do que se trata é de saber si a sua missão de flor não sofrerá com isso. Si a flor, para exercer a função de folha, tronco ou raiz, começar por se transformar em folha, tronco ou raiz, é evidente que a resposta á nossa interrogação só poderá ser afirmativa. Si a reivindicante new-yorkina, para fazer o que o homem faz, começar por se masculinizar, adquirimos o direito de perguntar si a mulher do sexo masculino, continua apta a desempenhar a sua missão de mulher, missão que não poderá ser desempenhada pelo homem, mesmo que elle tambem se resolva a mudar de sexo, para compensar a egressão da mulher.

De que recursos poderia lançar mão um Estado que visse os seus fundamentos abalados por uma rebeldia dessa natureza? Como sustar essa fuga em massa ao proprio sexo? Não ouso afirmar que essa rebeldia, essa fuga, essa tendencia, não represente o bom sentido da evolução. Talvez assim proceda de medo que me xinguem, que me chamem matuto. Para justificar-me, porém, e não confessar a minha timidez, direi que o mundo, pelo menos o mundo historico, inda é muito novo para se determinar o bom sentido da evolução em coisas tão complexas.

Mas si ha realmente necessidade de que a mulher infrinja essa repremenda a nossa mãe Natureza, poderemos prefigurar o que, dentro de alguns minutos cosmicos, as futuras gerações terão que ver. Terá que surgir certamente uma nova industria — a industria da manufactura de homens.

(Parece excusado dizer que dou á palavra "manus mani" a significação de instrumento). As primeiras fabricas desse gênero aparecerão por certo na terra em que a Natureza levou já a primeira lambada para corrigir-se do seu cochilo, fazendo mulheres a quem devia ter feito homens e homens a quem devia ter feito mulheres. Haverá então grandes "menfactories" ou aprazíveis "menbuildings" em que milhares de operários de cabelos côn de outono, de olhos misteriosos como a profundura oceanica, a soldo do Erário, sob a direcção de mestres e contramestres "policeman-type", cuidarão da confecção desse novo producto, para o qual não precisarão de importar matéria prima de *paises de vida infantil e ociosa, condenados a nunca possuir industria propria*.

Infelizmente porém, a evolução continuará a caminhar, principalmente num país de tantas e tão boas estradas de ferro. Pode antever-se pois, desde já, novas dificuldades a debelar. Que farão os governos desse povo, quando as operarias de tales "factories", quizerem elas mesmas desempenhar a função de mestres e contramestres?

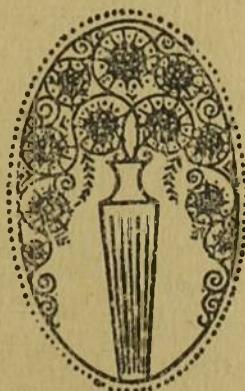
Mas no Brasil, *nunca teremos industria propria*; por isso, é provável que nunca pensemos em punir ou corrigir a Natureza. Mais vale porém, evitar que remediar. Procuremos evitar o contagio desse mal.

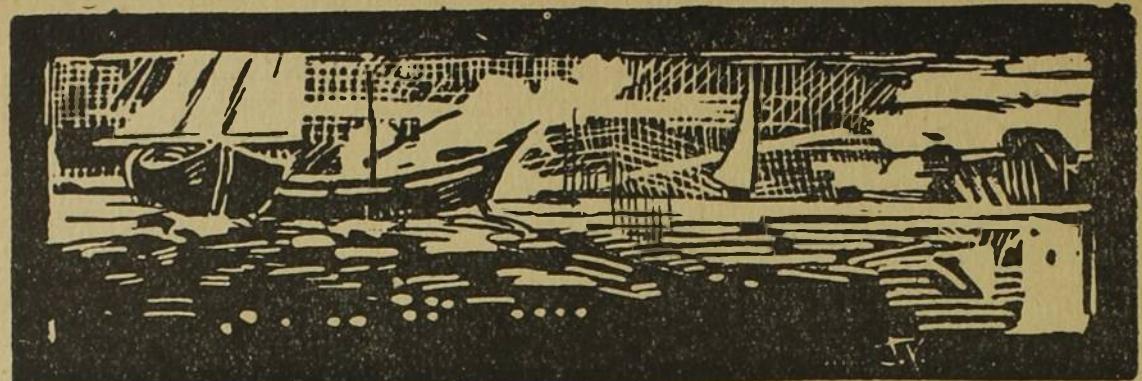
Como?

Aprendendo a, cada vez mais, em beneficio da nossa especie, em beneficio da nossa raça e da nossa patria, dar o verdadeiro valor á missão semi-divina criada pela Natureza para a mulher e para a qual a Natureza criou a mulher — a missão de mãe.

Rio — 1923.

ORLANDO MACHADO





A SANTOS DUMONT

Ode condoreira

*Azas! Voar como as nuvens,
Como os condores voar;
Roçar com a fronte as estrelas,
Mais perto de Deus chegar!
Loucura, sonho, utopia
Do Homem que ha sec'los soffria
Na sua estreita prisão :
Os pés fincados nas vassas,
E os hombros pedindo azas,
E a alma pedindo amplidão!*

*Zombar das leis do equilibrio;
Subir; conquistar o céu;
Quebrar a bronzea cadeia;
Romper do Mysterio o véu;
Achar um dia o segredo
Das aves; galgar sem medo
O Espaço; poder voar,
Abrir azas sobranceiras,
Passar sobre as cordilheiras,
E sobre os mares passar!*

*Velho sonho mythologico:
Ser do Azul dominador;
Repetir o vôo de Icaro,
De novo as nuvens transpor!*

*Mas onde essa voz secreta
Que nas masmorras de Créta
Lhe deu forças p'ra subir,
Quando o rei, cheio de assombros,
O viu, com azas nos hombros,
Por entre as aguias fugir?!*

*Seculos passam, mais seculos...
E o Homem sempre a sonhar,
A' procura de um Colombo
Para as Americas do Ar...
Curvados sobre alfarrabios,
Noite e dia, os grandes sabios
Traçam calculos subtis;
E alçando todos a fronte,
Na escuridão do horizonte,
Procuram debalde o X...*

*Outros seculos, mais seculos...
No Brasil eis surge, então,
O feiticeiro dos Ares:
Bartholomeu de Gusmão!
Pede ao fogo azas... e vôa
Malassombrando Lisbôa!...
E a Inveja — negro chacal —
A ladrar-lhe sempre ao lado...
Foge, mendigo, exilado,
E morre num hospital!...*

*Cem annos mais... dc repente,
Pariz assombrado vê,
Desafiando as alturas,
Um novo Montgolfier!
Um pendão de ouro e esmeralda,
A' pôpa, o vento desfralda,
Do milagroso batel!
Um grande grito rebôa:
E' Santos Dumont que vôa,
Em volta da torre Eiffel!...*

*Das lusas plagas, um dia,
Temerarios, rumo ao sul,
Sem pavor da Morte, partem
Dois Argonautas do Azul:
E' Coutinho, é Sacadura!
O Genio unido á Bravura*

*Que a mesma idéa traduz:
Desvendar, não pelos mares,
Mas sobre as ondas dos ares,
As terras de SANTA CRUZ!*

*Conquistadores do Espaço,
Voam da Europa ao Brasil!
Acham mesquinha essa gloria,
Esse triumpho pueril...
Querem mais... ainda é pouco...
Procuram, num gesto louco,
Mil prodigios descobrir...
Tudo estava descoberto!
Não importa... longe ou perto,
Algo novo ha de existir...*

*A's grimpas sobem dos montes,
Descem valles, sem parar,
Seus olhos, como os das aguias,
Interrogam céus e mar...
E soltam, de chofre, um grito
Os pilotos do Infinito:
E um braço que Deus conduz,
Do abysmo do esquecimento,
Arranca, nesse momento,
Um nome escorrendo luz!...*

*E Sacadura e Coutinho
Descobrem Santos Dumont!
Onde faltava uma estatua
Levanta-se um Pantheon!
São glorias de um mesmo Povo
Que o mesmo sangue, inda novo,
Faz viver, subir, crear!
São irmãos que, abrindo os braços,
Mesmo através dos espaços,
Nunca se hão de odeiar!*

*Abraçam-se os trez gigantes...
Scena augusta, hora immortal:
Quando os labios portugueses
Sobre a fronte genial
De Santos Dumont pousaram,
As duas Patrias choraram!...*

*E' que Deus, sempre, dos céus
Abrindo o eterno proscenio,
Para as victorias do Genio,
Faz das pedradas — trophéus!*

*Salve! Cabral e Coutinho,
Vós que ligastes, de vez,
O coração brasileiro
Ao coração português!...
Esse beijo commovido
No grande nome esquecido,
Sabei-o, lusos Heróes,
Esse beijo subiu tanto
Que fez das gottas do pranto
Um diadema de sóes!*

Bahia, Agosto, 1922.

PETHION DE VILLAR

ANSIA ETERNA

“E a estatua não falou, porque era estatua”,
JULIO CESAR DA SILVA.

*Fazer de um verso meu, na belleza da rima
e na força do verbo e da imaginação,
a Arte que a minha alma dolorosa exprima!*

*e despertar em ti esta fascinação
que vive, a palpitar, dentro de uma obra-prima
e, na gloria da estrophe, abrir meu coração!*

*Talvez, em tuas mãos virginalmente brancas,
tu soubesses prender o grande relicario
das minhas confissões — tão ardentes e francas...*

*E não seria, assim, um tentamen icario
com que, louco, tomei de falsas alavancas
para rolar-te, aos pés, o mundo planetario!*

*Ouvirias, alli, nas vibrações do poema,
que o meu estro feliz conseguisse fazer,
a alma sentimental, de uma termura extrema!*

*Eu viria buscar o encanto do teu ser
para na Arte construir tua gloria suprema,
a tua forma ideal de santa e de mulher...*

nos meus versos de amor, de uma ternura extrema!

*Mais sonóro que o bronze e mais brando que o vime,
só o verso é que torna amores immortaes!*

*Pobre amor! si eu te erguesse a uma estrophe sublime,
tu tambem, como um deus, não morrerias mais!*

Taubaté.

GENTIL DE CAMARGO

A VIDA

*Na minha alma se estende o Sahara immenso...
Bate na areia o sol. De quando em quando,
em meus sonhos, mentindo e desfilando,
passam miragens em visões de incenso!*

*Mas, as tristezas do deserto venço.
E as tristezas heroico supportando,
sinto os meus versos claros retumbando
pelo céo claro sobre mim suspenso.*

*E na minha alma, á inspiraçao divina,
surge o oasis piedoso, em suavidade,
como um jorro de luz em tanta ruina...*

*Goso-lhe o aroma, goso-lhe a frescura...
Depois, ando mil leguas de ansiedade
que ligam dois momentos de ventura.*

RODRIGUES DE ABREU



O LIVRO DE GOLDBERG

EM Oxford, este "burgo pôdre das artes", isto é, das letras, venho ultimamente dedicando meus vagares á leitura do livro "Brazilian Literature", de Mr. Isaac Goldberg. Um livro encantador, bem escripto e bem feito.

Não foi surpreza o encontro desse livro. Eu o antecipara, ou antes o entrevira, quando ha seis ou sete mezes parte do manusscripto virgem — um só capitulo, creio — passou pelas minhas mãos. Delicia-me a confirmação. Um livro bem escripto sempre delicia, mesmo quando execravel é o assumpto ou execravel o auctor. Mas neste caso experimento o raro goso de me achar em face dum livro que, sendo escripto por pessoa amiga e versando assumpto que por natureza me interessa, é, ao mesmo tempo, um estudo diabolicamente bem feito. Preciosa sensação, a minha; louvados sejam os deuses!

Faz o livro de M. Goldberg vir-me á tona da memoria uma theoriazinha meio a Wells que me dei uma vez o luxo de formular. Ora vêde: dizia Lemaitre que a critica dos contemporaneos é conversa. Isto por causa da proximidade entre critico e auctor. Meu arremedo de theoria é que similaridade proximidade é evitavel. Como? Por meio dum quase milagre de transsubstanciação: de contemporaneo a postero. Em outras palavras: fazendo que a distancia das ondas faça as vezes da distancia dos seculos. Diz-se aliás em inglês que "foreigners are a contemporaneos posterity". Parece-me haver neste paradoxo — que é de resto minha theoria, original apenas na especificação — uma grande dose de verdade. O expectador distante não é um mero contemporaneo; M. Goldberg, por exemplo, deve sentir-se com relação aos phenomenos actuaes da nossa literatura — Coelho Netto, Graça Aranha, Monteiro Lobato — no anno 2.000 ou 3.000, á maneira dalgum personagem phantastico de Wells. Si eu proprio, que nasci no Brasil e ahi passei tantos annos, e dos mais plasticos, da minha vida, experimento ás vezes, em face de certos phenomenos brasileiros, a sensação dum postero! Parece-me pois perfeitamente razoavel admitir que as distancias atlanticas possam fazer ás vezes das seculares. Aliás a Academia Brasileira de Lettras bem poderia sujeitar a idea phantastica aos rigores expe-

rimentaes, empregando um tanto de sua fartura de notas de cem mil reis em adquirir do governo federal a ilha da Trindade; e ahi isolando, sob o referido processo de transubstanciação, os criticos academicos — o Sr. Faria, o Sr. Medeiros, o Sr. Duque Estrada. Qualquer que fosse o resultado da experientia beneficiava altamente a causa das letras nacionaes.

Meio contemporaneo, meio posterio, Mr. Goldberg estuda nosso arremedo de literatura nacional, primeiro nos aspectos, depois nas personalidades, que lhe parecem mais significativas — a influencia dos padres jesuitas no seculo XVI, o nativismo no XVII, as academias no XVIII, o desenvolvimento autonomo, a phase romantica, a reacção critica, Castro Alves, Machado de Assis, José Verissimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Netto, Francisca Julia, Monteiro Lobato.

Estuda-os com a maior das sympathias; mas em parte alguma a sympathia exclue o criterio esthetic, isto é, o gosto pessoal de Mr. Goldberg, educado e aguçado no estudo das grandes litteraturas — a ingleza, a allemã, a franceza, a italiana, a hespanhola. Mr. Goldberg não considera a litteratura brasileira de primeira ordem; o que nas nossas letras o encanta é, eu creio, um não sei que de exoticamente saboroso, que elle proprio ignora o que seja, mas cuja essencia seu livro distilla.

Seu ponto de vista é o do puro estheta, sem laivo de preoccupações quasi-officiaes ou semi-officiaes de nos ser agradavel. Isto fica para os caixeiros-viajantes do pan-americanismo — excellente cousa, na verdade, mas á qual se não deve subordinar a da sinceridade no estudo e critica das artes. Nem se faz Mr. Goldberg, ao contrario de M. Victor Orban, ou das recentes tendencias de M. Orban, em *La Poesie Bresilienne* (1) — nosso propagandista, a não ser, é claro, indirectamente. Impossivel imaginar Mr. Goldberg prestando homenagenm aos talentos poeticos dum Sr. Lauro Muller ou maganões de igual estófa! O critico de Boston é uma dessas criaturas sem papas na lingua, violentamente sinceras. A' maneira dum Mencken, dum Bennett e, entre nós, dum Antonio Torres, elle diz com a maior sem-cerimonia deste mundo o bem ou o mal que pensa dos homens e das cousas. Influenciado pelo esthetismo de Benedetto Croce, de quem ha tanto tempo — antes de Balfour, e creio que de Carr, na Inglaterra — fez-se echo nos Estados Unidos o ex-professor da Universidade de Columbia, Mr. Spingarn, o auctor de "Brazilian Literature" considera a litteratura, tanto quanto possivel, pura esthetic e alheia egualmente á geographia e á politica. Restringe similhante esthetismo a força da litteratura? Como principio geral, creio que não; tende todavia, particularisado por certos interpretes, a um não sei que de aereo e ascetico e até doentio.

Sinto-me tentado a confrontar a concepção litteraria de Mr. Goldberg com a de Sylvio Romero e a do Sr. Ronald de Carvalho. O ponto de vista de Romero era o dum brasileirismo mais que geographico, quase politico, ao qual o sergipano impetuoso subordinava o gosto e as preoccupações estheticas. Contrasta, portanto, e violentamente, com o processo Goldberg, isto é, o do esthetismo de Croce. Contrasta igualmente com o processo Goldberg, porém não com tanta violencia, o biographico-sociologico do Sr. Ronald de Carvalho. O Sr. Ronald de Carvalho, como salienta no prefacio á *Pequena Historia*, o Sr. Medeiros e Albuquerque, "em vés de apreciar auctor por auctor, como si cada um fosse um fenomeno isolado do seu meio, é, ao contrario, filiando-os a esse meio, que ele procura julgal-os, destacando os mais significativos representantes de cada epoca" (2). Para o superficial e pedante Sr. Medeiros e Albuquerque isso de apreciar auctor por auctor, á maneira de Verissimo, é archaico. E' entretanto, o processo de

(1) *La Poesie Bresilienne*, Garnier, Paris, 1922.

(2) *Pequena Historia da Literatura Brasileira*, edição Briguiet, Rio, 1919, pag. VII.

Mr. Goldberg. E' a tendencia victoriosa entre os melhores criticos allemaes, inglezes, italianos, norte-americanos e ate franceses. Por isto Mr. Goldberg, admittindo que a preoccupação de izolar auctores possa diminuir o valor de Verissimo como historiador litterario, acha que, por outro lado, constitue o seu forte como critico. "Fal-o facilmente, superior a Romero e a Carvalho", escreve á pagina 178. (1) Concordo com Mr. Goldberg. Essa mania de filiar auctores a meios e a *ismos* pode aproveitar ao sociologo ou ao historiador social; para o critico litterario é de secundario interesse. Ao critico o que interessa é o auctor destacado da massa, do meio, dos *ismos*; e mais do que isso, o trabalho d'arte. Pode-se mesmo dizer que a pessoa do auctor, em geral — com sua esposa, ou suas amantes ou seu homosexualismo, sua nacionalidade, cõr e credo e suas opiniões politicas, etc., pertence ao *biographo*; somente o elemento individual transmittido deliberada ou subconscientemente ás obras d'arte, interessa ao *critico*. Para traçar a origem desse elemento é que o critico precisa ás vezes enveredar pela *biographia*, pela vida sexual, pelos amores de puericia, pelo ambiente domestico do auctor: ou pelo estudo do seu meio, das tendencias de sua epocha, de sua hereditriedade, etc. Tudo isto pode ser de interesse, de intenso interesse, quando o ponto de partida é o trabalho d'arte *sui generis*; independente do trabalho d'arte deixa de ser material do critico estheticoo.

Do estudo da formação das nossas letras (1500-1750) conclue Mr. Goldberg que já ahi se deprehendem as notas que mais tarde deveriam predominar entre os escriptores do Brasil: "imaginação, pendor para a redundancia, orgulho local, exuberancia oriental, venetta varia ou inconstante, ardente sensualismo". (2) Estas notas se accentuam sem comtudo chegar a vibração, ao periodo de "desenvolvimento autonomo". E' do periodo romantico (1830-1870) que o estheta de Boston data a maioridade do escriptor brasileiro. "The national winter", escreve, "as a type, has attained his majority; he gozes upon brosder horizons". (3) E' facto. E poderia notar-se, de passagem, que havia então, da parte da oligarchia politico-social (segundo imperio) preoccupações mentaes escandalosamente ausentes nos mandarins de hoje, (4) a tendencia de profissionalismo a todo o panno que nos subjuga ha trinta e tantos annos é, em grande parte, responsavel por esse retrocesso na cultura geral dos mandarins brasileiros.

Pergunta entretanto Mr. Goldberg, sempre preoccupado em izolar de tudo o mais o prazer estheticoo, o que afinal nos resta do periodo romantico, excepção feita d'alguns poemas e de *Guarany*, *Iracema*, *Innocencia*, *A Moreninha*, *O Moço Louro*. (E isto sem os sujeitar a um criterio rigorosamente estheticoo — ao qual, devo dizer, por mais implacavel, haveria de resistir *Innocencia*.) Responderei que *incunabula*. Mesmo *O Moço Louro* me parece mera *incunabula*. Para o farejador de documentos sociaes da epocha — digo-o por experienca propria — é que tanto os romances de Macedo como os de Manoel Almeida, são preciosidades... O gentil e subtil Sr. Ronald de Carvalho destaca o facto quanto aos estudos de Almeida, que qualifica de "photographias na primeira prova". (5)

No capitulo seguinte é a "reacção critica" que Mr. Goldberg estuda — "isto é, a revolta, na poetica, dos parnasianos e, no romance, dos naturalis-

(1) "It renders him easily superior to Romero and Carvalho, the latter of whom is much indelited to both Verissimo and Romero, as is every one who seeks to write of the Nation's letters.

(2) Pag. 52.

(3) Pag. 100.

(4) Nossa tão escrupuloso historiador Sr. Oliveira Lima salientou recentemente o facto na quinta de suas conferencias em Williamtown, nos Estados Unidos.

(5) Pequena Historia da Literatura Brasileira — ed. Briguet. Rio de Janeiro, pag. 258.

tas". Describina entre o parnasianismo francez e o brasileiro; echo colonial do parisiense o nosso modifcou-se em ser transplantado, adquirindo, segundo Mr. Goldberg "certo calor tropical". Não conservou a "marmorea frieza" do materno. Satisfazia entretanto, nota mais adiante o critico, "a necessidade da *psyché* nacional" dalguma causa de fino e exquisitamente voluptuoso" (1) — cysnes, torres de marfim, outros requintes — que tomasse o logar da denominada eloquencia condoreira.

A respeito dos naturalistas — Aluisio de Azevedo, Julio Ribeiro, Raul Pompeia — os reparos de Mr. Goldberg parecem-me fugitivos, incolores, tacteantes: cabe-lhes o rotulo que se coloca nos caixotes de louça... Muito mais vivas, fortes e intelligentes são, neste particular, as paginas do Sr. Ronald de Carvalho, isto é, a segunda parte do capitulo IX da "Pequena Historia" onde o fino criterio do escriptor brasileiro admiravelmente descrimina entre Machado de Assis, "mais attento ás cousas que extasiado com ellas" e Aluisio, com a sua "visão mobil e segura" e o seu "senso de colorido; entre Julio Ribeiro, "morbido, sensacionalista", "aquele em quem era mais forte e agudo o instinto da vida" e Raul Pompeia "inquieto, insatisfeito, o mais poeta de todos os quatro, o mais commovido entre o espectaculo do mundo". (Quanto aos rotulos de "impressionista", "retratista", "intellectualista", etc., que o Sr. Ronald emprega na descriminação dos quatro escriptores revelam de sua parte uma tendencia para *etiquetter*, que, por muito o admirar, não só constato: lamento.)

Dos dez capitulos no livro de Mr. Goldberg acerca de "significant personalities" destaco o que a Verissimo é dedicado. Parece-me, senão o melhor, um dos melhores, da serie. — Verissimo foi num meio como o nosso, de elogio falso e verbalismo exaltado, verdadeiro milagre de sinceridade, fleugma e equilibrio. Recentemente o Sr. Medeiros e Albuquerque, no afan de exaltar os meritos da "Pequena Historia", do Sr. Ronald de Carvalho, declarou com aquelle seu ar petulante de pernambucano afrancezado, que o estylo de Verissimo "é duro, aspero, pedregoso", com "umas pretensões esporadicadas de classicismo que chegam ás vezes, a ser comicas." (2) Sem achar no estylo de Verissimo a belleza musical das paginas de Rodó, destaca-lhe Mr. Goldberg o encanto de ser sempre directo, simples e lucido. Salienta em Verissimo o conceito da critica litteraria — uma arte pessoal, flexivel, eclectica, visando atraves do fugitivo das formas, das tendencias, das escolas a essencia invariavel do goso estheticco.

Para Mr. Goldberg, o *meio* não permitiu a Verissimo a expansão de que era capaz pelo talento e pela cultura.

A litteraturinha do Brasil, essa retardada mental — a expressão é minha — necessitava, segundo Mr. Goldberg, mais um mestre-escola que um critico: "necessitava um como policia das artes" (a policeman of the arts, as 't were). (3).

Póde-se de passagem notar que continua o Brasil a necessitar um policia das artes, tanto quanto um detective moral...

A ultima função, executou-a na Regencia o Padre Feijó; no Segundo Imperio, e imperador mesmo. (4).

Excellentes são os capitulos especiaes que Mr. Goldberg consagra a Coelho Netto, Graça Aranha, Oliveira Lima e Olavo Bilac. No capitulo acerca de Machado de Assis noto um como receio da parte de Mr. Goldberg

(1) pag. 105.

(2) Prefacio á "Pequena Historia da Literatura Brasileira", Ed. Briguiet, pag. VII.

(3) pag. 173.

(4) Num pequeno estudo, "Social Life in Brasil in the Middle of the 19th centuruy", procuro destacar a figura de Dom Pedro como "a big moral policeman".

de reconhecer no auctor de "Dom Casmurro" um grande artista: um gigante que não precisa da condescendencia de ninguem. Porque hesitar em comparal-o directamente, sem ceremoniosos rodeios, ao Senhor-Anatole-France-Todo Poderoso?

O capitulo "Euclides da Cunha" é outro que, ao meu vêr, merece a advertencia a tinta encarnada: *Fragil!*

No estudo de Coelho Netto, porém, Mr. Goldberg revela o seu forte: o de discriminar suggestões de verdadeira arte por entre a ramalhuda massa de verbalismo... Aliás, si não possuisse esse raro, precioso talento, seria idiotice de Mr. Goldberg embrafustar pela floresta semi-virgem e ainda mal assombrada, das letras hispano-americanas... Setenta e cinco por cento da nossa producção é verbalismo. No Brasil, o sr. Ruy Barbosa conseguiu a fama de semi-deus, não pelos seus fortes estudos, que á nossa juventude amollecidamente falta a coragem de lér — como o ensaio sobre Swift e a *Introducção a O Papa e o Concilio*; conseguiu-a por ser o grande verbo-cionante que é. Sim, *verboso et tremendo!* Da litteratura italiana ignoramos tudo — Leopardi, Pascoli, Alfieri, Foscolo, Enrico Butti, Papini; della o só escriptor que nos subjuga é Gabriele d'Annunzio, com sua formidável nevrose verbal... Das modernas letras hespanholas e hespanholo-americanas ignora o publico letrado do Brasil Pio Baroja, Azorin, Nervo, Sanchez; atrahem-nos os poucos talentos verbaes — Vargas Vila, Blasco Ibáñez... O Sr. Coelho Netto ha escripto muita cousa que é mero verbalismo; porém, no seu caso, ha que discriminar... Nem tanto de sua obra flue a seiva preciosa da arte; um tanto de sua obra ha de sobreviver. E a mim parece que, excepção feita de Verissimo, ninguem como Mr. Goldberg — nem o Sr. Oliveira Lima na sua serie "Ecrivains Bresiliens Contemporains" publicada em "La Revue" (hoje "La Revue Mondiale") de Paris, em 1910 — ha sabido analysar com tanta finura o trabalho "en masse", do romancista de *Rei Negro*. Escreve paradoxalmente o critico de Boston, que o exotismo do Sr. Coelho Netto "atrahe mesmo quando repelle" (draws even as it repels...). (1) Destaca-lhe a voluptuosidade e, em certos contos, como *Os Velhos*, o que chama "olfactory sadism", (2) comparando os efeitos de *macabresa* que a arte do brasileiro ahi consegue com os de Poe em *The Fall of the House of Usher*. Mas para Mr. Goldberg, á grande parte da producção do Sr. Coelho Netto falta a consistencia, a flamma, a significação da verdadeira arte. Aponta o critico como exemplo a *novelette Agua de Juventa*. (3).

Quanto ao Sr. Graça Aranha, ou antes á *Canaan*, que tem feito perder o prumo a tanta gente no Brasil — para não falar da rhetorica exaltada a que arrastou a mocidade inflammavel do Sr. Benedicto Costa, em *Le Roman au Brésil* — igualmente criteriosos me parecem os reparos de Mr. Goldberg. Creio que a exaltação em torno de *Canaan* começou com uma phrase do Senhor-Anatole-Todo-Poderoso: que "aquillo era o romance da America". Algo assim. Uma dessas phrases a tôa, petulantes, em que o parisiense é fertil quando fala do que não entende. O mesmo Anatole já uma vez disse esta cousa divertida: que Blasco Ibáñez é o maior romancista hespanhol! Uns divertidos, esses parisienses, quando condescendem em expressar-se acerca de estrangeiros.

Canaan, segundo Mr. Goldberg, quando sujeito a um criterio exclusivamente esthetic, isto é, independente da forte attracção que o livro exerce como estudo de psychologia social, ou, conforme a classifica o Sr. Benedicto Costa, de critica philosophica, é apenas uma "alta promessa" (a

(1) pag. 253.

(2) pag. 256.

(3) pag. 258.

high promise) (1). Para o critico de Boston, o que ha de grande e definitivo em *Canaan* é sua "significação historica", que "tende a crescer". Não lhe parece extraordinaria a "importancia" artistica do livro que, ao seu vêr, "tende a diminuir". (2).

Os capitulos acerca de Bilac, Oliveira Lima, Lobato, li-os com encanto e delicia. Soube o judeu-yankee de Boston extrahir da obra de Bilac a essencia mesma: aquella voluptuosidade dyonisiaca que faz dos versos do auctor da *Via Lactea* um goso intenso para os sentidos. Aliás, acerca de Bilac, como de Emilio de Menezes, ha uns reparos intelligentissimos — superiores aos do sr. Ronald de Carvalho — pelo auctor de *Pasquinadas Cariocas*.

A proposito: como explicar a omissão do Sr. Antonio Torres no livro de Mr. Goldberg? Parece-me defeito serio e particularmente estranhamvel num espectador e estudioso das litteraturas modernas como Mr. Goldberg, alerta ás novas tendencias, sympathico aos movimentos de mocidade e revolta. Creio não exagerar dizendo que a significação do Sr. Torres, como uma força nova, ou antes reaccionaria, no nosso meio, corresponde á de Henry L. Mencken, nos Estados Unidos, e á de Leon Daudet, na França. Filial-o ao movimento de São Paulo seria idiotice, embora me pareça commum ao sr. Torres e ao Sr. Lobato, um como Pre-Raphaelismo litterario: a vontade de personalidade propria e personalidade nacional. Mas o Sr. Torres constitue um caso á parte digno de estudo especial. E' um dos nossos talentos mais prometedores — e já o segue com interesse o perspicaz Goran Bjorkman. Que importa o facto de tantos no Brasil verem no Sr. Torres apenas a nota sensacionalista, a violencia *terre-á-terre* e o mais que de superficial ha no seu trabalho, no fundo sincero e sobretudo consciencioso e discriminador? Só a superficiaes pôde escapar, da leitura de "Pasquinadas" ou "Prós & Contras", que no Sr. Antonio Torres ha um poder de observação capaz de fortes analyses — e não só no terreno da pathologia social: no da pathologia esthetica, igualmente — e uma vitalidade formidavel, que a cultura vae devagarinho disciplinando.

Para Mr. Goldberg, o Sr. Oliveira Lima é a nossa mais alta expressão de intellectualidade. E desse mixto paradoxal de claro bom senso e quasi quixotica independencia, que é o auctor de *No Japão*, traça o judeu-yankee o mais sympathico dos retratos. Caracterisa-o, um tanto á maneira de Oscar Wilde, como "an undiplomatic diplomat" e "an unjournalistic journalist". (3)

No artista de *Urupés* pôe em destaque Mr. Goldberg a *gallophobia* que, ao meu vêr, é apenas um aspecto do victorioso Pre-Raphaelismo litterari do Sr. Lobato: a vontade, de sua parte, de vêr com os proprios olhos o espectaculo tragi-comico da vida. Ainda que me aborreçam nos contos do escriptor de São Paulo constantes intrusões de sua mania didactica e do seu messianismo hygienico, não concordo com Mr. Goldberg em que "of pure literature ther is little in the young Saint-Paulist". (4) Com a breca! Metade, pelo menos, de *Urupés*, é litteratura. Senão, que diabo é litteratura? Concordo em que varios dos contos do Sr. Lobato degeneram em sentimentalidade e propaganda hygienica, ou nacionalista ou seja o que fôr. Parece-me, porém, que em grande parte, na maioria, talvez, (ainda que presentes essas preocupações extra-artisticas que a mim como a Mr. Goldberg, pouco interessam), arde a flamma da mais pura arte (4). Succumbirá o artista no Sr. Lobato, ao caricaturista social, e ao pregador de hygiene?

(1) pag. 245.

(2) pag. 245.

(3) pag. 229.

(4) Occorre-me um exemplo: *O Comprador de Fazendas*.

Creio que não. Fornecem-nos as letras russas e scandinavas suggestões de optimismo neste respeito. Quanto a mim, ainda que conservando os olhos escancarados aos defeitos do Sr. Lobato — á propria tendencia de sua arte de retratar a vida como um photographo de gabinete de identificação aos criminosos e candidatos a passaportes — inclino-me, no seu caso, a uma espectativa talvez exagerada: a de que o auctor de *Urupés* ha de chegar aos hombros, pelo menos, do de *Dom Casmurro* — ainda hoje, só e isolado no meio da nossa literaturasinha de brinquedo, com o ar timido dum gigante entre crianças a recortar calungas de papel... (1)

GILBERTO FREYRE

(1) Ha em "Brazilian Literature" um capitulo sobre a poetisa Francisca Julia. Muito sympathico a Francisca Julia, Mr. Goldberg. Confesso que meus preconceitos contra literatura feminina sempre me conservaram á distancia da obra da poetisa brasileira, da qual apenas conheço um fragmento ou outro. Deste peccado de exclusivismo devo penitenciar-me: Francisca Julia parece ter sido uma verdadeira artista. Occorre-me outro reparo ao livro de Mr. Goldberg: estranho a omissão dos snrs. Vicente de Carvalho, Gustavo Barroso e Afranio Peixoto.



CRÓNICA DE ARTE

VILLA - LOBOS

O grupo era pequeno essa noite. 6 ou 7. Villa-Lobos entrou com uma nota de 50 mil réis na mão, indignado com o motorista que não tinha trôco para aquela riqueza inutil. Corri pagar o automovel. Quando voltei, Villa, com o tesouro na mão, ainda estava de pé no meio da sala. Apresentei então ao músico as 2 ou 3 pessoas do grupo que ainda desconhecia. As outras, amigos recentes... Mas Villa sentia-se bem. Sabia que o meio era de camaradas. Pôs-se a falar linguagem aberta, como criança entre iguais. E todos nós falavamos assim. Naquella sala estavamos livre do Homem... E era a felicidade! As frases associadas, como num quadro de Kandinsky, coloriam a tela do silencio com as cores das anedocas, esportes, amores, trocadilhos. E mesmo, pois que a reunião era de artistas, falava-se um pouco de arte tambem. Todas as heresias permitidas. Eramos mais ou menos como o milionario da "Princesa dos Dólares"; e pela riqueza de felicidade e desprendimento, permitiamo-nos, ante a universal seriedade humana, modificar a nosso talante a significação dos homens e das obras. Duas coisas afastavamos sistematicamente dessas reuniões: a monotonia da severidade e a preocupação do futuro. Cortejavamos apaixonadamente essa morena perversa, de olhos verdes, Dona Vida-que-passa. De tempo em tempo uma palavra sobre o passado... Geralmente ironia. Caçoada sem maldade. Falavamos do passado como falavam do pai os filhos de João Sebastião Bach:

— Oh! êsse velho rabugento...

Mas, deixem lá! amavamo-lo filialmente êsse pai tão grande, tão sabio, meio caduco. E por colheitas claras, matutinas, estudavamo-lo diuturnamente êsse velho pai Passado, nos seus altos feitos e no seus êrros sinceros.

Villa-Lobos propôs que não se falasse de musica. Queria libertar-se dela por uns momentos. Lembrou-me um sacerdote meu amigo que não visitava ninguem porquê, dizia, quando se sentava numa sala, toda a gente se acreditava obrigada a falar sobre religião...

Mas alguém se voltou na cadeira rotatoria. A mola gemeu.

— Como é? Repita!

E escutado de novo o planger da mola, uma luz triunfal explodiu dos olhos do musico. Cantarolou baixinho e murmurou: Pronto: um tema.

E me pús a pensar sobre os exemplos que a natureza oferece ao musico; e que Hanslik, Riemann esforçaram-se por negar... Villa-Lobos, esse musical por excelencia, como um selvagem primitivo, contradizia-os. Tinha o exemplo! Estilizara-o como homem quaternario. Dessem-lhe agora o descanso, propicio á obra de arte, e a musica nascera, conjuntamente humana, cosmica e divina. Cosmica, como tudo que enterra suas raizes na vida natural. Humana, como tudo que tem no tronco oscilante o cerne do coração humano, sumarento de amor. Divina finalmente, pela força criadora individual, que floresce em obras inéditas, supra-reais. A musica de Villa-Lobos é assim. E pela epoca de hesitação e dúvidas que é a nossa, essas tres forças entrelaçadas numa luta sem fim, unem-se indissoluvelis, com importancias iguais. Si num Beethoven o potencial humano é mais forte; si em Mozart vence o divino e um Debussy é mais cósmico; em Villa-Lobos essas tres forças se combatem, sem que uma sobressaia, espelhando a dolorosa harmonia da vida contemporanea.

Mas o tema era tambem um assunto. Villa começou insensivelmente a falar de sua arte, de seus projectos e teorias. E que péssimo teórico é Villa-Lobos! Quanto aquem de sua arte ficam suas teorias! Aliás *teorias* não é bem o termo... Villa-Lobos é tão perseguido pelo desamor e impertinencia da critica indigena, que lhe nasceu o medo duma universal incompreensão e a mania de explicar suas intenções. Como si sua arte magnifica não bastasse para justifica-lo, mete-se em explicações nem sempre claras ou exactas, pretendendo principalmente minuciar uma por uma as sutilezas que pôs nas suas construções — sutilezas que na realidade a musica não pode transmitir. Ou, si transmite, o faz por meio de expressões puramente musicaes, impossiveis de explicação oral. Combarieu percebeu muito bem essa verdade quando deu á musica a definição conciliatoria de arte de pensar, *sem conceitos*, por meio de sons. Ora aos que tiveram com Villa-Lobos uma comunhão mais intima ressalta o contraste entre a essencia de sua musica e o valor comotivo que êle lhe dá. As vezes mesmo, em suas explicações, o autor da "Suite Floral" atinge pormenores de tal maneira objectivos, que um julgamento mais leviano dar-lhe-ia ás composições uma intenção programática. Mas Villa felizmente está um seculo adiante desse romantismo. Sua musicalidade intensissima participa caracteristica e indissoluvelmente da essencia da musica, sem nenhuma ligação intelectual. E porquê sua arte é assim sonora, e unicamente som, é que, entre os parentescos electivos, êle confessa grande amor por Mozart. Mas ainda aqui surge uma distinção que melhor caracteriza o compositor patrício. Mozart (o da musica de camera) sublime fruto e expoente dum século de classicismo formal, aplica a musicalidade a uma arquitectura sonora mais irreal, mais bela, e sob essa orientação concerta as impulsões liricas; Villa-Lobos explana sua musicalidade sem êsse preconceito formal, atingindo assim a um mais profundo arcano, e se humaniza expressando (transmitindo) uma comoção mais vital e mais intima. Diferença das epochas! Nem determinei com isso uma superioridadade. Não me preocupam superioridades. Descrimino caracteres. O artista não pode sofrer comparação. Tem de ser tomado em absoluto, para ser realmente amado e compreendido. Em Villa-Lobos essa musicalidade expressiva é tão intensa que o leva ás vezes a afirmativas aparentemente comicas, mas grávidas de verdade. Duma feita chegou a afirmar que *não era musico!* E' que suas criações são por tal forma subconscientes e não pensadas (e d'ai essa força convincente que promana mesmo das páginas de menor valor) que pelo significado secreto que as determina, fazem-no acreditar-se alem da musica. Com aquella frase, Villa apenas e lindamente queria dizer que tem de ser julgado "relicto aurium judicio" como dizia Boecio — alem do simples agradavel sonoro. Seu mal está em

explicar o que é inexplicavel pela palavra curta. Desde Beethoven que vimos incorrendo num êrro de apreciação perniciosissimo. Parece caber a nosso tempo, principalmente com certos modernistas russos, italianos e franceses, o acabar com êsse descaminho. O que mais deve interessar na musica é a propria musica — contanto que desta não separemos a comoção vaga ideal que lhe deve ser inerente e que a palavra não historia nem comenta.

O que salva o grande artista de suas explicações é sua musica. Raro se poderá dizer de outra obra nacional que possua um tal tranbordamento convincente e vitorioso. Notem-se-lhe embora defeitos, a prolixidade excessiva (a maravilhosa Sinfonietta, o Movimento de Tarantella) ella subjuga o ouvinte pela fremente nudez de sua sinceridade. A êsse caracter primás, segue a individualidade.

Contemplando a trajectoria que em dez anos ascensionais trouxe o artista aos Epigramas mais recentes, nota-se desde logo uma tranformação gradual em que essa personalidade se apura, acendrando suas caracteristicas mais intimas e fortes.

Em primeiro lugar: Villa-Lobos, vivendo segregado das lutas de fórmulas e escolas, longe do conflito artistico europeu, não pode ser filiado a nenhuma orientação determinada. Realiza o que poderia chamar-se, no melhor sentido estetico que á palavra se dê: um *fauve*. Sua critica personalissima liberta-o da clausula das escolas. Não aceita ninguem pelos principios de que êste dispõe, nem mesmo pela genialidade que possuí; ás suas ligações artisticas rege unicamente o mistério das afinidades electivas, ou melhor, a *empathia*, de que falam os psicologos ingleses. Para êle não ha modernistas nem passadistas, genios ou mediocridades; ha homens que correspondem ou não ás aspirações vagas de sua personalidade. Evidentemente sua envergadura não lhe permitiria jamais gostar do mediocre... Mas acima da hierarquia do talento coloca a hierarquia das intimas correspondencias. Livre assim do curso das escolas, na evolução ascensional de sua obra, um dêsses criticos a que Schumann pedia que "procurasse as quintas e deixasse os compositores em paz" ver-se-ia atrapalhado para determinar uma progressiva evolução technica, sob o ponto de vista, principalmente, da harmonia ou da orquestração. Conhecedor abalisadissimo de ambas, com uma admiravel intuição dos recursos individuais dos instrumentos, Villa é um feiticeiro incansavel de efeitos, instrumentais. Mas nenhuma preocupação de excentricidade ou exotismo o leva a esperdiçar, perdulario, as riquezas que lhe foram do conhecimento da orquestra. Não ha *extravagancia*, não ha efeito ultrapassante a já classica orquestra de Wagner, que não se justifique nele por uma absoluta necessidade ou psicologica (Quarteto Simbolico) ou objectiva (Dansas Africanas). Da mesma forma na harmonia Villa-Lobos atingiu aquella clara sabedoria que o livra de qualquer pernicioso preconceito de modernismo. Harmoniza segundo as exigencias naturaes do trecho que compõe. Dos modernistas só aceita, como verdade adquirida, o direito de vida independente da dissonancia. Sua harmonização não é imposta; é uma consequencia natural, inconsciente; é de facil ou impossivel analise, não ditada por um juizo, mas gerada directamente de expressão. E si nas obras dos primeiros tempos ainda se notam certas reminiscencias dos processos da escola francesa posterior a Franck, elas desapareceram já, incorporadas á sua maneira de harmonisar, livre e sem chancela de nenhuma academia. Por isso repele o preccnceito escolastico da atonalidade ou politonalidade obrigatorias dum Milhaud ou dum Casella — cuja obra nem sempre poderá justificar-se, nem mesmo pela sinceridade. Não é pois ai que se irá encontrar o interesse da evolução de nosso grande musico. Essa evolução reside muito mais no acendar as qualidades psicologicas distintivas de sua personalidade.

Mas delas falarei outra vez. Agora só me resta para assinalar a maior e a mais importante para nós: Villa-Lobos torna-se cada vez mais musicista brasileiro. Porém esse nacionalismo que o dignifica, não é o nacionalismo exterior de Ligas patrióticas ou corrilhos literários regionais. É' qualquer coisa de mais seguro e menos moda.

E' curioso mesmo verificar que em sua evolução tudo vai de fora para dentro. Quero dizer que vai da exterioridade formal para a concisão subjetiva. A evolução de Villa-Lobos se desenha como a trajectória dum jôrro de água que, em vez de se alargar na luta contra a pressão atmosférica, começasse em milhares de gotinhas dispersas, congregadas pouco a pouco, alto, num torçal líquido mais rápido, mais possante e vitorioso.

Assim: na transformação da melodia, que dez anos de actividade apresentam, Villa se recata e classiciza cada vez mais. As largas frases de 1913 e 14 se encurtam. O perfume, emanado das peças daquela época. (Prelúdio de Izah, 1º Trio) se concretiza em essência (Tédio da Alvorada — essa obra — prima, os admiráveis Epigramas, a Suite Floral). Da melodia infinita para o tema. Por isso, á medida que perde aquela juvenil prolixidade, analítica, facilmente apaixonada, ganha em precisão e grandesa sintética. Índice gentil de modernidade!

Da mesma forma se acendra o brasileirismo de Villa-Lobos. De acessório passa a faculdade efectiva de alma. Libertou-se do exotismo romântico da peça característica, cacoete que infelicitava a grande obra dum Albeniz e em geral a de todos os musicos regionais, para adquirir um aspecto nacional mais eficiente, embora virtual. Deu-se em Villa-Lobos todo um movimento de concentração, de cristalização, que salvou seu nacionalismo da sincopa obrigatoria e do tema enxertado. Compreende-se que a um estrangeiro, principalmente sendo este europeu, interessaria mais essa fácil utilização de sambas e modinhas. Ao estrangeiro esse exotismo divertirá; pouco se importa ele que nossas qualidades étnicas se definam e concentrem e o artista brasileiro realize o que desejou tão justamente Graça Aranha: o homem brasileiro com espírito latino. Fôrça é confessar porém que Villa-Lobos si acri-sola suas qualidades de musicista brasileiro caracteriza-se também por certo misticismo, certa *Sehensucht* do metafísico, muito pouco latina (Quarteto Simbólico, Historia de Poeta).

Isenta desse caráter dansarino ou trovadoresco, a obra de Villa-Lobos não tem o facilmente comprehensível nacionalismo dum Granados ou Rey Colaço, mas atinge o poderoso e secreto fundamento racional que determina a obra dum Strawinsky, dum Weber, dum Scarlatti, e que não só pelo ritmo e pelo arabesco melódico, mas também e muito mais pelo *pathos* geral se determina.

Obrigam-me a parar. Mas voltarei nestas mesmas crónicas a dizer especialmente da obra pianística, de Villa-Lobos, em que ele pôs tão grande soma de perfeições, rendilhadas em sutileza e graça. Então acentuarei as outras qualidades que o enriquecem. Villa progride e trabalha sempre. Prodigiousamente dotado como é, tem sobre si a glória dum destino penosíssimo e a tremenda responsabilidade daqueles raros sobre quem Deus acumulou em abundância os talentos musicais. Mas saberá responder á expectativa dos que o amam. Certas páginas suas, Tédio de Alvorada, as Bonecas o Quarteto Simbólico, muitos Epigramas, creio estarem além de toda morte. E vejo-o ainda subir!... Mas ponho um silêncio nos meus lábios para não baratear o adjetivo que só a posteridade justifica.

MARIO DE ANDRADE.



O GUIZO

ERA uma vez um cachorro que tinha um guizo. Chamava-se Jack e era um bello e nobre animal; embora pequenino no porte, via-se que era um cão de alta linhagem, que deveria ter na sua complicada ascendencia canina algum dog de puro sangue nascido ás margens ruidosas do Tamisa ou na silenciosa Oxford cheia de bruma. Jack, porém, nascera numa pacata cidade brasileira e era quando muito um cachorro de estimação, o que entre elles, cachorros, equivale á nossa expressão — pessoa de sociedade.

Sempre limpo e bem tratado, tinha a comida a horas certas, dormia, pelo inverno, num palheiro confortavel e, pelo verão, na sua casinha de madeira, ao fundo da chacara. Fazia a corte ás mais bellas cachorrinhas do bairro e quando passava pela rua, lépido, o seu guizo tilintando, não descia a cumprimentar qualquer cachorro magro desses que infestavam a cidade, cachorros pés-rapados, cachorros vagabundos, sem dono nem domicilio conhecido... Não lhes dava confiança — lá isso não! elle, Jack, o cachorro mais distinto do quarteirão e quiçá da cidade, que morava na casa dum titular, tinha bom caldo todos os dias e, aos domingos, fazia passeios ao campo, com a respeitavel familia do Conselheiro.

Ora, esse cachorro feliz, animado, querido, que vivia como um cachorro de lord e fizera para uso proprio uma philosophia epicurista e sceptica acerca das cousas todas da vida, teve na sua existencia despreoccupada e alegre um grande desgosto, um dissabor enorme que lhe amargurava todos os prazeres, que lhe

consumia e minava, aos poucos, a jovialidade e o bom humor d'antanho.

Fôra, de principio, um simples capricho; hoje era uma paixão, uma obcessão allucinante, uma idéa fixa... A primeira vez que elle vira Velludo, um cachorro feio e magro daquelle pobre familia do vendeiro da esquina, trazer ao pescoço um guizo de lata, Jack abanára a cauda, rindo-se intimamente e a bom rir da pretenção ridicula daquelle palhaço.

E que guizo! Era nem mais nem menos que uma dessas vulgares latas de conserva furada e amarrada ao pescoço por um barbante grosseiro e á qual uma pedra servia de badalo — torpe contrafaçâo de guizo, grotesca, hilariante, que nenhum cachorro de juizo e de gosto levaria a serio.

Era esse o guizo que Velludo trazia orgulhoso, duas semanas atraz, a ponto de passar o dia subindo e descendo a rua, com modos de chamar a attenção dos outros cães.

Um guizo de lata velha! E elle, Jack, que tinha um de metal prateado, pequeno, de artistico feitio, produzindo um rumor fino e delicado, prezo ao pescoço por um cordel macio de sêda, não andava a exhibir assim o seu guizo, numa estupida ostentação como a que fazia agora o Velludo! Mas, não lhe daria importânciâ: podia tocar o seu guizo, o seu ridiculo guizo, desde o amanhecer até a noite...

II

O guizo de Velludo, entretanto, o perseguiâ. Jack entrou de notar a attenção que aquelle som forte e ruidoso despertava no bairro, mal Velludo assomava á porta da vendóla e punha-se a descer ou subir a rua, correndo, aos pinotes, como cachorro mal educado que era...

Isto deu, desde logo, muito que cuidar a Jack. Porque seria que o guizo do outro, tosco e mal feito, chamava mais a attenção do que o seu que era um verdadeiro guizo artistico, perfeito e acabado? Seria o barulho, o tilintar mais sonoro ou, então, o seu formato maior que, assim, attrahia a curiosidade dos cães, moradores do bairro ou transeuntes? Mas, Jack, custava-lhe crêr que todos os seus semelhantes fossem tão frivolos e tão estúpidos a ponto de se deixarem levar mais pelas apparencias que pelo valor e preferirem, a um simples confronto, o guizo de Velludo ao seu. Quanto ás cachorrinhas novas e ingenuas, vá que fosse: ellas, pela idade e pelo sexo, são levianas e não saberiam distinguir o merecimento dos guizos que andam prezados ao pescoço dos cães... Mas, não eram só ellas; até os cães burguezes, os gordos molossos das chacaras vizinhas, os respeitaveis cães

de guarda que formam as classes conservadoras da sociedade canina, corriam latindo, num cumprimento mixto de admiração e cordialidade, á passagem do Velludo e até o Cerbero, velho cão, decáno veneravel do bairro, zelador fiel do nobre palacete dos Condes de Aroeira, vinha, entre curioso e interessado, num abanar de orelhas denunciador de franca benevolencia, ver o Velludo quando corria a rúa, ao som vibrante do seu irrigorio chocalho.

O Cerbero que era um cachorro sisudo, com larga experientia da vida, considerado mesmo como um philosopho pelos outros cães — e, emtanto, deixar-se impressionar por aquella triste ridicularia!

Jack começou a intrigar-se com aquillo. Ensaioou umas corridas pela rúa com o seu guizo, cujo tilintar suave e fino parecia um leve vibrar de campainha, a vêr si faria o mesmo effeito do guizo de Velludo. Ninguem deu por elle sinão uns cães vadios e morrinhentos que se aqueciam ao sól e ladraram, á sua passagem, improprios de ralé. Jack voltou para casa impressionadissimo. Esse dia não jantou, apezar de lhe servirem um delicioso caldo de lentilhas, no lindo prato azul de porcelana de Sévres onde comera a Elvira, a graciosa filha mais nova do sr. Conselheiro. Jack não tinha appetite... O guizo de Velludo começava a preoccupal-o sériamente.

III

— Dlen-dlen-dlen!

Jack correu instinctivamente ao portão. Era Velludo que passava, perseguinto um cachorro feio que apparecera no bairro, perdido, naturalmente, do seu rumo. E Jack sentiu que já lhe não era possivel occultar a quēda sensivel do seu antigo prestigio. Pois si até aquelle poder de expulsar os cães invasores que, por muito tempo, se reservára para si, Velludo, o impertinente, o usurpador Velludo lh'o tomára! A cachorrada toda do bairro achava-se, áquella hora calma da tarde, pelas portas e passeios, ladrando aos passantes, correndo parelhas pela calçada, fariscando-se, divertindo-se, gosando, emquanto elle, Jack, cão nobre e distinto, que fôra sempre o animal mais querido da rúa, ia se fazendo esquecido, desprezado, só porquê Velludo tinha um guizo maior e mais barulhento que o seu... Com que amarga tristeza Jack revivia o seu passado feliz, as lindas tardes do verão que acabava, quando elle passeiava o seu poderio e a sua gentileza ante a admiração babosa da canzoada estupida! Ah! aquelle guizo! Amaldiçoado guizo! Como elle odiava a Velludo, como desejaria vel-o estraçalhado sob as rodas de um bonde ou vi-

ctima das *bolas* que os fiscaes andavam dando aos cães vagabundos! E que era Velludo, afinal das contas? Um cão vagabundo, sujo e indecente, que andava pela baiúcas mais infectas, tinha pessimas relações nas mais baixas classes caninas, sendo até suspeito de alimentar idéas anarquistas. Era sabido que pelas suas maneiras indelicadas apenas o tolerava a plebe canzual, sendo lhe vedado entrar nas casas nobres, desde que, pela sua grosseira inconveniencia, se atirara, uma vez, irreverentemente, ás canellas aristocraticas da senhora Viscondessa e roubára, de outra feita, uma róda de paio da bem sortida dispensa do sr. Inspector do quarteirão... Si elle, Jack, seria capaz de de commetter uma dessas gravíssimas faltas! Nunca... Para isso recebera esmerada educação, tornando-se, pelo meio em que fôra criado, um cachorro polido e de maneiras distintas, fraldiqueiro desde pequeno, gosando os afagos e caricias das meninas, admittido a acompanhar a Senhora Conselheira ás visitas que fazia, e recebendo mesmo do Conselheiro — homem sécco e de poucas palavras — amabilidades inequivocas e captivantes... Não, elle era evidentemente, feito d'outra massa, pertencia a outro circulo, e jamais, custasse-lhe isso o sacrificio do seu prestigio e da sua vida, se mancharia, se baratearia ao ponto de sahir á rúa trazendo ao pescoço um miseravel guizo como aquelle que fazia o orgulho de Velludo.

IV

Dia a dia o pobre Jack definhava...

Em casa, alarmados ante a súbita invasão daquella inexplicável enfermidade, redobravam-lhe os carinhos e prodigalisavam-lhe o tratamento adequado, sem que melhora alguma se manifestasse.

Era o triste animal reanimar-se um pouco, tentar sahir, vêr a rúa, o jardim, o chafariz, matar a sua nostalgia do ar, do céu e das borboletas, lá vinha, rumoroso e irritante, o guizo de Velludo a arruinar-lhe todo o resto do dia, a estragar toda alegria do seu passeio...

Ultimamente, tal era a sua excitação nervosa, que todo os ruidos lhe evocavam aquelle rumor: uma campainha de bicycleta, um tympano de bonde, um tinir forte de botão electrico — e já o infeliz se via atado de novo á dolorosa obcessão daquelle guizo fatal.

Pelo bairro, nas palestras á tarde, nos idillios furtivos da noite, já ninguem fallava do esquecido Jack. Era como si elle já tivesse morrido. Velludo era o cão da móda, o cachorro bem-quisto, cujo convívio era ávidamente procurado pela canzoada

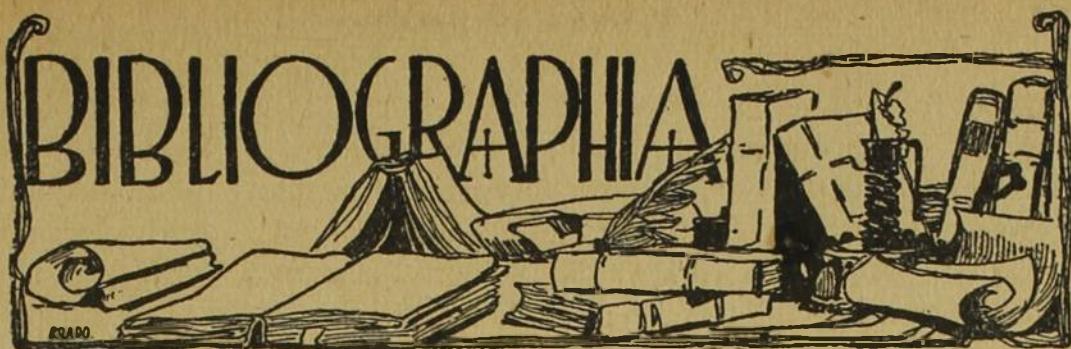
ingrata e volvel... As cachorrinhas que, antes, o enxotavam, com asco, agora entretinham-se com elle em colloquios prolongados e os cães molossos empinavam as orelhas, abanando salamalescamente as caudas, quando elle passava, sacudindo o seu guizo de latão... Criou fama de bom caçador e guarda fiel das propriedades — elle, o cão inutil e de pessima reputação até pouco tempo. E' assim que se fazem as grandes popularidades, pensava Jack, na sua ironia rudimentar de cachorro.

Entrementes, ia Jack se consumindo paulatinamente... Um dia em que amanhecerá mais acarunhado, resolveu sahir a busca de distracção. Iria dar um passeio até á praça, observar a impressão que causaria o seu aspecto de decadencia aos seus antigos admiradores. No caminho, nenhum cachorro lhe abanou festivamente a cauda, com aquella galanteria cortez dos outros tempos. Alguns conhecidos viraram-lhe o focinho, fingindo não o terem visto... Jack sentiu aggravar-se a sua magua com aquella ultima decepção... Seria possivel que tudo aquello se desse devido exclusivamente ao condão mágico do guizo de Velludo? E si elle mandasse fazer um para si? Mas, seria rebaixar-se, condescender miseravelmente com o máu gosto da plebe ignára... Eis que do fio desses pensamentos o veiu desviar o ruido sonoro e alacre de uma campainhada...

Seria o guizo de Velludo que o vinha perseguir, zombando da sua situação angustiosa? Jack olhou para cima, para baixo, farejou longamente e dispunha-se a voltar para a chácara, tristonho, a cauda cahida num gesto largo de descrença, quando um bonde o atropelou... Jack tentou ainda correr, aturdido pelo rumor forte da campana, mas já uma das ródas o apanhára... Correram cães, ladrando; uma crioula que passava estacou, assustada, diante da tragedia; o carro parou... Mas já era tarde. Jack, na suprema agonía, contorcendo-se de dôr e de desespero, ouviu o guizo de Velludo que numa carreira desabalada, descia a rua para o local do desastre.

Aquelle guizo, naquelle instante, era a suprema affronta, o derradeiro sarcasmo da sorte. Jack soltou um ganido afflictivo, dir-se-hia quasi um gemido e virando-se para o outro lado, morreu...

JOSE' MESQUITA.



A ISCA, novellas de Julia Lopes de Almeida. Livraria editora
Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1923.

Poucos dos nossos escriptores têm tanto poder de evocação como esta escriptora, de quem já se disse que é o primeiro dos nossos romancistas. Nesta novella, "A isca", que ocupa mais de cem paginas do volume, a sociedade elegante do Rio, com toda a sua futilidade e corrupção, está tão bem apanhada, que os que, porventura, a não conhecem, podem della fazer uma idéa justa através da leitura daquellas paginas, cheias de movimento, e onde a vida palpita, a verdadeira vida, tal como todos a conhecem e não como certos escriptores, que só recorrem á imaginação, a dão a conhecer. Quem lê um conto, um romance desta illustre escriptora, tem a impressão de que ella, ao compol-o, não foi buscar recursos á imaginação, e sim fazer passar pela memoria episódios de vida a que assistiu e de que talvez fez parte. Junte-se a isto o seu estylo, sempre claro e correcto, que tanto agrada aos leitores communs como aos mais exigentes leitores, a vivacidade da dialogação, o interesse da acção, e está explicada a razão do seu exito. Em "A isca", como nas outras novellas do volume, "O homem que olha para dentro", "O laço azul" e "O dedo do velho", as descripções são sempre curtas e interessantes. Nada fatigante, nada superfluo.

Neste ultimo trabalho, d. Julia Lopes de Almeida revela-se a mesma escriptora de "A intrusa" e da "Ansia eterna".

O BRASIL CONTEMPORANEO, por Mario Pinto Serva.
Irmãos Marrano, editores, São Paulo, 1922.

E' voz corrente que o fecundo e popular escriptor sr. Serva, toda vez que tem de referir-se ao Brasil, aos homens da actualidade e ás suas instituições, o faz com immenso pessimismo. E' essa de facto, a opinião corrente mas é injusta. Ninguem de boa fé e de visão arguta pôde afirmar que o nosso paiz prospera sem empecilhos no seu avanço para grandiosos futuros e que os nossos governantes, cheios de competencia e de patriotismo, estão preparando o caminho para essa avançada triumphal. Ha os que assim pensam, e são os illudidos, e ha os que taes coisas propalam, e são certos jornalistas, que têm precisamente essa incumbencia. Ora, o sr. Serva, além do agudo senso de observação de que é dotado, fez o proposito de pensar por sua propria conta, e quando externa o seu pensamento o faz com independencia e desassombro. E porque é patriota e lhe dóe que este paiz, pela sua grandeza e pelas suas riquezas, ainda não occupe o logar que lhe competiria na moderna civilisação, entra a estudar o problema, a indicar as lacunas, a aconselhar as medidas que devem ser postas em prática, e, sobre tudo, a encarecer o que nelle ha de atraço, de corrupção, de desorganisação.

Que é um livro de patriota, não ha duvida. Palpitante de actualidade e escripto com calor, o "Brasil contemporaneo" está destinado a um grande exito.

O HOMEM E A MORTE, romance de Menotti Del Picchia.
Monteiro Lobato & Comp., editores. São Paulo, 1922.

Este distincto escriptor e poeta é o chefe da nova escola que leva o rotulo de Futurismo e cujos adeptos se têm mostrado aggressivos contra os literatos "vieu jeux", a que chamam passadistas. Mas dizia-se á bocca pequena que o sr. Del Picchia jogava com pao de dois bicos, isto é, conservava-se passadista na sua literatura para não perder os leitores que conquistou á força de trabalho e de talento, e confessava-se futurista para ficar de bem com o grupo barulhento e ganhar-lhe tambem os aplausos. Entretanto, "O homem e a morte" é um romance que sae fóra dos moldes communs, pelo entrecho, pelas idéas e pela linguagem. A linguagem e a dialogação têm uma vivacidade, um calor excessivos, e muitas das idéas e conceitos que se encontram no livro chocam a imaginação do leitor pela originalidade e por um quê de imprevisto.

E' pois um romance originalissimo.

Os adversarios deste escriptor arguem-n'o de falta de propriedade na expressão e de desobediecia ás regras mais comesinhas do vernaculo. A verdade, porém, é que a sua linguagem é rica de expressões e de fórmas e que elle tem o subtilissimo engenho de vestir as idéas mais fugitivas e dar corpo quasi palpavel a pensamentos, que, na verdade, se nos antolham bem difficeis de expressar. De recursos de lingua dispõe elle abundantemente. Se incorre em certas faltas — coisa que nunca lhe notámos — vá isso á conta do seu excesso de producção e do arranco em que o arrastam as idéas. Entre nós não conhecemos outro que mais trabalhe e produza. Demais, nem tudo nesse talentoso escriptor e poeta deve ser virtude. Nada mais humano que se lhe apontem alguns peccados...

Seja como fôr, quem escreve "O homem e a morte" está talhado a fazer grandes coisas, e algumas já estão feitas, como "As mascaras" e este ultimo trabalho.

LITERATURA E ARTE BRASILEIRA, conferencia em Buenos Aires, por Sylvio Rangel de Castro. Livraria Leite Ribeiro, Rio, 1923.

Sinceros louvores merece este distincto patrício que, em Buenos Aires, não ha muito, deante de um publico selecto, composto de intellectuaes e das familias mais representativas da alta sociedade portenha, discorreu, no decurso de varias conferencias, a proposito das nossas letras e da nossa arte, desde a phase romantica até á presente, tendo a habilidade de trazer suspensa dos seus labios toda uma platéa attenta e numerosa. Nessas conferencias, que foram presididas pelo sr. dr. Juan Agustin Garcia, presidente da Academia de Philosophia e Letras, tratou o nosso patrício de todas as fórmas da nossa arte, romance, conto, poesia pintura e escultura, dando um resumo de cada uma dellas e enaltecendo o valor de algumas das grandes figuras que nellas se destacaram.

O sr. Rangel de Castro allia ás suas notaveis faculdades de escriptor e critico ás de orador fluente e brilhante. As suas conferencias foram coroadas do mais franco successo sendo entusiasticamente applaudidas pelos intellectuaes argentinos, entre os quaes se apontavam o sr. dr. E. S. Zeballos,

presidente do Instituto Popular de Conferencia sobre a "Mentalidade Brasileira", e pelo sr. dr. Manuel Durqui, reitor do Collegio Nacional Mariano Moreno, os quaes, tambem, em longos e memoraveis discursos enalteceram o valor dos nossos grandes homens de pensamento.

Reunidas em volume, essas conferencias constituem uma leitura muito interessante.

PALANQUIM DOURADO, romance de Mario Sette, com ilustrações de J. Wasth Rodrigues, Off. Graph. Monteiro Lobato & Comp.

Este romance do sr. Sette sae inteiramente dos seus moldes habituaes. A accão se passa em Olinda, na época em que o espirito nacional anciava por libertar-se do dominio portuguez. O enredo é muito bem urdido, e o escriptor, ao apresentar o scenario e os seus typos, fal-o com muita verdade e com um vivo poder de evocação.

O scenario, a dialogação, a indumentaria, os usos, tudo está bem dentro da época, e neste trabalho, mais, talvez, que em qualquer outro, revela este distinco escriptor um meticuloso apuro de fórmula tanto no conjunto, para o effeito geral, como nos pormenores, que são tratados com muita finura. Um bom romance, em resumo, que tanto agradará aos leitores de "élite" como á grande massa de leitores.

RUMORES DEL SILENCIO... versos por Luiz Rodrigues Le-grand. Edição de A Monteverde & Comp., Montevideo, 1922.

E' um poeta philosopho este, para o qual todos os themes merecem analyse e commentario, menos o amor, de que não cura. Não é pessimista nem optimista, e encara as coisas ora com prazer, ora com azedume, conforme o seu estado d'alma ou, não raro, conforme as proprias suggestões da rima. Versifica bem, e o verso lhe sae sempre fluente e as rimas acodem com uma solicitude de companheiras amaveis.

A primeira parte da pequena collecção compõe-se de sonetos, e entre estes alguns ha que são realmente bem feitos e construidos com habilidade.

ESCOMBROS FLORIDOS, poemas de Onestaldo de Pennaforte.

Agora que o futurismo, o penumbrio, ou o que melhor nome tenha, poz hombros á tarefa de derrubar tudo quanto o engenho humano construiu, e está a clamar por coisas novas, por novas idéas e outras fórmas de expressão, o livro deste poeta, com seu colorido romantico e seus logares communs sentimentaes, é um verdadeiro objecto de museu. Os seus motivos poeticos ainda são os mesmos que Casimiro de Abreu explorou.

Nada de novo se encontra nos seus versos; as idéas, a fórmula, as expressões, tudo é corrente entre os mais descabellados poetas do romantismo.

Entretanto, a despeito disso, ha em "Escombros floridos" muita doçura, muita poesia embaladora. Haja vista o soneto intitulado "Sua mão":

A mão do meu suave amor é leve
Como a aza de um passaro a voar...
Tem todas essas curvas que descreve,
Pelas areias humidas, o mar...

De longe, ás vezes, num adejo breve,
A alma me afaga, me afagando o olhar...
Mão que se cobre de um alvor de neve
Se acaso tento os dedos seus beijar.

Ninguem diria que essa mão serena,
Que tanta força tem, sendo pequena,
Pode, num gesto de expressões febris,

Mudar o curso das eternidades,
Desmoronar imperios e cidades,
Erguer montanhas... me fazer feliz!

Não cure o leitor de indagar que natureza de mão é essa que tem o poder de levantar montanhas e mudar o curso ás eternidades, porque o que vale menos nos versos deste poeta são os conceitos que elles encerram; cure, antes, de se deixar embalar pela musica, que é sempre delicada e cariciosa.

No dia em que elle souber alliar algo mais a essa musica, as suas poesias tornar-se-ão muito mais interessantes.

*COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, pelo dr. Renato Kehl.
Livraria Alves, Rio, 1923.*

Não ha duvida que no Brasil ha medicos de grande valor, notaveis especialistas, habilissimos cirurgiões, que podem hombrear com os mais reputados da Europa e da America; sem embargo, os estudantes de medicina têm de mergulhar nos tratadistas francezes ou em obras vertidas para o francez, porque em portuguez pouca coisa ha e essa pouca já está ficando antiquada. A razão disso é que os medicos patricios não escrevem, não se resolvem nunca a deixar perpetuada, no livro, a sua vasta sciencia accumulada. Assim, pois, tudo quanto estudaram, todas as observações que fizeram no decurso de uma longa existencia e através de uma vasta clinica, desapparecem com elles, quando deixam de existir. De todo o esforço que fizeram nada fica para proveito dos estudiosos.

Desculpam-se os nossos grandes especialistas com as preocupações da clinica, que lhes não deixam vagares para escrever.

Ora, é sabido que os mestres da literatura medica, na Eurapo e na America do Norte, têm tambem sua numerosa clientella...

A razão, pois, outra, e não é difficult atinar com ella; é que aos medicos patricios, exceptuando apenas os que são menos profissionaes que homens de letras, falta-lhes realmente a cultura literaria. As letras não são positivamente o seu forte delles.

Dentre os pouquissimos que se exceptuam e que são a honra da classe medica, é de justiça ainda destacar o dr. Renato Kehl, que tanto é um excellente profissional quanto um excellente escriptor. Moço ainda, a sua obra já orça por uns dez volumes.

Desde muito tempo se vem dedicando á eugenica, e, hoje, entre nós, a julgar pela preciosa contribuição com que tem enriquecido a literatura eugenica, como "Eugenia e Medicina Social", "Melhoremos e prolonguemos a vida", a "Cura da fealdade" e "A fada Hygia", é quem mais autoridade posse sobre essa vasta e complexa materia.

"Como escolher um bom marido", livro escripto sobre essa mesma especialidade, é o que ha de mais interessante sobre o assumpto, e será lido com prazer por toda classe de leitores.

*CASAMENTOS A PRESTAÇÕES (Scenas da vida carioca),
por Otto Prazeres. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo,
1923.*

Este escriptor é sempre lido com prazer, mesmo quando o assumpto sobre que tem de escrever, por dever profissional, é destituido de interesse, e isso porque tem elle a habilidade de pôr interesse onde o não ha. Mas este ultimo livro, "Casamentos a prestações", é duplamente interessante, não apenas pelo interesse que lhe dá o autor, senão pelo interesse que contém. São scenas da vida, episodios de rua ou episodios domesticos, tratados com muita leveza, com muita graça e, sobretudo, com muita observação. E' uma leitura leve, destinada a fazer esquecer as horas agradavelmente, uma leitura deliciosa emfim.

Essas edições minusculas, proprias para levar no bolso, que os editores Monteiro Lobato & Comp. publicam, ás vezes com o nome de "Bibliotheca da Rainha Mab", vão-se tornando cada vez mais queridas do publico.

Tudo, portanto, concorre para o sucesso do livro do sr. Otto Prazeres.

ENSAIOS E CONFERENCIAS, por José Euclides, Imprensa Official, Parahyba, 1922.

O autor é um curioso, e dirige as suas curiosidades para as pesquisas philosophicas especialmente. Observador e estudioso que é, apraz-lhe ir resumindo em pequenos artigos, em notas, em monographias, as idéas que vai adquirindo através das suas constantes leituras e com que, dia a dia, enriquece o seu acervo, já volumoso, de conhecimentos.

"Ensaios e conferencias" formam uma collecção dessas materias, todas ellas interessantes e de muita oportunidade. Theorias do desenvolvimento social, o problema do ensino, idéa de patria, o feminismo na historia, factores da actividade mental brasileira, syntheses do monismo, etc., são as theses que o autor desenvolveu, e o fez com segurnaça e, não raro, sob pontos de vista pessoal.

E' livro que, por certo, terá os aplausos dos estudiosos.

*A ALMA E O SUBCONSCIENTE, por Alberto Seabra.
Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.*

No Brasil, provavelmente, ha muitos espiritos adeantados que se dedicam ás pesquisas psychologicas, a esses estudos que levam o rotulo geral de "sciencias occultas"; mas, si os ha, guardam para si o seu saber, e nunca revelam ao publico, pelo livro, pelo jornal ou pelas publicações proprias, tudo quanto adquiriram pelo estudo, pela meditação e pela experienzia. E tanto é isso verdade, que os periodicos que por ahi ha, destinados á propaganda dessas idéas, são alimentados por traducções e rarissimamente colaborados pelos estudiosos.

O dr. Alberto Seabra constitue uma honrosa excepção entre nós. Escreve com abundancia no interesse de vulgarisar no Brasil o gosto por esses estudos, levando as suas convicções, pela logica e pela prova, a outros espiritos, e é considerado muito justamente como um dos mais autorisados esoteristas brasileiros. Este ultimo trabalho, 'A alma e o subconsciente', é um dos melhores que tem produzido, e pela elevada materia que contém, pela eloquencia com que são expostas as idéas e pela maneira corajosa com que aborda certos factos que escapam ás fronteiras das cogitações communs, é o mais interessante que conhecemos em nossa lingua.

As idéas que desenvolve são estas: erros do materialismo medico, o enigma da personalidade, phonomenos espiritoideos, erros do espiritismo popular, factos premonitorios, physica da magia e o problema do além. São como se vê, assumptos de palpitable interesse, e o autor trata de cada um delles com superioridade de vista, conseguindo despertar, mesmo naquelles a quem são estranhas estas pesquisas, uma viva curiosidade.

Os esoteristas não podem dispensar a leitura desta ultima obra do sr. Alberto Seabra. Nella encontrarão a solução de muitas questões que andam por ahi debatidas e que pareciam eternizar-se no terreno da duvida. Uma magnifica obra.

LINGUINHAS DE PRATA, por Euclides Andrade (Epandro). Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Não ha quem não conheça o Epandro, o popular humorista dos "Belliscos e Piparotes", que de vez em quando fazem a delicia dos leitores do "Diario Popular". "Linguinhas de Prata", é uma rica collecção de anecdotas, de historietas engracadiissimas, dessas que obrigam a gente a rir sem querer, a ponto de não poder ter as ilhargas.

A edição, que é minuscula, da Biblioteca da Rainha Mab, é um encanto de graça e arte typographica.

RECEBEMOS MAIS:

Renascença, excellente publicação mensal de programma feminista, sob a direcção de d. Maria Lacerda de Moura.

Pela vida fóra... por Silva Ramos. Edição da "Revista da Lingua Portugueza", Rio, 1922.

Historia de arrabal, por Manuel Gálvez, com illustrações de Adolfo Bellocq. Buenos Aires, 1922.

Las rutas paralelas, por Alberto Lamar. Buenos Aires, 1922.

Bureau des longitudes, annuaire pour l'an 1923.

Educación, excellente revista mensal que se publica em Santiago do Chile, dedicada a questões de ensino.

Uma gloria alagoana (Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros). Discurso proferido pelo academico dr. Luiz José da Costa Filho, por occasião de ser recebido na Academia Alagoana de Letras, aos 28 de Setembro de 1921.

RESENHA DO. MEZ



POESIA DE HONTEM E DE HOJE

Ha vinte e tantos annos, como um reflexo do simbolismo francês — os nossos movimentos literarios são sempre reflexos — tivemos, no Rio, as primeiras apparições de uma poetica opposta á maneira parnasiana. Esse reflexo, em grande parte, nem era directo: procedia principalmente do chamado "nephelibatismo" português, então realçado pelas audacias brilhantes de Eugenio de Castro e prestigiado pela contiguidade do "caso" Antonio Nobre.

A pequena onda chegou, em certo momento, a altear-se e encrespar-se, a sugerir prenuncios de "era nova". Mas está escrito que os nossos movimentos literarios, sempre reflexos longinquos e tardios, nem trazem força de convicção e ardor de entusiasmo bastante, nem esbarram em resistencias consideraveis. Deu-se em breve a accommodação costumada. Depois de algumas escaramuças ligeiras, nas quaes, como é rigorosamente do estilo, estalaram insultos e guaiaram chufas a propósito de versos com ou sem cesuras e de outras questões igualmente graves, a corrente nova aplacou suas ancas revolucionarias e adiou a reforma da mentalidade brasileira.

Os apostolos intransigentes desceram a confabular com os impios. Os guardas avançadas ensarilharam armas, sentaram-se á beira do caminho, e trocaram as cachimbadas da amisade e da reconciliação com o gentio perseguido.

Francisca Julia, a mais completa organização parnasiana da nossa literatura,

teceu algumas estrofes doridas a Nossa Senhora, que era então muito reverenciada pelos novos, como deve estar bem lembrado o sr. Afranio Peixoto... Bilac fez as "Baladas românticas", que de românticas não teem sinão o titulo, sendo na verdade uma timida variação da musica nova. Varios simbolistas da primeira hora voltaram ao aprisco, outros combinaram as duas maneiras, dando uma resultante conciliadora, e outros, ainda, entraram a frequentar alternadamente os jardins de Verlaine e de Leconte. Só ficaram á parte, firmes na posição assumida, e em verdade a brilhar no seu isolamento orgulhoso, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.

Esta situação durou mais de vinte annos: o parnasianismo a vicejar pelo paiz a fora, ao lado das vagas tendencias emanadas do simbolismo, sem que nenhum choque viesse perturbar essa convivencia pacata.

Mas, o parnasianismo não podia deixar de cair, como todas as escolas ou todas as correntes, na estagnação das suas idealidades inspiradoras, na mecanização dos seus processos; não podia deixar de ir deslizando para o artificio. E' o que infalivelmente sucede quando uma escola dura o bastante para que domine, para que se propague e para que, de certo modo, se officialize. Torna-se numa "terra de ninguem", onde toda gente penetra e onde se instaliam os que o desejem.

A vulgarização extrema dos modelos illustres, com que o parnasianismo enobreceu as nossas letras, suscitou uma in-

finidade de repetidores mais ou menos habilidosos, que inundaram o paiz de bonitos sonetos e de poemas soffríveis — apenas com o defeito de não serem "nascidos", mas "fabricados". Chegou-se mesmo a temer, e com fundamento, que dentro em pouco passassem a fazer-se peças pseudo-parnasianas como se fazem chapeus ou sapatos — em cooperação, e ás pilhas.

A victoria definitiva é o signal seguro da ruina, e a aceitação geral annuncia o declinio irreparável. O parnasianismo, de meia duzia de annos a esta parte, não só deixou evidentemente de ganhar terreno, como começou a perdê-lo todos os dias. As tendencias novas principiam a tomar a "révanche". Encrespando-se de novo, crescem, e, já não se contentando de viver do lado da antiga, querem agora viver por cima.

Consegui-o-hão? De certo, porque o parnasianismo, como fenomeno social, como facto de psicologia collectiva — e é sob este unico aspecto que o estou encarando — vae, como acabo de dizer, perdendo terreno todos os dias. Não conseguirão, porém, talvez, os recem-vindos igualar o predominio immenso e duradouro do adversario. Não teem como elle, em seu inicio, nem a mesma unidade, nem a mesma precisão de propósitos, nem o mesmo impeto triumphal. E não teem, ao menos por enquanto, nomes que assomem para a notoriedade com o magnifico vigor e a nitida fulguração daquella pleiade admirável de 1885, de que hoje ainda remanesce, por felicidade de seus amigos e admiradores, a harmoniosa figura de Alberto de Oliveira.

Não quero dizer que entre os adeptos da nova poesia não haja notaveis talentos. Nem sequer negarei que os haja positivamente geniaes. Quero apenas dizer que, por um motivo ou por outro, esses talentos ainda não se impuseram, como se impuseram outros, de golpe, num assalto instantaneo, os epigonos da reacção parnasiana. Mais nada.

Quanto ás qualidades de muitos desses poetas novos, navego em contrario ao geral pessimismo, que só enxerga per-

petuamente signaes de decadencia ou de impotencia em nossas letras: a meu ver, ha, hoje, no Brasil, e não só na poesia, como em todos os departamentos literarios, uma admiravel floração de talentos interessantes, vivos, maleaveis, inquietos, com anciiedades novas, com visadas inéditas, com uma grande riqueza de pendores independentes.

O que falta a esta geração para se impôr e para tomar a testa do movimento literario no paiz, não é talento, nem é, com certeza, vontade de triumphar. Vontade, geralmente, os novos a revelam bastante, sobretudo os novos que se consideram porta-estandartes das hostes. O que lhes falta, provavelmente, é uma fé.

Como só se pode importar a expressão de alheias tendencias, e não estas em sua intrinseca vitalidade, as preocupações dos novos são estritamente, literalmente... "literarias", não se desdobram, não se engranzam em idealidades sociaes, não correm paralelas a qualquer sorte de aspiração religiosa, moral, politica, economica ou humanitaria, que formasse um ambiente psicologico favorável á resonancia das idéas, que estabelecesse largas correlações de impulsos e de afectos, que proporcionasse a fecunda camaradagem das luctas em commun e que puzesse em vigoroso destaque as personalidades valentes.

E' talvez culpa do momento que atravessamos. O Brasil está sonolentamente parado num beco de expectativas e de hesitações, sem um unico estremecimento de desejo, de esperança ou de revolta. Não existem convicções militantes, não ha sombra de ideal collectivo, nenhum dos estandartes levantados por ahi, de quando em quando, se mostra capaz de congregar alguns milhares de almas a caminho de uma trincheira. Nossa mocidade faz desporto, atira-se ao "fox-trott", ambiciona todas as commodidades da vida, prepara precavidamente as posições em que se ha de installar, — e isto quando não se entrega ao uso de toxicos ainda peores. O sentido social e o sentido nacional desapparecem de todas as suas apagadas agitações. Somos um povo que vejeta. Como poderão os poetas novos erguer vôos rasgados e lumino-

sos nesta atmosphera de nevoeiro e de chuva?

O movimento poetico anti ou extraparnasiano não é bem o que se costuma chamar um "movimento", é antes um fervecer de tentativas e de attitudes individuaes.

Aos restos sobrenadantes do simbolismo veio juntar-se uma multidão de tendencias, outros tantos reflexos longinquos e fragmentados de reacções europeas. Passa de quando em quando, um esvoaçar de bandeira: "futurismo", "penumbrismo" . . . — mas perde-se logo na sombra, e o que realmente subsiste é a dispersão e a flutuação.

Alguns paladinos tentam, com evidente esforço, dar ás suas pequenas rixas e pendencias um colorido de guerra santa, e então inventam o fantasma odioso do "passadismo". Outro reflexo. Reflexo de conflictos que teem uma origem certa, uma evolução logica, uma explicação comprehensivel na Europa, onde os campos literarios são definidos, onde ha resistencias e contra-ataques, onde uma legião immensa de academicos, de doutores, de professores, de criticos, de exegetas, de rhetores, de autoridades cria em cada epoca uma barreira aos instintos de renovação estuantes na alma da mocidade da vanguarda. No Brasil, não ha passadismo, nem academicismo, nem professorismo, nenhuma forma de autoritarismo literario. Não ha barreiras para nada. O que ha, e entra pelos olhos, é uma larga, bonachona, ondulante tolerancia para com todas as novidades, e até para com todas as extravagancias.

Por mais que os paladinos queiram cavar diferenças, extremar ideaes, contrapor orientações, o que se vê, na verdade, é mistura, é interpenetração, é camaradagem, entre abraços e palmadinhas, caricias e cafunés.

A nossa propria Academia, em que alguns, com deliciosa imaginação, apontam com um dedo dramatico o grande reduto negregado, é na verdade uma Academia bem... Brasileira, uma simples e modesta sociedade literaria, onde se encontram, familiarmente, representantes de todos os fluxos que teem passado pela

republica democratica das nossas letras — sendo que ás vezes um só desses representantes representa por si mesmo duas ou tres correntes... Todas as modalidades da arte novissima encontram éco lá dentro, éco não raro prolongado em aplausos abundantes e cariciosos, á bôa moda nacional.

Entretanto, é preciso ver que algo de commun existe entre os pendores da poesia nova: antes de tudo, uma reacção declarada contra todas as regras e canones da versificação "passadista" — reacção que, em verdade, data já de trinta annos; depois, uma antipathia viva contra os "themas" claros e acabados, substituidos por "motivos" errantes; contra o desenvolvimento logico do pensamento, substituido por justaposições esgarçadas; contra a normalidade dos sentimentos familiares cotidianos, substituida por pseudos impulsos instintivos, por arrebatamentos estranhos, por desejos inéditos, por vertigens doidas, por singularidades chocantes.

Com esse fundo commun, ha também alguns meritos communs, no meio de muitos exageros e extravagancias: e o maior delles consiste em estar-se sacudindo um pouco o esgotamento e a mecanização motora em que ia tombando a nossa poesia, advertindo os arraiaes de Apollo de que o mundo é grande, a vida immensa e varia, as possibilidades infinitas, o futuro enorme e multiplos caminhos se desenrolam diante de nós, bellos e perigosos, convidando e desafiando... Outro merito, sem duvida, consiste no apparecimento de alguns poetas de valor indiscutivel, que mais uma vez provam como, de todas as divergencias de escolas e de capelas, só se apura em definitiva — que vence e permanece unicamente o talento.

Dentre esses poetas eu poderia destacaçr dois ou tres nomes de formoso brilho, outros tantos de brilho menos igual e menos claro, mas talvez mais imprevisto, e mais fulgurante. Mas, as citações de nomes são sempre arriscadas... Porque, passam as escolas, passam as teorias, passam as idéas, passam as aspirações e o que não passa é a verdade eterna do "genus irritable vatum"! Neste, como em outros pontos con-

tigues, futuristas inconciliáveis e mu-
mias do passado, são todos perfeitamente
irmãos.

Seria injusto não mencionar que as ve-
lhas tendencias, embora tenham perdido
em extensão de domínio e em prestígio,
ainda não são para todos como fontes es-
tancadas.

Ha uma imensa coorte de imitadores
que batem conscientemente nos mode-
los consagrados, mas ha também alguns
poetas que, dentro das fórmas de uma
arte equilibrada e polida, acham espaço
bastante para se mover com vigor e com
graça, sem o ar de "singer" a Raymundo,
nem a Bilac, nem ao nosso grande
Alberto de Oliveira, que, por um milagre
admirável, também não caiu ainda na
imitação de si próprio...

Aqui, sim, seria talvez indispensável
citar nomes, porque ha uma asserção que
não estará livre de contestações. Mas,
eu me prometi que havia de falar sem
me deter em nomes, nada mais querendo
senão lançar um golpe de vista muito ge-
ral, e por força muito imperfeito, sobre
o panorama da nossa poesia moderna,
que ainda reclama um estudo detido e
sereno — coisa que não tentarei, porque
não me sobra tempo, e principalmente
porque nestes assuntos de poesia eu não
sou senão um hóspede distraído e des-
preocupado.

Amadeu Amaral

("Gazeta de Notícias," Rio).

CINEMATOGRAPHIA FUTURISTA

No Brasil, o futurismo se nos apresentou apenas através da pintura e da literatura, disfarçado sob a máscara discreta da "Arte Moderna". Mas na Europa, onde ha um anhelo intenso de renovação de todas as coisas e de todas as expressões da vida e do pensamento, o futurismo apareceu como um novo Jehovah, ameaçando transformar tudo, virar os homens e os mundos de pernas para o ar.

Marinetti, Balla, Pratella, Corra, Settimelli, Boccioni e outros, decidiram inverter a ordem das coisas e o curso dos acontecimentos. Espaço, Tempo, Movi-

mento, Vida e Pensamento, tudo seria mudado e melhorado se os manifestos futuristas conseguissem convencer o velho Jehovah de que o seu Universo já não presta, por ser "classico", perfeito, medido e equilibrado. A terra, a girar continuamente em torno do sol, parece-se muito a um redondo burguez a ir e vir de causa para o escriptorio e isto é "passadismo" irritante e condemnável.

O nosso mundo deve libertar-se dessas leis absurdas que mantêm o Universo sempre o mesmo, enquanto que nós, os homens, estamos fazendo sempre coisas novas. E' preciso que a terra aumente a sua velocidade, que se ponha de acordo com as teorias de Einstein e que deixe de continuar presa ás leis "passadistas" de Laplace e de Newton.

Um universo marinettista obrigaría os planetas a desprezarem a gravitação, e o sol, ao envez de surgir no Oriente, surgiria no Ocidente, enquanto que a terra voaria no espaço, liberta de qualquer ligação "passadista" ao astro rei.

"Nós, os futuristas, dizem Balla e Depero, queremos realizar a fusão total para reconstruir o universo, alegrando-o, isto é, queremos recriá-lo. Daremos esqueleto e carne ao invisível, ao impalpável, ao imponderável e ao imperceptível.

Encontraremos equivalentes abstratos de todas as fórmas e de todos os elementos do universo, depois combiná-los-emos, segundo os caprichos da nossa inspiração, para formar complexos plásticos, que poremos em movimento".

Se o futurismo tivesse podido viver alguns séculos, Jehovah, algum dia, acordando do seu sono de mil annos, ficaria duvidando de que era Deus. Os futuristas lhe baralhariam de tal modo o mundo, que elle, ao cabo de certo tempo, não o reconheceria. E o próprio criador, duvidando da sua sabedoria, tornar-se-ia futurista, negando-se a si mesmo.

Foi o que aconteceu, aliás, com os futuristas. Produziram, produziram e, dentro da confusão das próprias obras, acabaram por não comprehender elles mesmos o que queriam e por se negarem a si próprios, combatendo o hellenismo e... copiando "canções gregas". E' que a honestidade é "passadismo" e é preciso ser sem vergonha para ser moderno.

Mas, ainda não justificamos a epigrafe. Não repare o leitor: é methodo futurista, á maneira de Mario Andrade. Annuncia-se uma chronica de arte, e fala-se em tudo, menos de arte.

E' a simultaneidade das impressões: Einstein e Chico Boia, a theoria da Relatividade a as "batatas assadas ao furrn", numa obra de arte futurista, podem perfeitamente constituir sonoridades inéditas e motivos plasticos em movimento, mesclando-se com a elegancia ondulante da Bertini e os pinotes americanos de Carlitos.

E já estamos no Cinema, onde Chico Boia e Carlitos põem em pratica à theoria einsteniana e futurista do movimento. Movimento e tempo, na tela, são relatividades. Julgamos que são as figuras que se mexem; pura illusão: o que se move, vertiginosamente, é a pellicula. São apenas varias figuras paradas, que passam loucamente no quadro illuminado ou na camara escura da nossa retina.

Se tivessemos a faculdade futurista de perceber as vibrações luminosas com maior rapidez, veríamos os quadros sucederem-se lentamente na tela e a illusão das figuras em movimento desapareceria.

Os futuristas quizeram realizar o que a pellicula realiza, atravessada pela luz, sobre a nossa retina.

Amontoaram uma quantidade de fórmulas, de sons e de cheiros, para nos dar, no conjunto dynamico, a impressão da realidade.

Exemplo: "Paulicéa Desvairada", lida com a rapidez do rapido da Central, nos dará a illusão de uma fita de Carlitos. Um quadro da Malfatti, visto de um trem que percorre cem kilometros por hora, nos parecerá uma paisagem admiravel. De perto, onde não é possivel a simultaneidade das fórmulas, uma mulher poderá parecer uma carroça ou um camello. A questão é saber vêr com a velocidade da vida moderna.

A arte deve ser uma pellicula cinematographica; a nossa sensibilidade é o "ecran". Um quadro, um livro, uma estatua futuristas, em si, não são causa alguma; ao contacto da sensibilidade dos novos artistas, tornam-se universos de sensação, revelações inéditas de belleza.

Assim como o cinema é applicado á arte futurista, esta tambem pôde ser utilizada para modificar a cinematographia.

Uma fita futurista obedeceria ás seguintes normas: "Se quizermos exprimir o estado de angustia de um protagonista, envez de descrevel-o nas suas varias phases de dor, daremos uma equivalente impressão com o espetaculo de uma montanha recortada e cavernosa.

As montanhas, os mares, os bosques, as cidades, os aeroplanos, serão frequentemente as nossas palavras formidavelmente expressivas. O Universo será o nosso vocabulario.

Exemplo: Queremos dar uma sensação de extraña alegria; representaremos um pelotão de cadeiras que voam, brincando, em torno de um enorme cabide, até decidirem atacar-se... Queremos dar uma sensação de raiva, fragmentamos o iracundo num turbilhão de bolas amarellas". Essas idéas, que parecem ter fugido da janella de algum hospicio, são de autoria de varios futuristas italianos.

Não sabemos se Carlitos algum dia tomará parte nalguma fita futurista, mas o que é certo é que os futuristas já fizeram e continuam fazendo varias "fitas".

Angelo Guido.

("A Tribuna", de Santos).

O ESPORTE E A BELLEZA

O Sr. Lafreté, presidente da *Academia de Sports de Paris*, segundo li em commentario publicado no *Suplemento d'O Imparcial*, de 29 do passado, sussurrou (com a discreta reserva que lhe impunha o posto que occupa na dita Academia) a suspeita que tem, ou melhor: a convicção em que está de que os exercícios physicos compromettem a plastica feminina.

Gomez Carrilho, que não tem responsabilidades que lhe tolham a franqueza, fez-se porta-voz do timido sussurro, agravando-o ainda tonitruosamente com a sua propria opinião, de todo infensa aos mesmos exercícios, quando praticados pela mulher.

Se o gymnasiarcha parisiense e o escriptor hespanhol não provarem, com ar-

gumentos e exemplos convicentes, que a razão lhes assiste, não serei eu quem os siga na campanha.

Alem do que tenho observado e que desmente as affirmações de taes esthetas, contraponho ao que dizem as maravilhosas cópias de belleza que nos legou a antiguidade e apoio-me ao consenso de autores como Taine, Spencer, Marius-Ary Leblond, Lalo, Barthez, Michelet, Coubertin e outros, todos accordes em affirmar que a *gymnastica* e os esportes methodisados concorrem mais para a belleza feminina do que todos os arrebiques e afeites de que se vale a mulher, para realçar os seus encantos naturaes.

Deixo de referir-me ás figuras da estatua grega, nas quaes se vê a verdadeira *eurythmia* na proporção harmoniosa das formas, na esbelteza dos movimentos, na graciosidade das attitudes. Era assim Artemis no alor airoso com que investe aos cervos na floresta, á frente do bando cynegetico de *nymphas*, açulando a matilha que devorou Acteon. Era assim Atalanta, a corredora, vencendo agilmente a pista. Eram assim todas as deusas que avultavam em altares e as donzelas que appareciam graciosamente nas procissões da idade aurea, coroadas de rosas e entoando canticos.

Aristophanes quando se referia ás virgens que se exercitavam na arena, tomando parte nas *gymnopedias*, louvava-lhes a belleza senhoril, a cor da cutis, o brilho dos olhos e a alegria san e honesta.

Leiam-se a tal propósito, nos *Ensaios de critica e de historia*, de Taine, os formosissimos estudos intitulados: "Les jeunes gens de Platon" e "Sainte Odile et Iphigenie en Tauride" e ainda varias passagens da *Philosophie de l'art*.

O movimento é vida e a saude é essencial á belleza. A inercia amollenta, traz a flaccidez e a tibia e em fofos coxins, encerrada em harem, como as odaliscas, perde a mulher a flexibilidade, engorda, faz-se toda enxundia como as huris de Byzancio que viviam espapadas em tapetes, respirando arómatas voluptuosos, guardadas á vista por eunuchos que não lhes consentiam um passo fóra dos *gyneceus*.

Comparem-se as adiposas captivas dos

serralhos com as canephoras da frisa do Panthenon — umas confinadas em estuflas mornas; outras soltas, ao ar livre, criadas em plena natureza, ao sol, sem peias, ver-se-á o beneficio da educação energica que, não só apura a belleza, como ainda, reforçando a estructura, prepara a mulher para o destino augusto que ella traz para a vida, que é a maternidade.

A mulher moderna oppõe á arte esthetica o artificio perfido. O que, antigamente, era adquirido no *gymnasio* ou no campo, á sombra do arvoredo: a força, a esbelteza, a saude que se reflecte na cor do rosto, no brilho dos olhos e ainda na desenvoltura facil dos movimentos, imagina-se hoje conseguir em officinas reconditas de aformoseamento.

Uma aula calisthenica, dirigida competentemente, faz mais pela esthetica feminina do que todos esses institutos de belleza que por ahi ha, com os seus apparelhos depilatorios, os seus unguentos, as suas lampadas coloridas, os seus electuarios, os seus alfenamentos, as suas cintas compressoras e todo o arsenal e toda a pharmacia que só consegue dar a illusão da belleza precipitando o envelhamento das rugas, desabando sanefas de perigalhos, quando não provocam enfermidades herpeticas que deformam para sempre as que se deixam embair pelos reclamos desses Mephists que, promettendo a mocidade, o que, em verdade, fazem ás miseras clientes é apressar-lhes a velhice.

O sr. Lafreté, presidente da Academia de Sports de Paris, não se arreveraria tanto do prejuizo da belleza familiar pela pratica do esporte se visitasse a America do Norte, e nella visse a mulher bella, graciosa e forte, que se apura ao ar livre em exercicios compatíveis com a sua natureza. Certamente ninguem exigirá da mulher que jogue o *football* ou o *rugby*, que esmurrace antagonistas com o guante de box, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em lucta romana. Ha exercicios que lhe não são proprios e que lhe seriam prejudiciaes, não só á belleza como á saude e até a sujeitariam ao ridiculo. Mas a agonistica conta tantos outros e, entre elles, a natação á qual de-

vemos magnificencias corporaes, para não citarmos Phrynéa, que era nadadora eximia, como essa admiravel Anneta Kellermann; a corrida e os exercicios de corpo livre, que desenvolvem o corpo, fazem circular, com vivacidade, o sangue, dão ligeireza aos movimentos e graça ás attitudes. E' possivel que o presidente da *Academia de Sports de Paris* prefira ao *canon* da belleza classica o da boniteza actual, feita de melindrosismo piégas e de remeleixos, com muita pomada e polvilhos, tinturas e oxigenios, saltos de palmo e outros artificios.

Sim, de acordo — se acha mais bella do que Atlanta, vencedora no estadio, a melindrosa do *fox trot* e do *rag time*, tem razão. Tal libellula se se atrevesse a disputar uma carreira na pista ou um pareo na piscina succumbiria ao primeiro arranço ou logo ás primeiras braçadas. Para esse alfenin, concordo: o esporte seria prejudicial á belleza porque, com o suor na corrida ou com a agua na piscina, se lhe dissolveriam as pinturas e calafetos e ficaria, em publico, como em verdade o é, antes dos arrebiques que a disfarçam: feia.

As outras, as que não usam de meios illusorios, essas não receiam o ar livre e o sol e quanto mais se exercitam mais se lhes avivam as cores porque são reflexos do sangue sadio que lhes corre nas veias, e não untagens de cosmeticos, de vermelhão da China.

Coelho Netto.

(“Jornal do Brasil”, do Rio).

RUY BARBOSA

(No 40.º dia)

Nessa quaresma que até hoje se conta do dia nefasto em que Ruy Barbosa mreu, se menos aguda se tornou a dor dos que o amavam, mais profundo vai ficando o sentimento de quantos sabem avaliar a perda irreparavel.

Acostumara-se o paiz, durante cinquenta annos, a ouvir a sua voz oracular, repassada de sinceridade, havendo-se o homem publico, nas questões de ordem politica, com a preoccupação do jurisconsul-

to — applicar o direito ao caso concreto, com imparcialidade de juiz e isenção scientifica.

Emmudecida para sempre a voz estentoria que se erguia em defesa da liberdade ameaçada ou violada; deposta a penna que elle vibrava como lança formidavel em pról do direito; quebradas as cordas á harpa maravilhosa do seu estylo incomparavel; deserta de seu vulto eminentissimo a tribuna do parlamento e dos comicos; quem, com o seu saber immenso, quem, com a sua arte inimitavel, quem, com a sua eloquencia vitoriosa, ha de agora substituirl-o?

E quem, neste paiz, de sul a norte, de leste a oeste, vencido e prostrado pelo servilismo ou pela desesperança, terá, como elle, a energia e a fé que o impeliu, aos setenta annos, curvo mas inteirido, tremulo mas intrepido, cançado mas infatigavel, a correr terras de uma patria que elle sabia surda, a pregar o evangelho da democracia e do direito a um povo de analphabetos, inconsciente de direitos e incapaz de reivindicações, e pelejar, com a idéa e com o ideal, contra os castellos feudaes das oligarchias que se alicerçam na demencia das massas e na pratica desassombrada e permanente da fraude, do suborno, da intimidação, da violencia e do crime?

Se se volverem os olhos e a mente para todos os ambitos do paiz; para as alturas tão cobiçadas do poder; para a planura marasmatica dos parlamentos onde se atropelam os rebanhos das dictaduras; para as assembléas locaes que não discutem afim de que o silencio selle sua obediencia passiva; para a mocidade que cerra fileiras em torno dos autocratas ou se queda em apagada melancolia; para as classes armadas, sem chefes com autoridade e vassalas da corrupção dos politicos; só o silencio responderá ás interrogações angustiadas.

Quando elle surgiu no scenario da nossa vida politica, ainda estudante, foi para combater o captiveiro e o seu profundo senso juridico lhe sugeriu o primeiro e unico argumento que não era de ordem sentimental mas irretorquivel — a illegalidade da escravidão de homens entrados no paiz com violação da lei de 1831.

No declinio da monarchia, quando os partidos praticavam a politica do suicidio, consistente em desmoralizarem as instituições cada vez que eram apeiados do poder, envidou esforços para substituir pelo seu programma de federalização, de republicanismo da monarchia, as praticas viciosas do regimen. Não era republicano, mas o seu combate foi tão ardente, tão certeiros e mortaes foram os seus golpes que desferiu, tão fraca se fizera a monarchia com a dispersão voluntaria de suas forças primordiaes, que uma sublevação de quarteis veiu realizar o desejo de raros e jovens sonhadores menosprezados pelos politicos sem visão.

Ruy Barbosa acreditou na Republica e lhe consagrou, na organização precipite que se seguiu á surpresa da queda do throno, o melhor de seu saber e de suas indefessas energias. Cedo se desilludiu.

Não lhe rastreavam siquer a solida e completa educação constitucional os pygmeus em cujas mãos foi parar o poder disputado pelas ambições desencabrestadas. Foi proscripto, viveu no exilio, mas a sua voz nunca emmudeceu no protesto contra a tyrannia. Restaurou direitos que a dictadura julgava cerceados pela raiz, disputando-os nos tribunaes que galvanizava com a sua dialectica, servida por inexcedivel erudição juridica.

Rememorar a sua restante trajectoria na Republica seria julgar esqueciveis os fastos mais importantes da vida nacional contemporanea. Não ha brasileiro que, pelo menos, não saiba do brilho de sua passagem pela Conferencia de Haya. Tão retumbante, assim pela grandeza com que a constellou a sua facundia polymorpha, como pela inanidade, inutilidade, impossibilidade de soerguer uma nação em lethargia, foi a entre todas famosa campanha civilista que veiu provar e comprovar serem inoperantes os meios legaes de desentorpecer um povo sem consciencia politica, voluntariamente escravizado.

Sob este aspecto, sua morte removeu o ultimo obstaculo que se poderia antepor á marcha das instituições para absoluto descredito e que findará na ruina da nacionalidade ou, pelo menos, como é de desejar entre dois males. num longo perio-

do de servidão do qual lentamente ascendemos para a vida commum das sociedades policiadas. Mutio é de temer, porém, que o seu desapparecimento importe o da cohesão nacional, privada de um symbolo, um guião, um estandarte pan-brasileiro.

E' possivel que esteja mais ou menos errado tudo quanto delle se tem escripto e afirmado, tal a proximidade em que ainda se acha, palpitando entre nós, como se os écos das serranias, as vastas selvas, os rios enormes, toda a terra de Santa Cruz chorando sobre o seu ataudc, ainda conservasse o som de uma voz em que havia as doçuras do lyrismo e o sopro da epopéa e o tom fatidico dos monologos da tragedia antiga.

Mas o que jámais poderá ser negado ou obscurecido é que foi politico sincero, sem preoccupar-se com a permanencia nas alturas, como o fazem todos os profissionaes da chamada politica nacional. Uma só palavra sua, um só aceno que o confundisse na vulgar indignidade e o integrasse na comparsaria dominante, e todas as portas se lhe teriam aberto para as eminencias supremas a que elle sonhára chegar pelo voto de seus concidadãos. Mas a sua grandeza moral o chumbou ao pé da curul presidencial que a Republica tem estreitado á proporção da insignificancia moral ou mental dos seus wenceslaus e bernardes. A propria senatoria lhe foi sempre mantida por uma questão de méro regionalismo, orgulhosa a Bahia de ter como embaixador o mais illustre, o mais preclaro embaixador que o Brasil tivera.

Quanto ao seu desmedido valor intellectual, difficilmente apparecerá algum bastante impertinente ou cretino para contestal-o.

Tem-se dito que falta systematisação á sua obra de jurisperito. A profissão de advogado, em que a sua extraordinaria capacidade de trabalho se exerceu absorventemente, a par das occupações de homem publico, não lhe permitiu os longos trabalhos systematizados mas em todas as provincias do direito, deixou com que se elaborar formidavel material de interpretação, que levava, não raro, ás minucias da exegése.

Do direito constitucional, com ter sido o seu supremo artifice, os seus estudos e escriptos realizarão, uma vez recopilados, a mais abundante scára de ensinamentos que se possa desejar, capaz de sobrepujar quantas systematicas exposições tñham produzido os melhores e maiores constitucionalistas americanos.

Por muitos tem sido elle, quanto á sua feição artistica sem semelhanças, comparado a Cicero, obrigados a esse vertiginoso recuo de vinte seculos que colloca o brasileiro hombro a hombro com o romano. No desenvolvimento do raciocinio, no encandeiamento logico das idéas, no conduzir o leitor, passo a passo, da sombra á penumbra, desta á claridade, da luz velada á irradiação deslumbrante, em Cicero se encontrará o seu modelo ou seu rival. Mas, quanto se distancia e avanta o nosso contemporaneo, na universalidade de seu genio, em convivio com todas as civilizações do passado, pela sua vastissima erudição historica, e com toda a cultura moderna, pelos seus inexcediveis dotes de humanista! Cicero, discípulo de Hortensius, aperfeiçoad o depois na escola rhodia, enfulcrou a sua eloquencia no purismo severo dos antigos, conservado na alta sociedade romana de seu tempo e cultivado por Cesar, seu contemporaneo, dando a essa evolução, a partir do vulgarismo hortensiano, o brilho, o fulgor, a fascinação de seu genio, de modo a imprimir-lhe o seu cunho pessoal. Mas, a sua preocupação nacionalista era tal que affirmava ser dever de patriotismo preferir a leitura de uma má traduçāo de Sophocles á do original.

O humanismo de Cicero se restringia ao grego e ao latim e das sciencias de seu tempo só a mathematica e a astronomia haviam chegado á positividade, no dizer de Littré, que ainda observa estarem apenas esboçadas a physica e a biologia e de todo inexistente a chimica.

Ruy Barbosa, cujo purismo não tem modelos, além das linguas classicas, além de algumas das modernas que falava e escrevia com a perfeição que lhe reconheceram autoridades notaveis, além da lingua portugueza, que, como suas irmãs, constitue um progresso sobre a lingua mãe, pelo caracter analytico e maior numero de formas verbaes e categorias

grammaticaes; Ruy Barbosa arcava com o peso de toda a cultura humana, da Renascença até hoje, sendo emerito em muitos ramos do saber.

E que diferença moral, por si só apta para elevar acima da do romano a capacidade artistica do brasileiro!

A ironia de Ruy Barbosa foi sempre uma das armas mais temiveis de sua oratoria e de sua penna, ironia que raramente se transmutava em sarcasmo. Cicero, quando não invectivava, fazia chalaça. Phrases crueis elle as soltava e reconhecia, "ser-lhe mais difficil retel-as nos labios que guardar uma braza sob a lingua". Os historiadores menos severos reconhecem-lhe a enorme vaidade, expressa em phrases inequivocas. O nosso Ruy, se lhe attribuiram essa fraqueza, mais por odio politico deve ter sido que por louvores em bocca propria. Ruy Barbosa jámais curvou a cerviz aos poderosos do momento, ainda victoriosos. Cicero, corypheu da aristocracia contra Cesar, transformou-se em chefe da maioria servil ao vencedor de Pompeu.

Longe iria o paralelo se se chegasse ao morticinio illegal dos cumplices de Catilina, reflectindo-se que o politico brasileiro foi victima da violencia por não compactuar com ella.

E ainda mais longe nos levaria, sob outro aspecto, este deprimente para o nosso paiz, quando pensamos que Cicero, "homem novo", chegou ao consulado por eleição livre, enquanto Ruy não logrou a presidencia da Republica. E' verdade que entre o povo brasileiro e o povo romano, mesmo da decadencia, ha a distancia que medeia entre Floriano e Cesar, aquelle e este adversarios dos dois grandes genios latinos.

A todos os extremos chegariamos, então, se, affastado o receio de tratar assunto tão melindroso, comparassemos o pagão sceptico, para quem os deuses immortales eram thema de zombarias intimas e que não havia substituido o grosseiro culto de seus antepassados por crença alguma e nenhuma philosophia, pois nem estoico era, com o christão, sinceramente theista, liberal mais que tolerante, christianissimo mas acatholico e tão acatholico quanto livre de qualquer sectarismo, para só cultivar a "religião cujo pontifice é o

Christo, religião de igualdade, fraternidade, justiça e paz, religião em cujas entranhas se formou a civilização moderna..." dando-nos assim o perdão da religião futura, quando Deus for uma verdade científica e não um abantesma gerado pelo terror e explorado pelo interesse.

A disciplina intelectual de Ruy Barbosa, forma grandiosa da paciencia, foi um dos segredos da sua genialidade. Raros estadistas do imperio, desdobrados em literatos ou juristas, tiveram o seu methodo. Nabuco de Araujo é o nome que logo ocorre, quanto a esse particular em que o glorioso morto recente não terá tão cedo imitadores.

E como döe ter de dizer e escrever estas coisas de um homem que quizeramos ainda longamente vivo!

Desmoronou-se, como nas commoções telluricas, uma cordilheira! E só os séculos poderão cumular a depressão que, nos sete palmos de sua campa, ficou aberta no seio de nossa patria! Mas, é ainda a sua voz que nos vem alentar, neste transe, com um brado viril de energia e de fé.

"O luto e a tristeza não amortalham, nos povos livres, os sentimentos do dever. Enquanto a lousa do tumulo se fecha sobre uma grande vida, aos sobreviventes compete lembrarem-se da dignidade das tradições que elle representava".

Bruno Barbosa

("Commercio de Santos").

FEMINISMO E ANTI-ALCOOLISMO

Em dia da semana passada, noticiou um telegramma de Londres que a Camara dos Communs aprovára, em 2.ª discussão, o projecto da Deputada Lady Astor, prohibindo a venda de bebidas alcoolicas e de outros toxicos a menores de 18 annos.

Não é tudo, mas vale já por alguma cousa, reconhecida a lamentavel resistencia que ainda oppõem as classes dirigentes, na Inglaterra, ao exito da cruzada anti-alcoolica.

Vista por outra face, demonstra a votação da Camara Ingleza a benefica in-

fluencia do elemento feminino na solução de tão delicado problema, e, portanto, fala em favor da intervenção politica desse elemento. Não é preciso ir ao exagero de affirmar que á acção feminista, exclusivamente a ella, se deve a victoria total, alcançada nos Estados Unidos, contra o alcool potavel, com a proibição do seu fabrico, da sua venda e do consumo.

Tão pouco é necessário pretender que, muito antes, fôra apenas a feminismo factor das victorias parciaes obtidas na nova Zelandia. Num e noutras casos o que se averiguou foi a valiosissima e tenacissima cooperação da mulher, quer agindo particularmente, nas associações, nos plebiscitos e nas corporações legislativas.

Pode um observador consciencioso notar, outrossim, que na Nova Zelandia o fervor feminino fôra estimulado no sentido anti-alcoolico, por persistente pregação de pastores protestantes (*Rodolpho Broda, in "documentos da progre's,"* 2.º anno, Junho de 1908, pag. 562).

Quanto aos Estados Unidos temos fonte segura de informações na obra exhaustiva do professor Joseph-Barthélémy *Le vote des femmes*.

Procedendo com rara imparcialidade, cotejou elle provas apresentadas por feministas e provas apresentadas por anti-feministas, e, no tocante á campanha contra os toxicos, ou mais propriamente contra o alcool bebeda, chegou ás seguintes conclusões:

1.ª Tomaram as mulheres posição saliente entre os propagandistas da temperança. A "União christã das mulheres pela temperança" foi uma das primeiras e das mais poderosas organizações contra o alcool, e não está, ainda, esquecido o zelo apostolico com o qual, por occasião do "Women's whiskey march", perturbavam as mulheres, nas casas de bebedas, a paz dos respectivos frequentadores.

2.ª Contribuiram as mulheres para a mais energica applicação das leis de temperança. Foi assim que, no Colorado, antes da concessão do direito de voto ás mulheres, havia 3 cidades secas; actualmente (1919) ha 8 condados e 58

cidades, entre as quaes Boulder, séde da Universidade do Estado.

3.º Excluiram as mulheres, quasi completamente, das funcções electivas os négociantes de bebidas, especialmente no Colorado.

4.º Finalmente, as mulheres reforçaram outras disposições anti-alcoolicas; a 31 de Dezembro de 1907, a Diéta Finlandesa vota uma lei totalista, proibitiva da venda do transporte e deposito de liquidos alcoolicos com excepção dos destinados a fins medicinaes industriaes ou scientificos.

Foram as mulheres que na Nova Zelandia fizeram inserir na lei militar uma emenda vedando a entrada do alcool nas casernas. (Obra cit. 1920 pgs. 548-585).

E entre nós?

Por emquanto não é lícito assignalar grande preocupação das pioneiras do nosso feminismo com o formidavel perigo social derivado dos toxicos ou mais particularmente, do alcool potavel.

Outrosim, não tem sido apreciavel a propaganda religiosa, que tamanhos resultados proporcionou na Nova Zelandia, nos Estados Unidos e na Inglaterra (V. do autor, *Ensaio de Pathologia Social*, pags. 90-91).

Agora, cogitando-se, como se cogita, de dar andamento aos projectos relativos á concessão do direito de voto ás mulheres, cenviria definirem-se as nossas feministas, manifestando-se acerca do assumpto momentoso aqui como em toda parte.

Sabe-se o que de mais moderno possuimos: — o decreto numero 4.294, de 6 Julho de 1921, pelo qual foram aggravadas certas penalidades e definidos com maior precisão certos delictos.

Ora, a efficacia das leis expressivas tem-se mostrado muito reduzida, no que concerne ao uso de toxicos, inclusive o alcool.

O que cumpre fazer, antes de tudo, é intensificar a campanha anti-alcoolica, levando-a para o recinto das escolas (desde a primaria, passando pela profissional, até á superior), das associações operarias, dos gremios religiosos, das casernas, das fabricas e officinas.

Ninguem dirá seja pouco util, numa

campanha assim orientada, a ajuda feminina.

Por outro lado, deve a legislação tomar o rumo da prevenção, adoptando-se medidas já experimentadas com vantagem, até se conseguir a proibição absoluta — alvo dos esforços dos anti-alcoolistas conscientes.

Como colaboradoras dessa legislação estão naturalmente indicadas as nossas feministas, que, antes ou depois de admittidas nas corporações legislativas, podem offerecer dados e informes capazes de ilustrar o estudo dos projectos e elucidar os debates.

Têm, pois, as mulheres intelligentes e diligentes terreno vasto para exercicio das sua facultades mentaes de argucia e perspicacia, na apreciação das causas e das modalidades do vicio alcoolico e dos seus congeneres, e para indicar os remedios preferiveis.

E a nós outros — os homens, adeptos do feminismo bem entendido — fornecerão ellas mais um motivo para applaudil-as.

Evaristo de Moraes

("Jornal do Brasil", Rio).

A RECEPÇÃO DE GEORGES GOYAU NA ACADEMIA FRANCEZA

A sessão da Academia para a investidura do novo immortal, Georges Goyau, que ia substituir Denys Cochin, teve uma desusada concurrencia.

Notava-se na sala a presença de varios ecclesiasticos, entre os quaes Monseñhor Ceretti, Nuncio Apostolico, que quizeram dar uma demonstração de apreço ao fino escriptor do "Le pape, les catholiques et la question sociale".

Deveria responder o discurso do recipiendario o academico Ribot, que faleceu depois de haver escripto a resposta, o que constituiu um motivo de interesse por ir a assistencia ouvir a palavra de além-tumulo.

Goyau fez do seu antecessor um admiravel retrato physico, moral e espiritual. Fallando da obra desse catholico e desse realista, o novo immortal mostrou-se um conferente eximio, mais do que um orador eloquente.

Aproveitando-se da presença do Sr. Millerand, fez uma allusão discreta a certos boatos destinados a tranquillizar a Egreja. E depois, voltando-se para o Nuncio Apostolico parecia esperar uma resposta de Roma.

O discurso de Ribot tinha de ser lido por Frederic Masson, a quem a morte acaba de colher em adeantada idade, mas sempre a prestar inestimaveis serviços na secretaria perpetua da Academia: coube, então, ao academico Joseph Bedier a tarefa que não pudera ser cumprida nem por A. Ribot nem por F. Masson.

A resposta do grande homem politico foi a mais viva, e a mais interessante possivel. Com polidez, elle contradisse algumas das asserções do recipiendario.

E resoaram pela sala, com uma gravidade e uma serenidade sem par estas palavras testamentarias do homem de Estado:

"Cuidado, senhores, em não diminuir de muito o papel da politica! Que a sciencia tenha o primeiro logar depois da religião, e que os reis que symbolisam a politica no portico da Cathedral de Bourges sejam relegados a ultima fila, isto deixa-me indiferente como todas as questões de precedencia. Mas que um cardeal de Richelieu, um Sully ou um Colbert, não sejam cercados da gratidão publica como possam sel-o tal ou qual sabio, isto não deixaria de inquietar-me.

Não ha menos genio num politico que um sabio. A diferença é que os grandes politicos são mais raros que

os grandes sabios, porque a unica escola da politica é a propria politica, e as nossas sociedades democraticas, como tambem as monarchias de outr'ora, não foram sempre felizes na escolha dos homens chamados a governar." Dahi em deante abre-se a veia da ironia. A assistencia evoca a figura do velho Ribot, a escrever muito á vontade a sua maliciosa resposta:

"Ha na vossa obra algumas redundancias... Não parece que tenhaes deixado a vossa imaginação e a vossa fantasia passeiar nos caminhos da arte, da sciencia e da politica, antes de encontrar a vossa verdadeira vocação.

O vosso grande cavallo de batalha contra a Revolução é que ella erigiu em dogma a liberdade do trabalho, que ella não viu nas sociedades senão os individuos. Mas que sereis vós sem ella senhor, e que seríamos todos nós? O que torna particularmente cara a nós, franceses, é que ella consolidou verdadeiramente a unidade da Nação. Fez de todos os franceses uma França de tal forma una e indivisivel que quando são separados della pela violencia não pensam senão em voltar ao seio maternal."

O auditorio que não dera mostras de grande entusiasmo quando falára Goyau, o confidente dos Papas, applaudiu com todas as mãos o hymno da Revolução. Confundiram-se os applausos de Millerand com os de Monsenhor Ceretti, o Nuncio Apostolico.

("Jornal do Brasil").



DEBATES E PESQUIZAS

METAPSYCHICA E ESPIRITISMO

Não se trata — no artigo que Charles Nordmann dedica a este estudo na "Revue des Deux Mondes" — da industria de todos esses mercadores de esperança e de illusão que se chamam clarividentes, magnetizadores, adivinhos, nem tambem dos frequentadores assíduos de reuniões espiritas, cujo numero deveras impressionador neste primeiro quartel do seculo XX, poderia surpreender; mas sim do exame de um livro recentemente publicado por Charles Richet e que se intitula "Traité de Metapsychique."

Nessa obra magistral, Richet deixa deliberadamente de parte o exame das theorias espiritas, que, segundo elle, atrazou a introdução destes assumptos no terreno scientifico. Esta obra conscienciosa e corajosa é a exposição mais completa, mais synthetica e mais sincera que jámais se escreveu sobre estes arduos problemas. Contém factos e uma admiravel exposição doutrinal, que não visa á explicação, mas apenas ao exame dos factos em si mesmos.

Nesta segunda parte, que comprehende, por assim dizer, os prolegomenos do estudo do maravilhoso, o Professor Richet apresenta as idéas mais altas e convincen-

tes, as mais dignas de um sabio. Podem fazer-se reservas acerca dos factos referidos, mas não se pôde deixar de adherir completamente á attitude mental que Richet preconiza para examinar os phenomenos metapsychicos. A palavra *metapsychico* foi "lançada" pelo mesmo Richet em 1905 no seu discurso da *Society for Psychical Research*, Brisac, então Reitor da Academia de Dijon, propuzera a palavra *parapsychico*, mas prevaleceu o neologismo de Richet que está agora universalmente adoptado.

Richet define a metapsychica: "a scien-
cia dos phenomenos, mecanicos ou psychologicos, devidos a forças que parecem intelligentes, ou a potencias desconhecidas latentes na intelligencia". A esta definição, o autor do artigo faz algumas objecções pois que alludindo a forças que "parecem intelligentes" presupõe, perante factos como a levitação, o deslocamento de objectos sem contacto, de telecynesia em summa, que entram evidentemente na metapsychica, uma explicação, uma theoria, uma hypothese, ao passo que toda a obra se propõe a evitar toda e qualquer conjectura. Supondo provados os factos de telecynesia, não poderia darse que as forças desconhecidas que as produzem fossem puramente physiologicas?

Resulta de tudo isto que é muito difficult, senão impossivel, definir os phenomenos de que fallamos. Talvez se podessem definir assim: "phenomenos excepcionaes que parecem ser produzidos pela accão de certos entes vivos e que actualmente parecem escapar ao determinismo psychophysiologico e não ser reductiveis aos agentes mecanicos physicos e chimicos conhecidos".

Esta definição deixa intacta a possibilidade de fazer passar um dia ou outro este ou aquelle phenomeno do dominio metapsychico para o dominio physico. Desde já uma vasta cathegoria de factos (os que se referem ao hypnotismo e á sugestão), que ha pouco tempo teriam sido classificados na metapsychica, ultra-passaram este estado.

No seculo passado, pensadores eminentes julgaram poder negar a *priori* toda e qualquer possibilidade de existencia aos phenomenos que hoje chamamos psychicos. Entre estes citaremos em primeira linha Babinet e Littré. Babinet rejeitava como "absurdo" e em contradicção com a natureza muitos factos, dos quaes alguns, como as curas de Mesmer e os convulsionarios de Saint-Midaud encontraram um lugar definitivo na sciencia medica.

Babinet considerava impossiveis, "por serem contrarios ás leis da natureza", alguns phenomenos como o deslocamento de objectos sem contacto, visto que nesse tempo se julgava conñecer as "leis da natureza". Se se houvesse dito a Babinet e aos seus contemporaneos que a luz não se propaga em linha recta, que a massa dos corpos varia segundo a sua velocidade, que a transmutação dos elementos chimicos é possivel, que todos os corpos são compostos de particulas elementares idênticas, tanto elle como os seus collegas teriam protestado, porque tudo isto era contrario ao que elles chamavam "leis da natureza".

Podemos aprovar Babinet quando affirma que não podemos admittir nada que seja contrario á experientia; mas quando acrescenta que a experientia nos deve fazer distinguir o possivel do impossivel, engana-se: a experientia não nos pôde instruir acerca do possivel, mas sómente acerca do mal e até unicamente acerca

do mal sensivel; apezar disso Babinet era um physico de valor. "O possivel — dizia elle — é o que é; o impossivel é o que está em contradicção com o que é, isto é, com os factos". E' um raciocinio pueril, porque suppõe que tenhamos observado todos os factos.

Charles Richet lembra tudo isto áquelles que pretendem fallar em nome desse apriorismo scientifico; e aos negadores da metapsychica responde assim: "Existem na natureza phenomenos que não se podem reproduzir quando se quer, como os eclipses. Devemos, pois, por isso, negar a sua existencia? E poderemos negar os aerolithos pelo facto de não podermos fazer cahir um delles a uma dada hora sobre a praça da Concordia? O absurdo consistiria, não em estudar alguns factos insolitos, mas em não os querer estudar pelo facto de serem anormaes."

E Richt accrescenta, muito acertadamente insolito e que é criterio errado negar antecipadamente certas possibilidades por motivo de ellas embaterem pouco ou muito de encontro aos nossos habitos mentaes.

A attitude de Richet é muito mais scientifica do que a do physico inglez Lord Kelvin que affirmara dogmaticamente repellir as miseraveis superstiçãoes do Magnetismo animal das mesas falantes, do espiritismo, do mesmerismo, etc.

Todos nós sabemos que as descobertas mais simples foram sempre negadas "a priori" sob pretexto de estarem em contradicção com a sciencia. A anesthesia cirurgica foi negada por Magendie. A accão dos microbios foi contestada durante cem annos pelos academicos de todas as academias. Galileu foi encarcerado por haver dito que a Terra girava. Bouilland declarou que o telephone não passava de ventriloquia, etc. Quando os homens de sciencia, accrescenta Richet, declaram que um phenomeno é impossivel, confundem geralmente o que é contradictorio com a sciencia, com o que é novo na sciencia. Nunca se deve dizer á sciencia: não irás além deste limite. O que não conhecemos parece-nos inverosimil, mas muitas cousas que são hoje inverosimeis serão amanhã verdades elementares.

Luiz XIV e os seus ministros teriam mandado para o manicomio quem lhes houvesse dito: "Pôde ouvir-se em Roma a voz de um individuo que fala em Pariz"; ou: "Pôdem ver-se os ossos de uma pessoa viva atravez das carnes"; ou: "Pôdem collocar-se numa garrafa os germens de uma doença e cultival-os num armario"; ou: "Pôdem transportar-se quinhentos canhões pelo ar com a velocidade de 300 kilometros por hora". Taes affirmações teriam parecido a Luiz XIV muito mais inacessiveis do que estas outras: "Certas pessoas teem a faculdade de deslocar objectos sem contacto" (telecynesia); ou: "Certas pessoas teem a faculdade de produzir formações visiveis e fugazes que emanam do seu corpo e assumem a forma de rostos ou de membros humanos" (ectoplasma); ou ainda: "Algumas pessoas teem a faculdade de penetrar os pensamentos e de ver objectos occultos, diversa das faculdades sensorias normaes" (cryptesthesia).

Ora, a cryptesthesia ou lucidez o ectoplasma ou materialização, a telecynesia ou levitação, são precisamente as tres ordens de phenomenos que o professor Richet deseja sejam incluidos entre os phenomenos scientificos. Segundo elle estes phenomenos constituem a metapsychica.

Taes phenomenos metapsychicos, quando se houver demonstrado rigorosamente a sua existencia, poderão augmentar o campo dos phenomenos physicos, sem se achar em contradicção com estes. A contradicção deixaria de existir desde o momento em que se encontrasse o mecanismo, a força, a vibração capazes de explicar a cryptesthesia, a telecynesia, e ectoplasma.

Entramos no campo do absurdo, ou pelo menos no campo contrarios á sciencia quando admittimos certas explicações certas theorias que devemos afastar em nome da sciencia; não quando admittimos os factos: "se elles estão provados".

Sejam quaes forem as conclusões a que chegarmos, devemos ser gratos a Richet por haver dado á nova sciencia não apenas o seu nome, como tambem alguns

dos principios sobre os quaes ella deverá necessariamente apoiar-se.

Alter Ego.

("Jornal do Commercio", Rio).

RESTRICÇÕES A UMA DOUTRINA

Nas formas do pensamento ou substancias intimas do ser, deparam-se phenomenos que tomam um caracter tão estranho, que dir-se-ia, não virem da mesma massa luminosa, mas de algum centro perdido na alluvião que abrange toda uma zona de effeitos desconhecidos.

Decorre esse facto da impossibilidade em que nos achamos de averiguar que especie de forma é a que assignala ou distingue o phomeno. No arbitrio manifesto do gráu em que nos achamos, lícito nos não é formular uma só proposição que não a proveniente da nossa incompetencia: qualquer reducção a uma formula synthetica, será de todo impossivel. Impossivel tambem é reconhecer o modo como sua substancia opera, se a sua natureza excede a nossa capacidade intellectual. Tudo é relativo. Não podendo ver bem, não podemos, tambem, descrever, a contento da nossa curiosidade e sede de saber.

Um espirito, por mais desenvolvido que seja, não pôde abranger a totalidade de phenomenos produzidos em uma esfera, onde nos é vedado penetrar. Com Emmanuel Swedenborg verificou-se, exactamente, o que acabamos de afirmar. Foi, de facto, um vidente extraordinario. A sua aancia, porém, de ver tudo, levou-o a confusões lamentaveis, confusões oriundas, precisamente de quem abrangeu toda uma vasta extensão da vida, naturalmente interdicta aos surtos mais arrojados.

Uma vez transposto o limite traçado pela nossa propria contingencia, embora o caracter elevado da sua missão o autorisasse a ir um pouco mais longe do que outros, menos dotados de qualidades mediumnicas, o esforço feito para ultrapassar as raias do mundo que habitamos, acarreta perigos que redundam em descredito para a doutrina que defendemos e propagamos.

Swedenborg quiz ir alem do que lhe permittia o seu estado. Tal tentativa, se-

não abuso, diminuiu o valor da sua obra e desfalcou-a do prestigio de que devia cercar-se, sendo elle, como era, um missionario, na mais alta expressão da palavra. Não negamos, nem de longe, o seu grande valor, mas queremos tão somente mostrar a que consequencias podem chegar as audacias do genio.

A sua grande imaginação e o seu estupendo saber crearam uma quasi incompatibilidade entre elles e a sua assombrosa mediumnidade. De modo que, sabendo tudo que é possível saber um homem; dotado de uma faculdade inventiva das mais raras, deixou-as voar, suprindo, algumas vezes, com elles, a videncia.

As Memoraveis, que elle julgava fóra de qualquer ataque, foram, em grande parte, meros productos da sua phantasia exaltada. Ha, ali, verdades, sem duvida, mas ha, tambem, extravagancias e invrosimilhanças, sendo que, estas, talvez, em maior numero.

Uma vez excedido o limite da nossa competencia, os perigos são muitos; as zonas espirituas, visivelmente perturbadas por inumeras correntes, cream verdadeiros dédalos inexplicaveis, nos quaes o viajor, por mais experimentado, se perde.

Perdendo-se, está sujeito a inumeros recontros com o desconhecido; descortinam-se planos irreaes; as formas singularisam-se; as nuanças perdem seu caracter limitado e avultam em numero e em variedade.

Ao fim de certo tempo, desvendam-se quadros, sem o cunho de authenticidade, proprio dos phenomenos examinados com attenção. Falta, portanto, a videncia, a base para uma coordenação precisa e segura; falta-lhe até o criterio para descerñir entre o que é phantastico e o que é real.

Não ha recuar mais; accentuar-se-hão as mystificações; augmentará o numero dos obsessores, e, com elles, a credulidade do vidente, agora, presa de seus caprichos.

Cada observação deixará de ser um processo logico e util á elucidação da verdade, para se transformar em um acto arbitrario, prejudicial, portanto, á orientação philosophica. Assente nelle, uma

vez, a ordem geral, de onde esperamos tirar o criterio para investigações mais profundas e complexas, a nossa capacidade de crear ou de ver desaparece para dar logar a cousas sem nexo. Foi o que aconteceu ao grande genio que assombrou o mundo, a principio, com as suas descobertas scientificas, depois, com as suas revelações. Uma vez, porém, passada a primeira impressão, esqueceram o muito que havia feito pela sciencias para só se lembrarem do que havia descripto, sem a idoneidade precisa.

A cada passo, um quadro que não representa a realidade; scenas inverosimeis, confusões lamentaveis. Eis um aspecto da grande doutrina, em cujo contexto irradiam tão preciosos thesouros de erudição e argucia.

Seu cerebro, no pandemonio das formas suspeitas, atravancando um mundo que não era ainda seu, não podia ter a acuidade e a calma necessarias a pesquisas tão importantes e difficeis.

Eram, portanto, os quadros descriptos por Swedenborg, em grande parte, mais ficticias que reaes; não faltava quem as exhibisse, sem cuidado na realidade, com o unico fim de lhe pertubar a razão gumando mal por um caminho de aventuras e desconnexidades. São muito communs estas cousas no mundo espiritual. Infiltra-se o mal por toda a parte, mesmo naquelles logares que, dir-se-hia, lhe serem vedados. Deve ser, pois, demorada a observação, para que se não trunque o aspecto formal do quadro, a que o verdadeiro empresta as louçanias das suas cores e os relevos da sua capacidade de crear sempre, de ser sempre uma unidade tocada pelo pincel de uma rica imaginação.

Nos momentos em que o seu espirito se desprendia do corpo, ia a toda a parte, curioso de penetrar os arcanos de um mundo, para elle inteiramente desconhecido. Nesses momentos de quasi completa emancipação, seu espirito, como de qualquer outro, tornava-se passivel de impressões de toda a especie; era envolvido, mesmo, por uma onda estranha de occurrences que, se não fóra a precariedade do seu estado, seriam mais criteriosamente estudadas.

Não o lográra, entanto.

Dahi as lacunas e os defeitos da sua doutrina tão cheia, aliás, de bellezas e verdades. O facto com elle ocorrido, ao annunciar-se-lhe a missão, era de molde a firmal-o na convicção de que não podia ser de modo algum enganada. Tal persuasão o levou a erros e deslises de certa gravidade. Todo homem que se entrega ao estudo do mundo espiritual, não deve fiar-se no que lhe é mostrado. Tem de ser precavido, desconfiado, escrupuloso. O mal está em toda a parte a procurar meios de enganar e prejudicar os homens.

Uma vez postas á luz certas verdades fundamentaes, não será facil cahir em erro ou peccado.

Infringimos, em grande parte, as leis de Deus pela nossa ignorancia absoluta do que ocorre depois de deixarmos este mundo.

Se soubessemos o porque dos nossos sofrimentos; se nos fôra licito saber o motivo da nossa situação na terra; quaes os incidentes que determinaram o nosso retorno a um planeta de onde já havíamos sahido, em condições tão precarias, certo procurariam todos os meios de evitar os desgostos e tormentos que, por nossos propria culpa, nos são impostos.

A vida não é somente a que conhecemos; mas outra, senão outras, que havemos forçosamente de atravessar, em virtude do nosso estado, da nossa deficiencia moral, da nossa impossibilidade de nos adaptarmos a condições que nos preparassem um advento mais adequado ao nosso progresso, depois do transe final. Ora, que resultará de tantos erros e vicios, senão um estado que não pôde ser agradavel? Se a vida continua; se ha um Deus que acompanha todas as nossas accções; se o mundo espiritual é uma verdade, como admittir possam o justo e o mau ir para o mesmo logar? E esta é uma condição geral do organismo.

Quando affirmo haver um ente supremo que segue com carinho e solicitude os diversos lances da nossa evolução, ipso facto, considero haver tambem uma sancção que nos difference no amalgama de erros e actos de benemerencia que formam o arcabouço da nossa existencia. Nesse conjunto antithetico de organizações, em preparo, para novas experiencias,

reside a ordem estabelecida por Deus, ordem que nos guia para o castigo e para a recompensa. Não vem delle a punição; vem de nós mesmos. E' uma condição do organismo o tornar a ser o que foi. As substancias que operam como verdadeiros freios á nossa conducta, ou estimulos á nossa servidão, ou a nossa liberdade, se puras não são, têm de perder o que encerram de contrario á sua natureza fundamental, para poderem encaminhar-nos aos nossos destinos.

Como consegui-lo senão pelo sofrimento? O meio é um só. Para substancias inveteradas no mal, só ha uma raspagem: a dôr. Não ha outro remedio, outro processo, outra lei. A mais insignificante parcella de materia impura em um órgão qualquer, transforma-o por completo. Desfaz a harmonia geral que nos approxima de outras espheras; crêa-nos situações difficeis destruindo tecidos que se não recompõem senão com muito sofrimento.

Eis porque no dedalo de conjecturas em que se debateu o grande espirito de Emmanuel Swedenborg, não lhe ocorrera o facto, aliás, tão simples, de que o mundo espiritual não é diferente do nosso, senão nas qualidades substanciaes que o compõem. Affirmo mesmo: um espirito vê o seu mundo, como nós vemos o nosso. Tudo que o cerca é feito da mesma pedra, da mesma madeira, do mesmo material, em summa, que as casas que habitamos.

Portanto, diante disto e de outras razões que aventaremos, ver-se-ha não haver motivo para aceitar muitos dos *Memoraveis* da sua obra: *Delicias do amor conjugal*.

Luis Murat.

("Jornal do Brasil", Rio).

O POETA NEGRO

Cruz e Souza foi um allucinado. Toda a sua poesia se faz por allucinações, transmutações intimas criando allegorias, provocando imagens, sugerindo similes. Em Cruz e Souza elles se fazem automaticamente, subconscientes na sua elaboração, reflexas em sua expressão. Nada se mede

ali, nada se brune ou doira; irrompem já brunidas e doiradas suas concepções. Enquanto noutros as metaphoras se alindam e compõem nelle surgem de impeto, desgrenhadas como espavoridas. Brotam do instinto feito de allucinações involuntarias e insubmissas. Seu pensamento não se doma, nem se apura; investe para a expressão e nella encarna-se como póde. E' um desageitamento selvagem, turbilhonante, com adjectivos de exurreda, uns a luctar com os outros, sem que se saiba qual o melhor. A phrase, molde meio rígido, se contorce ou deforma com os repelões da idéa desconforme ou excessiva. Dá-nos a impressão de uma guinola illuminada por poderosos fócos electricos multicolores.

Feita de allucinações, essa poesia pouca cerebração contém. Nenhum raciocínio nessa sequencia de visões. Os versos ligam-se pelos quadros, pela consemelhança dos aspectos, jámais por syllogismos ou deduções. Não existe indução sequer; ha photogravuras encadeadas, series panoramicas com luz demais e ás vezes sombras carregadissimas. Veja-se, por exemplo, o *Caminho da Glória*, nos *Últimos Sonetos*:

Este caminho é cor de rosa e é de ouro,
Estranhos roseiraes nelle florescem
Folhas augustas, nobres, reverdecem,
De acanho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremecem;
E' por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

E' por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, tremulos, sonhantes
[do],
Neste celeste, limpido caminho,

Os seres virginaes que vêm da Terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho!

Esse sinistro vinho embebedava de certo o poeta negro.

E' o mesmo celeste vinho da luz que, em *Coração confiante*, alvoroça o estranho vate:

O coração que sente vae sozinho,
Arrebatado, sem pavor, sem medo...

Leva dentro de si raro segredo
Que lhe serve de guia no Caminho.

Da luz, os bosques acordando cedo,
Vae no alvoroço, no celeste vinho
Quando de cada tremulo arvoredo
Parte o sonoro e matinal carinho.

E o Coração vae nobre e vae confiante,
Festivo como a flammula radiante
Agitada bizarra pelos ventos...

Vae palpitando, ardente, emocinado,
O velho Coração, arrebatado,
Preso por louros arrebatamentos.

Isto é, por suas allucinações. Ellas criam-lhe um mundo para nós, mentiroso, para o poeta, real. Para elle o mundo objectivo é que não tem realidade, porque não sonha. Em Cruz e Souza o mundo é um labirintho aéreo. Vivemos positivamente no espaço entre lemures e trasgos, anjos e devas, numa disparada desenoffrida:

Quando dos carnavales da raça humana
E as attitudes mais funambulescas
Forém caindo as mascaras grotescas
Se desfizerem no feroz Nirvana,

Quando tudo ruir na febre insana,
Nas vertigens bizarras pittorescas,
De um mundo de emoções carnavalescas
Que ri da Fé profunda e soberana,

Vendo passar a lugubre, funerea
Galeria sinistra da Miseria
Com as mascaras do rosto descoladas,

Tu que és o deus, o deus invulnerável,
Resiste a tudo e fica formidável
No silencio das noites estrelladas!

E' uma visão poderosa, uma allucinação profundamente emotiva, mas sem significação immediata. Por isso o pensamento-causa da allucinação fica tão sómente implícito, vago naquelle tremendo imperativo, onde o dever de resistencia moral se enuncia com desmedido vigor. Mas sempre, em tudo, ha um pensamento-causa, uma idéa defloradora da allucinação e nella vivaz.

Pensamento é mal dito. No poeta-negro o motor é o *sentimento* e seu sentimento pode circumscrever-se nas tres virtudes

theologaes. Tudo nelle era fé, esperança e caridade sob aspectos novos, ou antes, ideaes.

Eu creio; mas a sua crença não se marmorizava num deus-vivo, em seres corporeos ou pseudo-espiritos. Cria apenas no Destino, maior que as divindades e que divindade, porque o destino é a Existencia mesma e sua Lei. Cruz e Souza sentia essa lei e affirmava-a heroicamente, via a finalidade do universo e adivinhava um dever de aperfeiçoamento necessário. Sua fé se resume numa vontade do melhor inencontravel na terra, numa certeza de evolução cosmica favoravel ao bem, concentrada neste maravilhoso decasyllabo:

Ascender para a Luz é ser celeste.

Confiava na força, na justiça, numa superhumanidade terrena ou extra-terrena e fazia disso um grande sonho, a razão de ser da Vida. Vêde-o invocando a *luz da natureza*:

Luz que eu adoro, grande luz que eu
[amo
Movimento vital da Natureza,
Ensina-me os segredos da Belleza
E de todas as vozes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo
Dos Fortes e dos Justos da Grandeza,
Illumina e suavisa esta rudeza
Da vida humana onde combato e clamo.

Desta minha alma a solidão de prantos
Cerca com os teus leões de brava crença,
Defende com os teus gladios sacrosantos.

Dá-me enlevos, desluinbra-me da immen-
[sa
Porta espheral, dos constellados mantos
Onde a Fé do meu Sonho se condensa.

Crê na unidade vital, na communhão
da *Anima Mudi* com as almas peregrinas
e por isso amplifica a sua acção irmânando-a com os nossos actos:

Um ser na placidez da Luz habita,
Entre os mysterios ineffaveis mora,
Sente florir nas lagrimas que chora
A alma serena, celestial, bemdita.

Um ser pertence á musica infinita
Das Eospheras, pertence á luz sonora

Das estrellas do Azul e hora por hora
Na Natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fataes poeiras,
Dos miseraveis europeis mundanos
E de todas as frivolas cegueiras...

Elle passa, atravessa entre os humanos
Como a vida das vidas forasteiras
Fecundadas nos proprios desenganos.

Elle mesmo define sua Fé neste admiravel soneto:

Abre os olhos á Vida e fica mudo!
Oh! basta crer indefinidamente
Para ficar illuminado tudo
De uma luz immortal e transcendent.

Crer é sentir, como secreto escudo,
A alma risonha, lucida, evidente...
E abandonar o sujo deus cornudo,
O satyro da carne impenitente.

Abandonar os languidos rugidos,
O infinito gemido dos gemidos
Que vae no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços
Para o eterno silencio dos Espaços
E no silencio emmudecer olhando.

Sua crença era Contemplação, crença
das almas puras e eleitas da Belleza, que
della precisam para *andar gemendo*.

Eu espero; mas em Cruz e Souza esperar era *aspirar*. Não era querer a *vinda* redemptora; era *ir* para a redempção certa do Destino. A dôr maior ou unica em seus versos é a demora, a dificuldade desse vôo, o peso das azas, o corporeo da nossa condição, o material da nossa animalidade.. Soffremos por sermos algemados:

Ah! Toda alma num carcere anda presa
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço, olhando immensidades,
Mares, estrellas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma, entre grilhões, as li-
berdades
Sonha e, sonhando, as immortalidades
Rasga no ethereo Espaço da Pureza.

Por isso quer ser livre, livre da *mate-
ria escrava* e procura um Chaveiro do Céo

que lhe possa abrir as portas do Mysterio. Assim fala em *Aspiração Suprema*:

Como os cegos e os nús, pede um abrigo
A Alma que vive a tiritar de fio,
Lembra um arbusto fragil e sombrio
Que necessita do bom sol amigo.

Tem ais de dor de tremulo mendigo
Oscilante, somnambulo, erradio,
E' como um tenue, crystallino fio
De estrellas, como ethereo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho.
Aspira o ceu, o limpido agazalho,
Sonha, deseja e anceia a luz do Oriente.

Tudo ella inflamma de um estranho beijo
E este Anceio, este Sonho, este Desejo
Enche as Espheres soluçantemente.

Eu amo; mas em Cruz e Souza esse amor tem os predicados do *Eros* grego em sua significação symbolica. Não era o Cupido alado. E' um complemento da sua esperança, da sua aspiração. Em quanto sua aspiração quer dizer communhão com as coisas, seu amor é communhão com os séres, com as almas, na Eternidade:

Se tens sêde de Paz e de Esperança,
Se estás cego de Dôr e de Peccado,
Valha-te o Amor; o grande abandonado,
Sacia a sêde com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desafogado,

Revive nas estrellas do Infinito
O coração que é puro e que é contri-
[cto

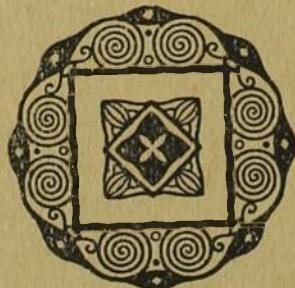
Se sabe ter doçura e ter dolencia
Revive, sim, fica immortal, na essencia
Dos anjos paira, não desprende um grito
E fica, como os Anjos, na Existencia.

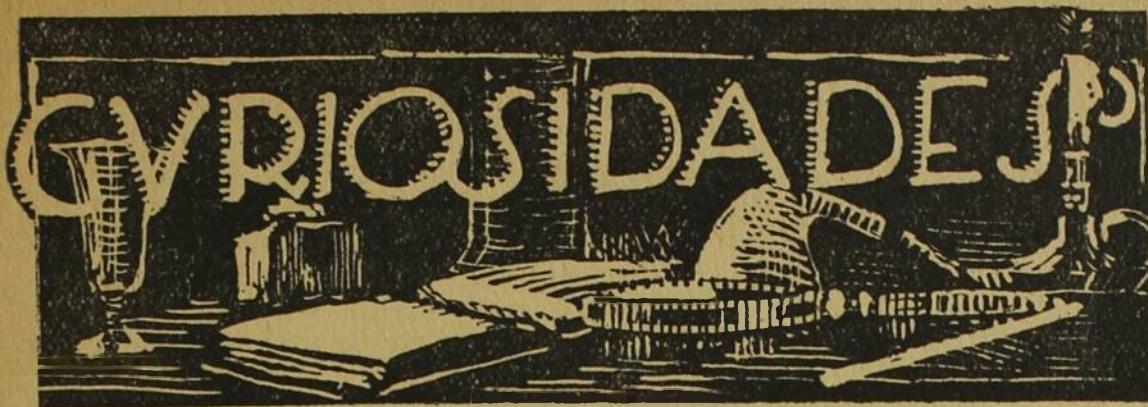
Elle mesmo denominou esse amor a *Grande Sêde!* Para abrevar-se de amor elle abre as azas para abrigar a todos os desconsolados, porque sua alma tem o vinho e as graças do conforto. Em toda a sua poesia perpassa a nota caridosa, mas sempre como exaltação, como irmaniação de séres, como enleamento de almas na perigrinação evolutiva.

Cruz e Souza é assim um precursor o grande precursor não de symbolismos e decadentismos, mas de uma vasta poesia pantheista, onde o homem se integra no universo aspirando sempre á mais perfeita integração. O seu genio, inatingivel aos mediocres, abriu *portas de ouro* ainda, infelizmente indesvendadas pela multidão dos pieguistas e sentimentalistas da nossa reviçante sementeira poetica. Mas, aqui e ali, vão surgindo olhos que entrevêm os penetraes sagrados. E' a sua maior consagração.

José Oiticica.

(“Correio da Manhã”).





REFLEXÕES

(Frases de um livro inedito)

Para meu neto Carlos Luiz

I

A vida social é um admiravel equilibrio de maldades reciprocas.

II

A sociedade julga os homens de um modo e trata-os de outro.

III

Na vida publica como na vida particular, mais facilmente que o talento, vence a intelligencia, por sobrar, em regra, a esta o que falta áquelle — o tacto.

IV

O homem deve procurar descobrir em si o predicado com que pôde ser util á sociedade.

V

Os grandes homens são para ser vistos de longe.

VI

A maior infelicidade dos homens de talento é não poder subtrahir-se ao julgamento dos tolos.

VII

E' muito maior do que se pensa o numero dos vivos que invejam os mortos.

VIII

O homem tem inimigos não só por suas más como por suas boas qualidades.

IX

Carece o homem de ininterrupto esforço para poder reduzir ao minimo os defeitos moraes que a idade e o trato da vida lhe vão trazendo ao caracter.

X

Muitas vezes são as qualidades superiores do individuo que o inferiorizam no seu meio social.

XI

Ha virtudes cujo principal senão unico effeito é o de serem prejuicias áquelles que as possuem.

XII

Não ha grande homem sem grande assumpto.

XIII

São como os homens as nações: tanto mais fortes quanto mais queridos.

XIV

Nada mais lisonjêa o orgulho do homem do que a ruina e a queda de outro homem.

XV

Ha individuos que quanto mais alto sobem tanto mais baixo descem.

XVI

Deve custar o homem a si proprio o menos que fôr possivel.

XVII

Tanto mais independente é o individuo, quanto de menos pessoas carece para o seu serviço.

XVIII

Homem que tudo perdôa é homem que nada sente.

XIX

Não vi defeito moral na muher que não tivesse encontrado antes no homem.

XX

A felicidade é o justo equilibrio entre as aspirações e as possibilidades pessoaes.

XXI

E' uma verdadeira sciencia saber cada um viver a sua idade.

XXII

A conservação do bom nome é tão difficult quanto a sua acquisição.

XXIII

A superioridade de certos individuos assenta muitas vezes na inferioridade do meio em que elles vivem.

XXIV

Os homens estão sempre de mal, desde que seus interesses collidem.

XXV

O homem vale mais pelo mal que pôde causar do que pelo bem que pôde fazer.

XXVI

Viver muitos annos é morrer muitas vezes.

XXVII

A velhice é a idade dolorosa em que geralmente se encontra o esquecimento em logar da gratidão.

XXVIII

Para o velho tudo é demais.

XXIX

As creanças são os unicos seres que restam ao amor desprezado dos velhos. (Reminiscencia de C. Castello Branco).

XXX

O homem envelhece de dois modos: pela velhice própria e pela do meio em que vive.

XXXI

Procura vér sem ser visto como te tratam na ausencia e terás visto como te tratarão depois da morte.

XXXII

Em regra a saudade dos filhos pelos paes fallecidos dura apenas o tempo necessario para enxugar uma lagrima.

XXXIII

E' benemerito o homem que dá aos velhos o prazer de um sorriso.

XXXIV

A velhice cobre de um véu de tristeza tudo quanto foi alegria na mocidade.

XXXV

A idade e os desgostos preparam o homem para a morte, afastando-o cada vez mais da sociedade e da vida.

XXXVI

E' cada vez maior a dívida dos vivos para com os mortos.

XXXVII

A justiça para com os mortos é o dever supremo dos vivos.

XXXVIII

A alma humana precisa de ser maltratada e malferida pela dôr para poder revelar as grandes bellezas e as grandes harmonias que vivem reconditas em seu seio.

XXXIX

A mais fraca das memórias é a memória da gratidão.

XL

Valer por si ou renunciar a fazer valer-se. (Synthese de um dos "caracteres" de La Bruyère).

XLI

Ter amigos sinceros é como ter idéas proprias: quando se tem alguns já se tem muitos.

XLII

Nas criaturas precocemente corrompidas, ha sempre um residuo de ingenuidade.

XLIII

Ha certas qualidades sociaes que outra coisa não são que defeitos pessoas.

XLVI

Um dos mais funestos erros do homem é revelar sua fraqueza aos outros homens.

XLV

Torna-se campo de experiência de todas as maldades alheias aquelle que se fez o conceito de "criatura inoffensiva".

XLVI

As dôres moraes são como as chagas vivas: não se mostram senão a quem as pôde curar.

XLVII

Para subir muito em politica é preciso, ás vezes, descer proporcionalmente no carácter.

XLVIII

Em politica só não cae o homem que nunca esteve em pé.

XLIX

Creio que a politica é a profissão em que pôde ser formado o mais repugnante typo de homem publico.

L

Por maior que seja o erro, ha sempre alguém para aplaudi-lo: aquelle a quem elle aproveita.

LI

Ha individuos que sómente com a quēda dos outros é que conseguem erguer-se.

LII

Os invejosos não se limitam a invejar os vivos, invejam os mortos.

LIII

Pessoas ha que teem a especialidade de vêr todas as coisas por outro lado.

LIV

O trabalho methodizado e são é a melhor das medicinas para os incommodos moraes.

LV

Mutas vezes estamos a fortalecer um inimigo no falso supposto de beneficiar um amigo.

LVI

O homem sem espirito, que procura fazer rir á custa de outrem, só consegue fazer rir á custa propria.

LVII

A unica e verdadeira previdencia consiste em impossibilitar desde logo a occorrencia do facto que se teme.

LVIII

Os máus se tornam bons quando applicam a maldade contra os máus.

LIX

A eloquencia é algumas vezes o talento do detalhe.

LX

Envelhecem depressa os livros.

Esmeraldino Bandeira.

(“Gazeta de Notícias”, Rio).

O VENENO DA BELLEZA

Dizem que a moça a quem os suffragios da esthetica elegeram a mais bella do Brasil, anda triste.

Os seus olhos não disfarçam a emoção de uma longa tristeza.

Choram, silenciosamente, o premio que lhe deu a fortuna, escondendo, com prudencia, a magua que lhe trouxe o destino...

Por mais estranho que se affigure o paroxo, é elle uma simples e terrivel verdade. E, no entanto, parece, á primeira vista, que o não devoria ser.

A formosura foi sempre um motivo de vaidade, e qual é a formosa que, instinctivamente, não é feliz?

Um dos luminosos encyclopedistas

do seculo XVI, dado aos estudos dessa curiosa sciencia que é o Eterno Feminino, conta-nos, até com uma graça classica e ao mesmo tempo irreverente, a historia de uma corteza que descendia fatalmente de Helena, porque em seu louvor, affirmava elle, bem se poderia accender uma nova guerra de Troya.

Essa creatura excepcional sobre quem recahiu, como uma chuva de ouro, a deslumbrada admiração do avoengo illustre, vivia, segundo a chronica antiga, que lhe dá fé, uma vida amarga. Todas as cousas más lhe succediam; mas, para vingar-se das cousas más, para fugir ao tempo inexoravel, era bastante que apellas-se para o lago que lhe reflectia o semblante. Logo tudo se transformava. A vida parecia-lhe feliz. O que, ainda ha pouco, lhe consumia o pensamento, era agora, deante do espehro levemente impassivel, um motivo de infinita ternura.

Com essa heroina construiu elle a definição de que todas as cousas nos parecem bellas, vistas pela nossa beleza intima.

Por isso mesmo é que deve causar uma certa duvida a noticia de que a formosura santista, eleita no ultimo concurso para o altissimo cargo em que a acabam de empossar os julgadores do certamen, tenha posto no seu luminoso sorriso uma scentedha de pessimismo, lindo mal que não parece ser commum ás mulheres...

* * *

Confesso que me causou uma certa emoção a noticia dessa tristeza.

Eu não sou muito lido em psychologia. Tenho, porém, dessa difficilima sciencia alguma cousa mais do que a intelligencia dos instictos.

Perdi-me varias vezes na leitura de alguns cavalheiros que dão licções a tanto por volume, de forma que, das poucas cousas que me disseram, alguma cousa me ficou. Já se vê que não desejo fallar do Sr. Paulo Mantegazza, um italiano astuto, que nesse assumpto, como em retrato, bem pôde ser confundido

com o presidente Manoel de Arriaga, que Portugal conserve por longos annos, nem tampouco do Sr. Paulo Bourget, que o modernismo de Antonio Ferro classificou de medico de aldeia com consultorio de psychologia em Paris.

Outra gente me seduziu. E vim a saber por outra gente, entre ella o citadissimo Brantôme, que as mulheres costumam ter a belleza como virtude, isto é, conservam-na até quando não é mais possivel conservá-la.

Não estou, porém, aqui, a discutir theses perigosas. Por isso mesmo retomo o fio deste discurso, desviado por umas tantas considerações que me parecem oportunas, para fixar a atenção no caso da paulistana gloriosa.

Teriam acertado os julgadores concedendo-lhe o premio?

Parece-me que sim.

Não a conheço, mas a sua imagem reproduz alguma cousa da formosura que mais se approxima da idéa que todos fazemos de uma belleza nacional.

Os seus cabellos não são louros, não é ella uma loura. Essa côr, côr, mais que secundaria, e que os bons compendios não registram, não poderia ser a côr dos cabellos de uma authentica beldade brasileira. Isso não quer dizer que entre nós não existam bellissimas louras. Todavia, é uma côr que se presta a varias interpretações, e, sem que tenha contra ella nenhum motivo pessoal, confesso que se acha hoje fortemente desprestigiada pela competencia das lavagens chimicas...

Ademais, Moema e Iracema possuam pretissimos cabellos, que o romantico Alencar chegou ao pouco exagero de afirmar que eram mais do que os da graúna.

E, no entanto, o jogo de suas feições, em que se adivinha um leve traço de bondade nativa, que me leva a acreditar na veracidade do julgamento.

Por que, pois, a glorificada desdenha a gloria, e entristece?

A formosura terá assim tantos precalços? E a belleza será a belleza uma cousa vã?

* * *

Para adivinhar-lhe o pensamento é que me atrevo a recordar lições dos meus mestres da vida. Para aquella que, ainda ha dias, era uma simples moça bonita de cidade progressista e é hoje, após concurso, uma reputação de belleza nacional, com direito a premios seductores e viajens invejaveis, deve ter sido uma surpresa agradabilissima a que alarmou a familia e a vizinhança, fazendo desmaiar secretamente suas mais intimas amigas. Não só para elles todas, como tambem para a cidade, tida até então como um simples porto movimentado, e nada mais, a não ser a classica terra dos Andradadas e o escoadouro commercial de um Estado em progresso, cousa que, para a industria será uma grande cousa, mas que para o estheticismo nada vale.

Santos avançou dessa forma, consideravelmente, e parece-me hoje muito mais encantadora por ter sido berço da mais bella das minhas patricias, do que até antes, quando era apenas um elemento de transito entre a Europa longinqua e a Paulicéa desvairadamente poetica e poeticamente commercial dos meus amigos Mario de Andrade e Monteiro Lobo, respectivamente.

Antes do que pensava começo, porém, a ver que deve existir algum fundamento na duvida que assalta a imaginação da minha formosa patricia. Effectivamente ella tem razão. A formosura tem seus precalços. Nunca se é bella impunemente. Desde a antiguidade classica, para não ir mais longe, as mulheres soffrem o veneno dos proprios encantos.

Cleopatra deve toda sua infelicidade a toda sua formosura. Helena foi o motivo de uma cruenta guerra, que Paris nunca perdoará, embora os estrategistas modernos desejem negar-a, apoiados na impossibilidade de existir um cavallo que operasse tantas vantagens.

Se não possuisse tantas graças, que reuniu no corpo e na alma, Lúcrecia teria escapado ao punhal que a fez puríssima deante da secreta duvida de Tarquinio.

Para a nossa belleza coroada, todavia, os embaraços são outros, outros mais differentes, porém, não menos graves. E ella bem que os adivinha. São os que vêm de suas rivaes em belleza, irmãs em Venus, officiaes do mesmo officio, que difficilmente comprehendêrão seja a formosura tão modesta, que ao invés de ter culminado numa cidade de mais de milhão de habitantes, como esta querida e vaidosa S. Sebastião do Rio de Janeiro, tenha preferido o refugio commercial de um porto sem baia de Guanabara e sem as apparencias, que são ás vezes direitos adquiridos.

Deixando, porém, á margem essas divagações, que parecem allusivas e ironicas, creio ter a premiada comprehendido que a idéa de belleza está hoje desassociada do conceito que a torna o fim de todas as cousas. Ella teria lido, talvez, que a vida "não reside sómente naquella sensação indeterminada do que, convencionalmente se chama belleza, e que o bello não é, senão, "um perpétuo equivoco entre os homens".

O seu raciocínio, neste momento, confundiria a obra do sapientissimo Pascal e deitaria por terra o galanteio com que Stendhal construiu a seductora illusão da belleza — promessa da felicidade.

Que todas as formosas me perdoem estas linhas.

Eu, de mim, estou com a premiada, e acredito nos inconvenientes da belleza.

Ella tem um veneno.

Matam-se com elle todas aquellas que a não possuem...

Oswaldo Orico.

(“Jornal do Brasil”, Rio).

A LIMPEZA DOS DENTES

Quem, até agora, não recommendou a limpeza dos dentes? Basta dizer que, durante a gripe “hespa-

nhola”, os japonezes faziam sua prophylaxia, distribuindo ao publico uma gravura representando uma moça com uma escova, no acto de limpar os dentes. Por baixo, estava escripto: “Em boca limpa não entra a doença”. Era a mancira que se aconselhava para preservar-se contra a terrivel epidemia. Ao lado desse symbolismo japonez, entre dentes limpos e saude, ha a crença geral de todos os povos civilizados, e este dogma americano: “Um dente limpo não se caria”.

E por que o sujo caria? Por que os alimentos doces e amylados (os assucares em geral; glycose, fructose, saccarose, lactose, dextrina e as farinhas brancas), adherindo aos dentes, formam uma pellicula á sua superficie. Nella ha bacterias e partículas de carbo-hydratos que, fermentando, produzem acido lactic. Este dissolve os saes de calcio da superficie do dente. Rompe-lhe, assim a envoltaria protectora. Abre a porta aos microbios. E estes vão atacar a materia organica do dente.

Com o tempo se forma uma cavidade. E' a carie.

Logo: Dente limpo não cria carie.

Ah! que lindo edificio vae desmoronar! Agora se descobriu que tudo isso está errado...

O que agora se sabe é que dente sujo, como a lingua suja, são indicio de uma perturbação geral do organismo. E quando o dente chega a cariar-se é signal de que o organismo inteiro se acha enfraquecido: falta nello calcio e phosphoro.

Sabe-se tambem quo se pôde suprir essa falta de diversos modos:

1.º — Com regimen alimentar apropriado (vitaminas, oleo de figado de bacalháo, etc.);

2.º — Com meios medicamentosos (calcio, phosphoro, etc.);

3.º — Com agentes physicos (luz solar, lampadas de quartzo de vapores mercuriaes, arcos de ferro-chromo, de cadmio, etc.).

Emfim, com regimen e tratamentos adequados, pôde-se obter esqueletos osseos perfeitos, á vontade, o

que não deixa de ser uma boa noticia para aquelles que se interessam pelo porvir da Raça.

Estes novos horizontes foram desvendados a 4 de Novembro ultimo, na reunião da Secção de Stomatologia da "American Medical Association", que se realizou em S. Luiz.

Howe ("Decalcification of Teeth and Bones, and Regeneration of Bone Through Diet") fez uma comunicação sensacional. Experiencias feitas durante um anno, em animaes, não apoiavam a theoria que "dente limpo não cria carie". O resultado de suas experiencias não confirma a hypothese dos danos, produzidos pela fermentação dos hydratos de carbono. O dente sujo pode ser, até, uma necessidade da Natureza...

Essa comunicação não podia deixar de ser chocante, principalmente na terra dos grandes dentistas da moda. Devia ter sido mesmo muito escandalosa!

Mas Howe, estribado em seus trabalhos, afirmava:

— Aos animaes aos quaes administrei grandes quantidades de alimento assucarados e farinha branca, não revelaram lesão dentaria alguma, depois de um anno. E' verdade que os assucarados e os amylaceos adheriam constantemente aos dentes, e que o exame microscopio revelou grande quantidade de bactérias, e a analyse demonstrou que havia fermentação. Mas nenhuma lesão dos dentes, nem ao menos um principio de carie foi possível encontrar!

E' preciso lembrar que o valor dos dentifricios e bochechos, destinados a manter a limpeza dos dentes e a destruir essa flora bacteriana, levantou sempre fortes discussões nos meios verdadeiramente scientificos. Que valor scientifico, comprovado, têm esses meios denominados de "hygiene da boca"? Reina uma grande incerteza a respeito disso.

O citado autor, o primeiro, ao que parece, a fazer experiencias sérias, vendo que ha grande ignorancia sobre o estudo dos dentes, apegou-se ao dos ossos, que são muito mais conhecidos. Com effeito, existe uma

perfeita analogia de estructura, de composição chimica e de processos de calcificação entre os dentes e os ossos.

O conhecimento dos ossos, graças ao estudo do rachitismo, se acha muito adeantado. Ora, segundo Shipley, Mc. Collum, Simmonds, Nino, etc., está provado que "se pôde alterar experimentalmente a estructura interna do esqueleto dos animaes por meio dos agentes physicos". E o mesmo já se tem obtido no rachitismo humano. Em animaes têm se obtido, por experiencias, typos pseudo-rachíticos, devido à hyperprodução de substancias osteoides, com um regimen deficiente em calcio. Com regimens apropriados, pôde-se crear gerações de animaes sem lesões carieformes.

Por outro lado, os mesmos experimentadores provaram que se podem produzir lesões bucaes, isto é, lesões dos dentes, pela pobreza de calcio e de phosphoro na alimentação.

* * *

A carie dentaria não é, pois, um phenomeno local. Já os dentistas observadores haviam classificado as caries em de "gente fraca" ou brancas; — e de "gente forte" ou escuras. Quer dizer que a observação diaria tinha-os obrigado a verem certa relação entre o estado physico do individuo e a lesão do seu dente. Já isso demonstrava, em linhas geraes, que a carie não era um phenomeno local e sim uma manifestação do estado geral do organismo. Os pathologos fizeram da carie dentaria uma tuberculose ossea. Esse caminho vae levar-nos à questão da tuberculose pulmonar em relação com a desclassificação do organismo, que teria uma bella prova, indirecta nas experiencias que acabam de fazer os estomatologistas americanos.

Mas o nosso fim não foi trazer a publico uma questão delicada e complicada de pathologia geral. Foi o de mostrar o contraste de certas theorias medicas. Até aqui dava-se tamanha importancia à limpeza da boca, que uma escova de dentes chegava a ser o symbolo da boa

saudade. Hoje, se demonstra a sua perfeita inutilidade e se pergunta: "E os camponezes, que nunca conheceram uma escova de dentes?"

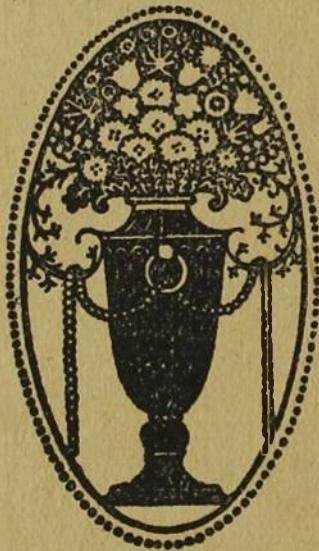
E' intuitivo que a boca de um organismo forte, munida de todos os seus meios de defesa natural, com todas as glandulas e apparelhos excretores em perfeito estado, não precise de limpeza. Limpa-se automaticamente. E' o caso do camponez forte, que morre aos 90 annos com todos os dentes — dentes que não conheceram escova!

Nesses individuos, os dentifricios, as drogas e o attrito da escova só podem ser prejudiciaes — só podem lesar os tecidos e abrir a porta ás infecções: longe de defender, vão destruir, em parte, a defesa natural da boca. Mas... quantas bocas haverá nessas condições? Quantas bocas perfeitas ha no mundo, entre os moradores de cidade?

Ahi é que está o "x"...

Nicolau Ciancio.

("Jornal do Brasil", Rio)



AS CARICATURAS DO MEZ

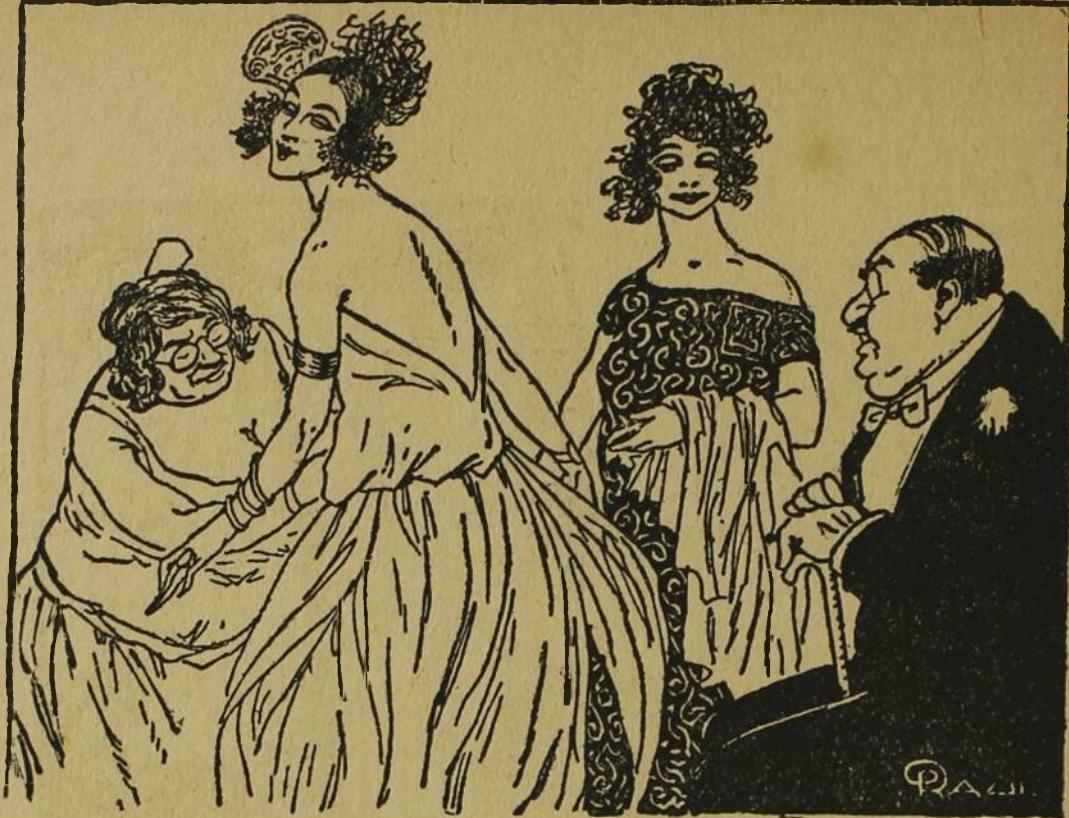
NO PAIZ AGRICOLA . . .



- Foi aumentado o sitio, hein ?
- Qual sitio ! Isso é modestia. Desse tamanho já é fazenda.

(*D. Quixote — Rio*)

ESTYLO POUCA ROUPA.



Coronel — E' exquisito ! O vestido vae baixando e chama-se a isto *alta costura*.

(*D. Quixote — Rio*)

A FRUTA CARA.



Adão — Que falta de sorte ! Se o preço da maçã fosse o de hoje, talvez continuassemos no paraíso ...

(*D. Quixote — Rio*)

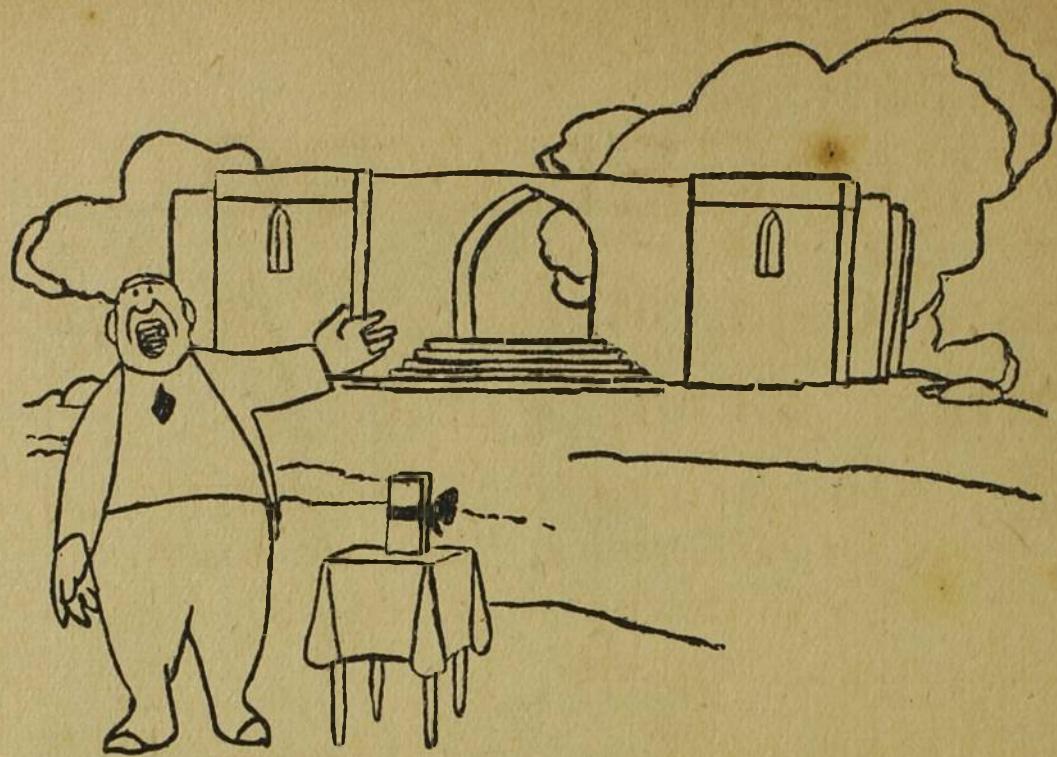
DIA DE MUITO...



— Eta ironia! Honti dia do trabaio; amanhã abertura
do Congresso!

(“D. Quixote” = Rio)

UM CASO SENSACIONAL



— Meus senhores ! Temos a honra de participar que até o fim do anno que vem será collocado mais um tijolo na nossa futura Cathedral ! ...

(*D. Quixote — Rio*)

ANNIVERSARIO OFFICIAL



Brasil — Afinal, ainda não descobriram quando fui descoberto ?

(*"Jornal do Brasil" — Rio*)

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a laboura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a laboura.

**Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

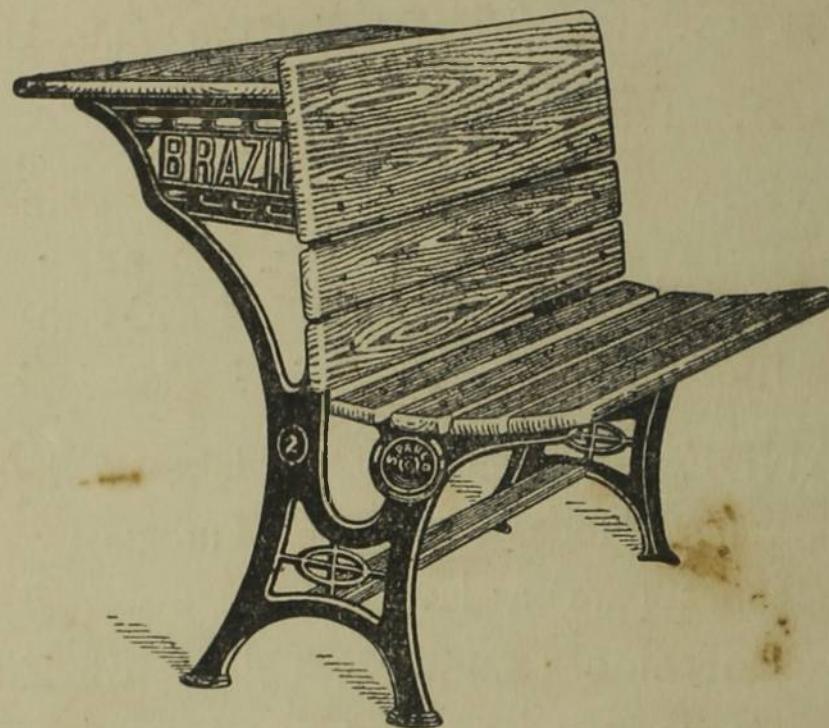
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua Florencio de Abreu, 112 - S. Paulo

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —
J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216
SÃO PAULO